

ANO 2021

EDIÇÃO 3

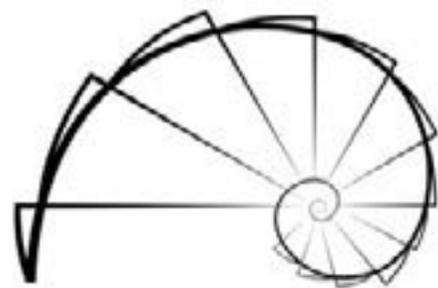


ARTRILHA

revista

ARTRILHA

revista



Artrilha Editora

ARTRILHA **revista**

Edna Carla Stradioto

ISBN: 978-65-991768-4-5



3a. edição - abril de 2021

Published by Artrilha Editora

Edição

Edna Carla Stradioto

Corpo editorial

Edna Carla Stradioto

Henrique Stradioto

Rafael Zafalon

Projeto gráfico e edição

Edna Carla Stradioto

Arte da capa

Ary Fran | Pureza | Fotografia | 42x29,7cm | 2013

Revista Artrilha

É um projeto digital do grupo Artrilha, cuja publicação é gratuita, assim como a distribuição, sendo totalmente proibida a cobrança e venda da publicação.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Stradioto, Edna Carla
Artrilha : revista [livro eletrônico] / Edna Carla
Stradioto. -- 3. ed. -- São José do Rio Preto, SP :
Artrilha Editora, 2021.

PDF

ISBN 978-65-991768-4-5

1. Artes 2. Artes - Brasil 3. Artes visuais
4. Artes plásticas 5. Artistas brasileiros
6. Artrilha (Revista) I. Título.

21-60439

CDD-709.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Revista Artrilha : Artes visuais 709.81

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos desta edição reservados à Artrilha Editora

@artrilha

EDITORIAL



Edna Carla Stradioto

@estradioto

edna@ednastradioto.com.br

Edna Carla Stradioto é artista plástica, fundadora e administradora do grupo de artista independentes Artrilha: artistas criando trilhas, sócia da Artrilha Editora, na qual é editora-chefe. É mestre em teoria da imagem pela UNESP e doutoranda na mesma área pela Universidade do Minho. Com o Artrilha já criou os projetos da Revista Artrilha, Salão Nacional de Artes Visuais Virgínia Artigas, e tem em andamento os leilões de arte Artrilha.

Olá,

Em suas mãos está a mais nova edição da Revista Artrilha. Terceiro volume de um projeto que nasceu em 26/04/2020 e que teve sua primeira edição lançada em 13/08/2020, cujo número de downloads já ultrapassa os 3,6 mil. A segunda edição, lançada em 09/12/2020 já superou os 8,1 mil downloads e continua a nos surpreender a cada estatística. Muito além de levantamentos e contagem de downloads, a Revista Artrilha vem se mostrando capaz de agradar a um público diverso e isso sempre nos mostra que estamos no caminho certo. E por que acreditamos estar acertando, nossa responsabilidade e profissionalismo sempre aumentam.

Por isso que a Revista Artrilha 3 vem com novidades, mas mantivemos importantes colaborações: a madrinha da revista, Patrícia Reis Buzzini no prefácio, e a coluna de Oscar D'Ambrósio, que também assina as críticas de arte de cada um dos quarenta artistas da revista.

De novidade temos dois novos colunistas. Maurício Siqueira, importante colaborador da revista, que vai trazer as atualidades do design de interiores e arquitetura. Já o outro colunista é fotógrafo Fernando Vianna, convidado especial para falar do mundo da fotografia, tema dessa revista.

E, por falar em fotografia, a revista convidou para a arte da capa o fotógrafo Ary Fran. Tudo que pedimos a ele foi “traga humanidade e alegria”. Ele trouxe várias opções, uma mais linda que a outra, mas quando eu coloquei o olho na foto da capa, eles se encheram de lágrimas e eu me emocionei. Eu sabia que aqueles dois garotinhos na bicicleta roubariam outros corações além do meu. E você vai poder apreciar o trabalho de Ary porque além da capa ele é nosso artista convidado e vem como primeiro artista do grupo.

Mas essa edição tem algumas páginas dedicadas a uma pessoa muito especial. Trata-se de Maria Helena Breda, artista plástica que era do grupo Artrilha, mas que partiu numa tarde de janeiro, e deixou um vazio enorme na minha vida, e também no grupo. Essa partida sem despedidas, de alguém que se ama tanto, não podia passar sem homenagem. E Maria Helena aparece no final das colunas, antes de todos os demais artistas, com a última foto que enviou para o Artrilha, um texto que eu escrevi sobre ela e contém muitas das frases e comentários da própria Maria Helena, pois eu tentei capturar um pouco da essência dessa mulher extraordinária, grande amiga e pessoa encantadora que tanto nos faz falta. Há também em suas páginas, as duas últimas artes que ela compartilhou no grupo. A homenagem também ocorre pelas mensagens de alguns artistas do Artrilha. Espero que tenhamos honrado a memória dessa artista e amiga tão importante para nós.

Falar dos artistas integrantes da edição é sempre uma experiência incrível porque ao final da revista, e por ter passado tantos dias debruçada nos arquivos, artes, biografias, críticas, e material de cada um, eu crio um vínculo muito forte com cada um. Eu os vejo em suas criações e passo a admirá-los em outra instância, coisa muito difícil de explicar. Há um encantamento no meu olhar para com eles, como se eu pudesse saber todo o percurso percorrido por eles, suas dores e superações, suas trajetórias e vitórias, seus conflitos e obstáculos, seu amor pela arte.

Há uma magia em fazer a Revista Artrilha que eu não sei nem como colocar em palavras. É o projeto de vida que me deu oportunidade de trabalhar mais na produção cultural e me abriu diversas portas, em especial eu posso dizer que me ofereceu um mundo novo para explorar, múltiplos desafios, inúmeros contatos e ampliação de networking, mas também experiência no mundo editorial e de design gráfico, que eram coisas que sempre tive vontade, mas pouca chance de me aprofundar. Acima de tudo, a revista me oferece a cada edição a vontade de fazer mais e melhor, e eu nunca paro de ir além por causa dela, por ela e para ela.

Há uma alegria profunda em trabalhar em cada página, uma vontade gigante de ser essa comunicação entre o artista e o mundo, e a aspiração em ser relevante no mercado cultural.

Espero que você leia nossas colunas do começo ao fim, que aprecie cada arte e veja a beleza que existe em cada uma delas, e que compartilhe com seus amigos e contatos esse projeto que não é importante só para mim, mas para as artes visuais porque é por meio dela que muitos artistas encontram motivação e ambição de continuar suas carreiras e alcançar seu público.

Um grande abraço.

Edna Carla Stradioto

QUEM SOMOS



Artrilha: artistas criando trilhas

@artrilha
editora@artrilha.com.br

O Artrilha começou como um grupo de artistas visuais, mas por determinação e garra de sua fundadora e administradora, mas passou a ser um produtor cultural. Por intermédio da Artrilha Editora, o grupo é responsável pela Revista Artrilha, por organizar o Salão Nacional de Artes Visuais Virgínia Artigas (1ª edição aconteceu em 2020), e os leilões de Arte do Artrilha realizados na plataforma oficial de leilões.

O grupo conta com grupo de Facebook, perfil no Instagram, grupo no Whatsapp e outro no Telegram. Aos poucos o Artrilha vai se espalhando e mostra ao que veio: criar trilhas.

Entre em contato conosco! Ficamos muito felizes quando algum artista visual encontra significado em sua jornada ao se juntar a nossa #familiaartrilha. E, se você não tiver muita certeza, siga nossos perfis e confira nossa atuação, marque seus posts com a #artrilha e ficaremos de olho em você.

Um abraço,

equipe Artrilha

PREFÁCIO



Patrícia Reis Buzzini

@patriciareisbuzzini
patrbuzzini@hotmail.com

Patrícia Reis Buzzini é doutora em Estudos Linguísticos pela UNESP de Rio Preto, trabalha como escritora, tradutora, poetisa e articulista nas revistas Bem-Estar e Vida & Arte do Jornal Diário da Região.

FOTOGRAFIA, ARTE E PERCEPÇÃO DA REALIDADE

A pandemia do Covid-19 já provou que tem tudo para configurar mais um capítulo sombrio na história da humanidade. Nesse período de incertezas, a escrita jornalística, a literatura, as artes plásticas e a fotografia se destacam por garantir que fatos, acontecimentos e informações permaneçam acessíveis às gerações futuras. Muito além das famigeradas “selfies”, a fotografia abarca um amplo leque de possibilidades: fotografia documental, fotografia de rua, fotojornalismo, fotografia de retrato, fotografia de natureza, fotografia preto e branco, entre outras. De acordo com Jean Baudrillard, polêmico sociólogo e filósofo francês, fazer uma imagem de um objeto significa “extrair todas as suas dimensões, sucessivamente: o peso, a profundidade, o cheiro, o espaço, o tempo, a continuidade e obviamente o sentido”. Autor de vários

livros sobre o poder da imagem, Baudrillard afirma que a atividade fotográfica pode ser interpretada como um ato de resistência ao ruído, ao movimento, ao automatismo, ao que se perdeu. Intuitiva, performática, in loco, a fotografia é a resposta do momento. Ao se congelar uma cena, atingimos uma perspectiva mais contundente do que a própria imagem cinética. Somos transportados a uma espécie de espelho que reflete a realidade sob diferentes ângulos, mais límpidos e detalhados. E porque não poéticos?

Apesar de todos os atributos mencionados acima, a fotografia nem sempre esteve equiparada ao conceito vigente de arte, permanecendo alheia ao circuito de grandes galerias até o final do século XIX. Essa situação começou a mudar graças ao pioneirismo de personalidades como Julia Margaret Cameron, fotógrafa britânica que experimentou registrar imagens “desfocadas” de celebridades da sua época. Um dos primeiros fotógrafos a ter fotos expostas em um museu foi Alfred Stieglitz, norte-americano que promoveu a fotografia como meio criativo e conquistou notoriedade ao reproduzir fragmentos de nus humanos. Seguindo essa trilha, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MOMA) criou um departamento específico de fotografia em meados da década de 1970, abrindo caminho para novas práticas no mercado de arte. Outros fatores relevantes para a consagração da fotografia como manifestação artística referem-se à adoção de práticas semelhantes às utilizadas nas artes plásticas – como a impressão de séries numeradas e limitadas – e o boom do mercado da arte nos anos oitenta.

Até pouco tempo, era comum acreditar que a fotografia deveria reproduzir a realidade sem qualquer tipo de interferência. Na chamada ética do recuo, o fotógrafo deveria afastar-se da cena para garantir fidelidade à imagem. Felizmente, alguns profissionais não se contentaram com essa posição idealizada de anonimato, transportando a fotografia a patamares de expressão da realidade, de fonte narrativa e de reflexão crítica. Nessa linha de pensamento, enquadra-se o trabalho de Lewis Hine, fotógrafo icônico cujos registros da rotina de trabalhadores no interior de fábricas americanas, no início do século passado, foram responsáveis por alterar a legislação de trabalho infantil nos EUA. Outro nome de destaque, Dorothea Lange, empenhou-se na tarefa de immortalizar a rotina de camponeses e imigrantes durante o período da Grande Depressão norte-americana, chamando a atenção da sociedade para temas como a xenofobia e a exclusão social. Mais recentemente, Sebastião Salgado tem conquistado respeito e admiração por conciliar conteúdo ético e beleza estética em imagens que nos convidam a construir um novo olhar sobre a cultura indígena e a situação de miséria em grandes centros. Segundo Salgado, um bom fotógrafo não fotografa com sua câmera, mas com sua cultura.

Em face de tantas histórias de protagonismo, aproveito para parabenizar a Revista Artrilha pela oportuna homenagem à fotografia nesta terceira edição que, por sinal, deve repetir o sucesso das anteriores. Além disso, vale mencionar o caráter extremamente simbólico da fotografia em preto e branco, selecionada para ilustrar a capa, fazendo alusão à inevitável presença do realizador na imagem e corroborando perspectivas contemporâneas de fotografia como linguagem que parte do coletivo para o individual, ou seja, para o tão esperado fazer artístico.

Patrícia Reis Buzzini

COLUNISTA



Oscar D'Ambrósio

@oscardambrosioinsta
odambros@uol.com.br

Oscar D'Ambrosio é Pós-Doutor e Doutor em Educação, Arte e História da Cultura, Mestre em Artes Visuais, jornalista e crítico de arte.

PARADIGMAS DA ARTE DO SÉCULO XIX

O calendário cristão teve início no ano 1 depois de Cristo porque não houve o ano zero. Portanto, o século 21 não começou em 2000, mas em 2001. As décadas, em consequência, começam no ano 1 de cada uma delas. Este texto vai focar brevemente quatro obras de arte deste século que trazem questionamentos sobre o que é produzir arte contemporânea.

A primeira é “99 Cent II”, díptico de 2001 (a primeira obra é de 1999, em um trocadilho com o título), é formada por fotografias coloridas, cada uma com 2,07 x 3,37 m, de Andreas Gursky (Alemanha, 1955). As obras retratam o interior de um supermercado com corredores repletos de mercadorias com o valor indicado no título, sendo uma crítica à sociedade de consumo.

As pessoas aparecem diminutas e o amálgama de cores sugere uma abstração ou um código de barras. Alteradas digitalmente, as imagens são resultado de impressão colorida cromogênica (“c-print”), processo químico utilizado em laboratórios rápidos que gera reproduções de cores que somem com o tempo, assim como as mercadorias de 99 cents.

A segunda é a performance “The House with the Ocean View”, realizada por Marina Abramović (Iugoslávia, 1946) em Nova York, em 2002, ainda sob o impacto dos atentados de 11/9/2001. Em uma cidade que experimentara uma grande vulnerabilidade, a artista ficou, na Sean Kelly Gallery, sem comer, apenas bebendo água, ou falar durante 12 dias.

Em um ato de purificação individual e coletivo, transitou entre três setores de uma casa (banheiro, sala e quarto de dormir), com a frente aberta para o público, que compartilhava de toda sua intimidade. A saída dela ou a entrada de alguém no espaço construído era impossibilitada por escadas cujos degraus eram facas afiadas de açougueiro.

Algumas pessoas ficaram mais de quatro horas nessa observação. Muitas voltaram por vários dias. A experiência estabeleceu uma nova dimensão da passagem do tempo, principalmente quando se pensa na dinâmica de Nova York. Assim, a performance explorava as relações entre o artista e a plateia, os limites do próprio corpo e as múltiplas possibilidades da mente.

A terceira é “The Weather Project”, realizado, em 2003, na Tate Gallery, em Londres, pelo dinamarquês Olafur Eliasson (1967). A instalação apresentava uma névoa artificial que se dissipava no espaço perante uma gigante forma circular composta por centenas de lâmpadas de mono frequência, que emitem luz que permite visualizar somente o amarelo e o preto.

O ponto de partida da obra é a prevalência do clima no início das conversas cotidianas, algo já apontado pelo escritor do século XVIII Samuel Johnson. O sol e céu são trazidos para dentro do museu, que ainda oferecia a oportunidade de o público visitar a estrutura elétrica e as máquinas que viabilizavam a exposição, um complexo e fascinante projeto multidisciplinar.

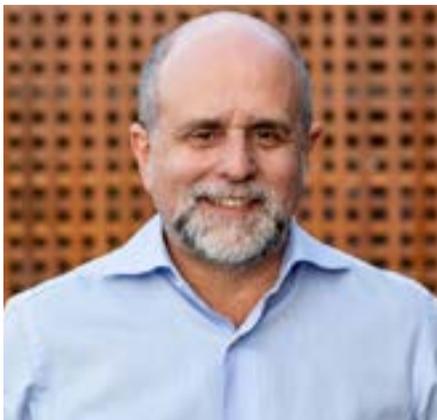
A quarta é “Kitchen” (2004), de Thomas Demand (1964), foto impressa em c-print) baseada em registros visuais que soldados dos EUA fizeram no espaço em Tikrit (Iraque) onde o líder Saddam Hussein foi capturado em 2003. Após uma primeira impressão de realidade, observa-se, por exemplo, que o “fogão” não tem marcadores de temperatura.

Escultor e fotógrafo alemão, Demand realiza trabalhos em que fotografa modelos tridimensionais feitos de papelão e papel de salas em que ocorreram eventos históricos. A semelhança das imagens com a realidade questiona a função das imagens no mundo contemporâneo de deixarem de ser representações do real para serem o próprio real.

As quatro obras, cada uma a sua maneira, lidam com elementos da natureza. Gursky enfoca o mundo prático dos negócios (terra), Abramovich trabalha com a metáfora da visão do mar (água), Eliasson se debruça sobre a força do sol (fogo) e Demand questiona a relatividade de tudo o que se vê (ar). Assim a arte persegue seus caminhos neste começo de século 21.

Oscar D'Ambrósio

COLUNISTA



Maurício Siqueira

@mauricio.siq

mauricio@siqmarketing.com.br

Maurício Siq é formado em Publicidade & Propaganda e pós-graduado em Marketing Estratégico, conta com mais de 35 anos de experiência é CEO da Casacor Ribeirão Preto, Casacor Franca, e Design Forum. É também fundador da Siq Marketing, além de ser palestrante, mentor e consultor, atuando no Brasil e em especial, em Milão, Itália.

A VIDA COMO ELA É...

DESTAQUE: APESAR DE TUDO, MUITA COISA BOA SURTIU NESSE NOVO MOMENTO, NESSE NOVO TEMPO. A VIDA NÃO SERÁ MAIS A MESMA E COISAS BOAS ESTÃO ACONTECENDO.

Quando comecei a escrever esse texto a convite da ARTRILHA, pela querida Edna Stradioto, pensei no momento que estamos vivendo com muitas transformações, em todas as frentes desde o modo de morar, usar a casa e a inserção do universo cultural música e arte mais acessíveis. Apesar de tudo, muita coisa boa vai impactar no modo de viver, do morar, no comportamento e as muitas possibilidades e oportunidades, que ainda vão aparecer.

Mesmo com tantas provocações e transformações pelas quais estamos passando desde o início de 2020, com a pandemia tomando conta do planeta, os momentos de lockdown, polaridade política, má condução do plano de vacinação, dificuldades extremas como a fome, perdas de familiares, empregos, dignidade, crises existenciais, “coisas boas estão acontecendo”. Sim, sempre tem um contraponto na vida. A internet das coisas, agilizou evolução em ao menos 10 anos com o uso da web de uma forma transformadora. A forma de trabalhar em home office, aulas e cursos on line, compras de tudo sem sair de casa, o delivery, as “lives” com conteúdo de todo o tipo, shows de artistas de todo lugar em sua casa – muita coisa sem custo algum. Em 2021 surgiu Club House (mais uma rede social), promovendo encontros com pessoas e tribos de sobre os mais diversos assuntos, e o movimento rápido do instagram, possibilitando as “lives” com mais pessoas, novos apps, academia on line, muita coisa interativa, leilões de arte e pulverização de informações em larga escala e os serviços de streaming. A tecnologia científica possibilitou, em um tempo inimaginável, o desenvolvimento de vacinas e testes em laboratórios espalhados por todo o mundo, trabalhando em colaboração, com um foco só, salvar o bem mais precioso: nossas vidas.

Mergulhamos de cabeça no universo digital ou figital (físico e digital). A possibilidade do acesso transbordou para que tudo possa ser visto nos quatro cantos do planeta no horário mais adequado para cada um de nós. Visitar o MoMa, o Louvre, o Reina Sofia, as galerias de arte e artesanato brasileiro, conhecer novos artistas plásticos, escultores, pintores, grafiteiros, performáticos e profissionais que disseminam a cultura das mais diversas formas. No universo do morar as mostras de decoração, se apresentaram digitais e híbridas, onde tudo pode ser visitado dentro de sua casa, ou fisicamente dentro de todos os protocolos de higienização, como a CASACOR RIO DE JANEIRO, que vai até maio também. A arte e a cultura se tornaram acessíveis a todos e estão mais democráticas.

Com a reclusão, passamos a “viver” nas casas em que morávamos e ficávamos algumas horas do dia. Ficamos mais juntos da família, cozinhamos juntos, dividimos as tarefas da casa e os ambientes para trabalhar e estudar. Ganhamos tempo e espaço para buscar conhecimento, estudar, trabalhar, treinar, se dedicar a um novo hobby, fazer sua imersão espiritual, palestrar, aprender algo novo, desenvolver novas habilidades, criar novos horizontes, melhorar nossa vida. O primeiro movimento foi acomodar o que existia para o novo momento de uso, o que parecia impossível. Com o passar do tempo de reclusão, outros movimentos de mudanças nos interiores da casa como as reformas se iniciaram. As mudanças também ocorreram. Quem podia e morava em apartamento pequeno procurou um maior, quem morava em apartamento foi para uma casa, na cidade, na praia ou no interior. As casas precisaram acomodar toda a família.

A pandemia despertou um grande poder de transformação nesse novo tempo e o coletivo passou a ter valor. Colaborar permite crescer junto, desenvolver em grupo, avançar mais rápido e unir pensamentos diferentes em um só para criar algo inovador com diferentes experiências, e pessoas de diversas partes do mundo unidas em um só propósito.

Ações colaborativas sociais espetaculares, como o Gerando Falcões dentro das favelas e periferias comandado pelo Edu Lyra e o G10 Favelas coordenado pelo Gilson Rodrigues, que faz uma belíssima ação social na comunidade de Paraisópolis. Esses movimentos impactaram a todos. Dividimos comida com quem está passando fome, doamos cestas básicas, roupas nos varais solidários, compartilhamos oportunidades de empregos, sendo mais solidários. Nas comunidades a arte já provou ser um dos grandes movimentos de inserção.

No campo da arquitetura, um movimento para valorização dos espaços aparece de forma interessante. O espaço passou a ter um valor maior, afinal, passamos a usar mais nossas casas. Os espaços amplos e abertos, com mais iluminação natural passaram a ter um novo olhar nos projetos de arquitetos e designers de interiores. As paredes caem para ampliar o espaço visual proporcionando uma ampliação visual. O pé direito duplo (altura do interior das casas), é um ponto alto atingindo os novos edifícios, com alto valor agregado. Tudo isso sem perder o lado aconchegante e gostoso se estarmos em casa para viver mais tempo com a família.

O novo morar abre espaço para a valorização do natural, do simples, do “menos é mais”, do local, da nossa cultura, no olhar para dentro, nas histórias da família, nas experiências das viagens, no “faça você mesmo”. Acho que passamos a ser e transmitir mais calor humano e afeto que o distanciamento tirou.

A valorização da arte e da cultura brasileira, tem um espaço maior e reconhecido para aos poucos ocupar um espaço maior dentro da casa de cada um. Da arte digital, do artesanato dos ribeirinhos, das rendas do nordeste, do reuso dos materiais, de uma forma simples de mostrar quem de fato somos nós, nossa cultura e nossos valores.

Maurício Siq

COLUNISTA



Fernando Vianna

@fernandovianna_foto
vianna@kaluana.com.br

Fernando Vianna é fotógrafo e designer gráfico. É autor do livro fotográfico Desmemórias em parceria com Inês Till, lançado em 2018, Brasil e Portugal. Co-Autor do livro fotográfico Identidade, lançado em 2019. Pós gradua-se em 2020 em Gestão de projetos Culturais no Senac-SP e em 2021 lança o canal Coffee and Photo no Youtube analisando alguns dos mais relevantes livros de fotografia.

MUSEU INSTAMAGRÁVEL

O universo de arte atual pressupõe algum conhecimento prévio por parte do visitante de exposições afastando aqueles que são meros curiosos ou iniciantes, diz Caroline Carrion¹ “Entre a curiosidade e o desprezo (discernível em frases como “meu filho poderia ter feito isso”), em geral o visitante – cujo coletivo assume a forma do “público geral” – sente-se distanciado da produção cultural de seu tempo. Assim, a esfera artístico-cultural, que deveria ser um dos campos aglutinadores da sociedade, vê-se, ao menos nas artes visuais, restrita a iniciados”, referindo-se ao mercado de arte.

Por outro lado, exposições de apelo popular, tem levado um público cada vez maior a museus e espaços expositivos, contando com auxílio de divulgação de mídia espontânea dos próprios participantes através do compartilhamento das imagens em redes sociais.

Os museus e locais de exposições tem se rendido à tecnologia dos smartphones por exemplo, suspendendo a proibição do seu uso e fazendo dessa ferramenta um elemento de divulgação popular. “A compulsão de documentar, fotografar e compartilhar com seus amigos pode ser uma extensão disso, pois é, em certo sentido, uma economia baseada na experiência em que vivemos. Portanto, não é surpresa que as pessoas se sintam compelidas a fazer essas coisas que fazem usualmente.” diz Cliff Lauson, curador sênior da Hayward Gallery².

Massimiliano Gioni, diretor artístico do New Museum de Nova York, sugere que qualquer grande exposição tenha momentos fotogênicos. Gioni cita a *America* (2016) de Maurizio Cattelan, um vaso sanitário em pleno funcionamento em ouro de 18 quilates “o público está fazendo o trabalho fotografando-o e participando de sua distribuição pelas mídias sociais. O que é apresentado como diversão e tempo livre é uma forma de trabalho coletivo para produzir a obra de arte. O banheiro de Maurizio foi fascinante como uma reflexão geral sobre o que esses momentos instagramáveis significam. É um fenômeno que parece certo de afetar os museus e seus visitantes nos próximos anos.”³

Giselle Beiguelman⁴ em sua coluna na Rádio USP discute as transformações culturais quantitativas nas gerações de imagem, nunca se produziu tantas imagens “Esse espectro, no entanto, é ambivalente, porque essa nova cultura visual oscila entre possibilidades de democratização do acesso ao audiovisual, novos regimes estéticos, superexposição, vigilância e rastreamento.”

Segundo o Smithsonian o videoclipe de “Apheshit” de Beyoncé e Jay-Z que mostra cenas no interior do museu do Louvre propiciou um aumento de 25% na visitação anual consolidando o museu como a instituição de Paris a mais popular. *Corpos Celestes: A moda e a imaginação católica do MET* foi a mais visitada em NY em 2018 (superando os *Tesouros de Tutankhamun* de 1978) e no museu de Xangai. Coordenada pela editora da *Vogue* e ícone da moda Anna Wintour, mostra relações entre moda e obras de arte religiosas específicas, com coleções de Gianni Versace, Dolce e Gabbana, Yves Saint Laurent, Riccardo Tisci, Balenciaga, Thierry Mugler, Christian Lacroix e Jeanne Lanvin.

Michelangelo, segunda mais visitada em 2018 – apresenta obras iniciais do artista, de 53 museus diferentes, reunidos pela primeira vez, entre

esboços, esculturas em mármore, pinturas iniciais e trabalhos em madeira. Em terceiro lugar Do HO Suh: Quase em casa, em exibição no Museu de Arte Americana do Smithsonian, com desenhos, esculturas de tecido em pequena escala, esculturas imersivas em larga escala, “instalação altamente passível de Instagram” segundo a colunista Meilan Solly do Smithsonian.com⁵.

O Brasil aparece em 11º lugar das exposições mais visitadas em 2018 com o FILE Eletronic Language International Festival no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro que reuniu 120 obras totalmente imersivas, de vídeo games a animações. Tarsila Popular em exposição no MASP em 2019, apesar do enorme sucesso, não teria entrado nessa lista das 20 mais de 2018 com uma média de 3.700 visitantes/dia aproximadamente, porém a #tarsiladoamaral apresenta 40.253 publicações e #tarsilapopular 7.482 no Instagram⁶ contando com selfies de artistas famosos e influenciadores, que muito provavelmente impulsionaram a mostra.

Analisando as exposições de maior público no mundo em 2018 observamos que o fator “rede social” está transformando a maneira como as pessoas conhecem e interagem com essas exposições, procurando temas e lugares instagramáveis, palavra de ordem na realidade atual.

A atualização de museus e espaços culturais deve necessariamente levar em conta o uso da tecnologia, tanto na realização das exposições como na divulgação pessoal dos visitantes em suas redes sociais. Propiciar espaços para interação dos visitantes, imersividade e áreas fotogênicas são demandas do público atual. Colocar quadros na paredes, por melhor que seja o tema, a curadoria ou artista já não condiz com a realidade do público geral.

Fernando Vianna

¹ Reflexões sobre arte, mercado e transparência - 23 out 2019, 12h16 POR CAROLINE CARRION - https://www.sp-arte.com/noticias/reflexoes-sobre-arte-mercado-e-transparencia/?fbclid=IwAR0SUtkK9oR3B_IMGRA4gP6iTCVRxVgatb_-LvoYtTvwltjF_yRecTsKm_Y

² <https://www.theartnewspaper.com/feature/art-in-the-age-of-instagram-and-the-power-of-going-viral>

³ <https://www.theartnewspaper.com/feature/art-in-the-age-of-instagram-and-the-power-of-going-viral>

⁴ https://jornal.usp.br/atualidades/livro-discute-o-impacto-das-redes-na-cultura-visual-contemporanea/?fbclid=IwAR1v_xw1Fui3uX8L5-J_YFCnPsgLCMo4f2xdJz37J18u6A7hnoGkLOf-03c

⁵ <https://www.smithsonianmag.com/smart-news/these-were-2018s-most-popular-art-exhibitions-and-museums-180971794/>

⁶ Em 08/12/2019

HOMENAGEADA



Maria Helena Breda

Maria Helena Breda foi uma artista plástica que integrava o grupo Artrilha: artistas criando trilhas. Era formada em artes visuais com especialização em óleo sobre tela e em aquarela.

Saudades...

Maria Helena nos deixou na tarde de quarta-feira, no dia 13 de janeiro de 2021, eu falei com ela pelo Whatsapp horas antes do acidente, quando ela me disse que sairia de Ribeirão Preto. Eu soube da notícia no dia seguinte, e fiquei em choque.

A participação da artista na minha vida foi muito além da convivência que ocorria por causa da interação do Artrilha. Ela fazia questão de conversar comigo no privado, seja por mensagens, áudios ou telefonemas. Eu nem sabia que tudo aquilo que ela me falava era tão importante e me marcaria para sempre.

Quando lançamos a Revista Artrilha 2, em que ela participou, ela estava muito feliz, e escreveu no grupo: “o que a Edna Stradioto tem feito pela arte, por nós artistas, é de uma grandiosidade imensurável.

Quando o artista atende o chamado dela, o feedback é imediato. Obrigada Edna”. Ela estava orgulhosa de si mesma, mas acima de tudo, agradecida. Essa era uma característica marcante da personalidade dela, sempre grata ao mundo e com pensamento positivo.

Eu fui atrás das mensagens dela no celular e todas elas se tornaram ainda mais importantes. Dizendo que as dicas que eu passava ao grupo tiravam “a gente da bobeira”. Sempre deu valor ao que eu enviava e também sempre opinava sobre a importância do grupo na vida dos artistas. Mas foram algumas mensagens que me fizeram sentir um nó na garganta e as saudades apertarem ainda mais, em especial: “bom mesmo é estar viva”, quando se referiu ao artista ser reconhecido em vida, pelo seu talento e obra. E sobre o próprio fazer artístico ela contou: “a tela é um desabafo da mente, ora boa, ora ruim. Já reparou isso?”.

Ela sempre encontrava um elogio para qualquer um dos artistas, e invariavelmente era muito gentil. Para mim, carinhos especiais do tipo: “Edna, você é muito demais!!! Uma *bitinha* do meu coração” ou “Edna linda, *migli* muito queridíssima”. Como o grande Guimarães Rosa, ela criava léxicos para expressar-se carinhosamente com toda a gente, e fez isso comigo em várias situações.

Era fácil falar com ela porque rapidamente você já falava com o coração, e ela sabia ouvir. Em 2020 foram tantas conversas, sobre a vida, sobre as dificuldades, sobre as resoluções. Eu contava minhas dores, ela as dela. Mas ainda assim, na mensagem de Natal ela escreveu para o Artrilha: “com vocês foi fácil enfrentar a pandemia, com vocês aprendi sobre arte, com vocês senti que a amizade acontece pela mente”, e no ano novo: “que venha um 2021 saudável! 2020 foi um ano de aprendizado, busca interior, aprendemos o valor da vida e do próximo”.

Eu penso nela todos os dias, porém nessas últimas semanas, eu me flagrei pensando nela em várias situações. Momentos em que ela me daria parabéns pelas conquistas, mas me consolaria e me pediria para não desistir, para eu ser forte, que o “Artrilha vai longe”. Ela não me deixava esmorecer, sempre vindo ao meu afastamento com cuidado e preocupação, cuidando de mim como uma mãe, mesmo que tivéssemos pouca diferença de idade. Ela cuidou de mim! Várias vezes, e eu sinto falta da voz dela, e do amor dela.

Uma das últimas mensagens da Maria Helena para nós foi a foto de costas, em que escreveu: “eu, toda bonitona, admirando a Mata Atlântica”. E após a foto, houve a menção em se visitar Rio Preto, e os vários colegas que aqui vivem. No dia 12 de janeiro, véspera do acidente de carro, ela escreveu: “entendo que o Artrilha ninguém segura, subindo dia após dia, merecidamente. Maravilha!!!”. E então, não houve mais mensagens da nossa querida Maria Helena.

Tentamos homenageá-la como pudemos no grupo, com mensagens e posts nas mídias sociais, mas eu sabia que isso não seria suficiente. Continuamos falando dela, sentindo sua falta, pensando nela, rezando por ela. Então, criar esse espaço na Revista Artrilha 3 me pareceu um belo tributo. Eu até posso ouvi-la falando: “eu, de novo na Revista Artrilha?” com ar de espanto e felicidade. Por isso, aqui nesse espaço, as duas últimas pinturas que ela enviou ao Artrilha e que me parecem mais significativas do que quando foram enviadas ao grupo. Nós nunca nos esqueceremos dela. E lá onde ela está, sei que estará sempre torcendo por nós, e cuidando de mim.

Também me pareceu pertinente dar voz aos amigos do Artrilha, e deixar que eles pudessem falar com o coração diretamente a ela. Assim, após as imagens de duas obras da Maria Helena e da crítica de arte de Rafael Zafalon para a segunda obra, há alguns depoimentos de artistas, feitas especialmente para a revista. Para você, Maria Helena, eu falo diretamente: até qualquer dia. Um dia a gente se encontra e você vai querer escutar tudinho com detalhes e eu vou contar, sim. Obrigada por tudo. Obrigada.

Edna Carla Stradioto



Maria Helena Breda | Benção de Maria | Pintura à óleo | 110x46cm | 2020

“Maria Breda falava com todo mundo. Falava sobre tudo e quando não sabia, perguntava. Vida de roça era com ela mesmo, então a gente falava de vez em quando também sobre o tema. Maria era da paz, da turma do deixa disso, mas apoiava quando a treta era justa. Deixou um muro vazio pra pintar, a chuva atrapalhou Mas no verão vai sair coisa boa - disse ela. Um dia ela fez um Painél e perguntei: É um auto retrato, Breda? - Não, é um anjo, respondeu. Para mim aquele anjo era ela. Nossa Amiga foi pro céu antes da gente ter a chance de se falar mais...”

Raymond de Sá, a quem ela “apelidou” de Edymond



Maria Helena Breda | Anjo com Alaúde | Pintura à óleo | 80x70 cm | 2019

*Assim viveu a flor
Que mesmo na dor
Foi formosa
Inquieta rosa*

*Não lhe falta a cor
Vermelha do amor
Cheia de prosa
Sabichona essa rosa!*

*Dançarina da chuva
Ponto fora da curva
Soa eterna esperança
Renascendo em viva criança.*

Memórias são roseirais, infinitas, inquietas, espinhosas na saudade e sedosas de esperança. Ouça e repita, como num réquiem infinito: a arte existe porque a vida é efêmera! Duradoura? Nas angústias, parece suprimir a eternidade. Na volúpia, percorre e finda o tempo, sem consenso. Assim foi Maria Helena, suave como a brisa e forte como a tempestade. Sua pintura, única e despretensiosa, de bagagem folclórica, figura costumes típicos da cultura popular brasileira e usa de referências formais na representação das mais variadas linguagens das artes. O legado de todo artista se mensura pela persistência da obra, entre espaço e tempo. Assim, ela permanecerá viva em suas criações, inquieta nos corações e vigorosa nas memórias dos seus. Com meus sinceros agradecimentos, ao mais profundo sentimento dedicado à Maria Helena Breda.

Rafael Zafalon

“Maria Helena Breda, Estrelinha do Artrilha. Temos lindas lembranças e guardaremos para sempre todo o seu carinho em nossos corações. Uma artista querida, que agregou muito valor ao nosso Artrilha. Amamos você eternamente.”

Lícia Valim

“Maria Helena Breda, apesar da recente amizade, mas não posso deixar de dizer, da sua força e influência na arte, tampouco, deixar de dizer do seu sorriso aberto que sempre via, mas como braços fortes no Artrilha, sempre era pontual e profissional na maneira de nos compartilhar postura e técnica. É realmente uma perda valiosíssima. Pintaremos honras a Maria Helena Breda.”

R. F. Bongarten

“Artrilha com suas curvas formam uma espiral que traz crescimento. Nessa jornada Helena descobriu o amor pela arte e a vida junto com outros artistas. Mas foi com Edna que ela criou um laço de amor e admiração vibrando na mesma frequência energética. O anjo que ela iria pintar no mural, chegou e levou Helena para fazer uma trilha maior: Fazer com uma jornada de pintura de amor pelo planeta Terra, tocar os corações sofridos com as cores curativas de Deus.”

Arte Divina Graça

“Maria das artes, trilhou na terra, agora no céu. Maria, Maria. Maria Artrilha, nossa Maria! Maria, Maria, o dom das arte, o dom da magia, brilhou na terra, agora no céu. Maria, Maria. Breda Maria. Tão simpls, Maria. Maria cor, Maria vida, Maria amor.”

Terezinha Bilia

“Como falar de Maria Helena Breda? Falar sobre ela é falar de amor, de família, de cuidado, de exemplo de força e dignidade. Coração gigante e atitudes nobres, amiga de todas as horas que partiu sem ao menos dizer adeus! Gostaria que soubesse que jamais irei esquecer você. Adeus minha querida amiga e que você descanse em paz...”

Cida Fallone

Artistas

ARTISTA DA CAPA: ARY FRAN	29
ÁGUEDA VALENTIM	35
ALCINA MORAIS	39
AMA LUNA	43
AMARANTE	47
ANA ROCHA	51
ANDREA KRAUSE	55
ANTONIO CAVALCANTE	59
ARTE DIVINA GRAÇA	63
BEATRIZ BASSO	67
BERNARDO MEDEIROS	71
CÍNTIA MORATO	75
CLARA AFONSO	79
CRISTINA RAVAGNANI	83
ELIARA BEVILACQUA	87
EVELYN GONORETZKY	91

FABIANO GONÇALVES	95
FATIMA MARQUES	99
GÊIZA BARRETO	103
GRETTA WENZEL	107
IZABEL ALCOLEA	111
JBITTAR	115
LEILA BISCUOLA	119
LEILA COSTA QUAGLIO	123
MALVACCINI	127
MARCELO LOPES	131
MARIZE F. CANABRAVA	135
MATEUS MORBECK	139
PATYLENE	143
PLINI F	147
R. F. BONGARTEN	151
REGINA SGANZERLA	155
RODRIGO MOTTA	159
ROSELI JACOBSEN	163
SANDRA ANTUNES	167
SAYURI FUKUOKA	171
SICAVALCANTI	175
SUELY BOGO	179
SUZANNE GOMIDE	184
THEREZA TOSCANO	187



Ary Fran

@ary_fran

ary_fran@yahoo.com.br

Ary Fran (São Miguel do Gostoso - RN, 1985) é artista visual, fotógrafo autodidata. Inicia sua carreira em 2012 com seu primeiro projeto, o “Retrato da Comunidade”, executado no interior de São Miguel do Gostoso, registrando a vida cotidiana e, a partir dele, conquista uma seleção no Concurso Internacional Hamdan Bin Mohammed Bin Rashid Al Maktoum International Photography Awards (HIPA). Em 2017, publica seu primeiro livro, a unificação de seu projeto com os resultados obtidos até então e intitulado-o como o projeto criado cinco anos antes, “Retrato da Comunidade”. Já em 2020, o engenhoso fotógrafo participa de sua primeira exposição coletiva em São Paulo, integrando editoriais de revistas especializadas e catálogos de leiloaria brasileira.



Ary Fran | Pulo | Fotografia | 42x29,7cm | 2015

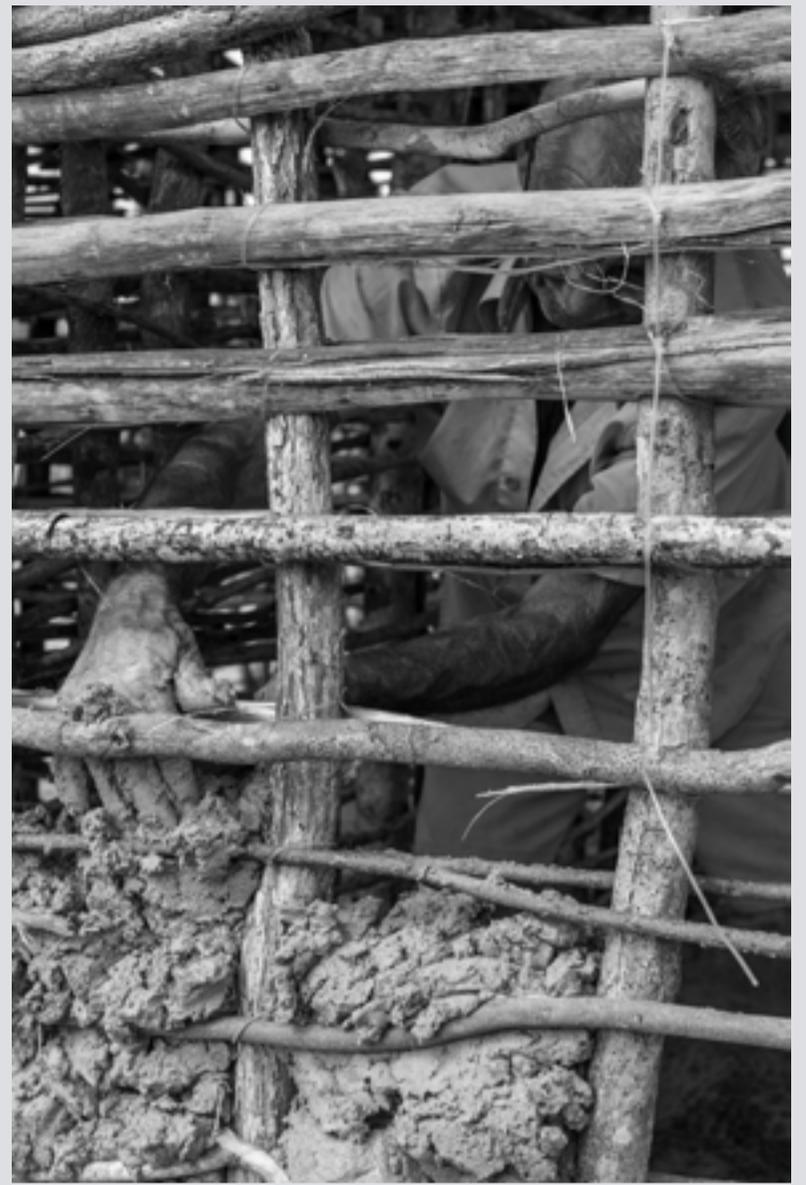
Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Visualidades, de Ariclens Silva

O pensamento fotográfico é uma jornada de desenvolvimento de uma inteligência visual. O primeiro passo é estar com o olhar atento para tudo ao redor. Existe uma poesia em todas as coisas. Muitas vezes, porém, parece que não estamos prontos a captar essa beleza do cotidiano. Manter a mente e os olhos despertos torna-se uma espécie de mantra para que o despercebido passe a ser registrado. Surgem assim possibilidades de estabelecer múltiplas relações que podem passar a ser um consistente trabalho visual. Ariclens Silva encontra em uma criança pulando na praia ou no diálogo de uma delas com um carro de boi a manifestação de uma visualidade. Fotos se tornam uma maneira de interpretar o mundo em certo contexto. O segredo está na disponibilidade para tudo captar, sem preconceito, para depois selecionar aquilo que se considera simbólica ou plasticamente mais significativo.



Ary Fran | Aliança | Fotografia | 42x29,7cm | 2018



Ary Fran | Mãos | Fotografia | 42x29,7cm | 2019



Ary Fran | Elo | Fotografia | 42x29,7cm | 2019



Ary Fran | Suprimento | Fotografia | 42x29,7cm | 2015

Próxima página:

Ary Fran | Gato | Fotografia | 42x29,7cm | 2018





Ary Fran | Grãos de Risos | Fotografia | 42x29,7cm | 2014



Ary Fran | Creche da Felicidade | Fotografia | 42x29,7cm | 2016



Ary Fran | Meu Parceiro | Fotografia | 42x29,7cm | 2014

Próxima página:

Ary Fran | Laço | Fotografia | 42x29,7cm | 2014





Águeda Valentim
@aguedavalentim
aguedavalentim@gmail.com

Águeda Valentim, natural de BH – MG, artista Plástica Ceramista, atua com temáticas diversificadas em estilos figurativos e abstratos. Mantém seu atelier a 23 anos onde desenvolve sua produção, pesquisas e experimentações, além de ministrar cursos permanentemente. Também se engaja em projetos, atualmente participa da Exposição “Vestir Cerâmica” 2ª Edição com curadoria de Cibele Nakamura - SP (mar/21) e da Escultura Monumental sobre o Manguezal, projeto da Galeria de Arte Contemporânea Via Thorey, Vitória - ES, trabalho coletivo com participação de Megumi Yuasa e Ivone Shirahata.



Águeda Valentim | Multiplicidade 1 | escultura | 17x13x10 cm | 2019

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Fragmentos, de Águeda Valentim

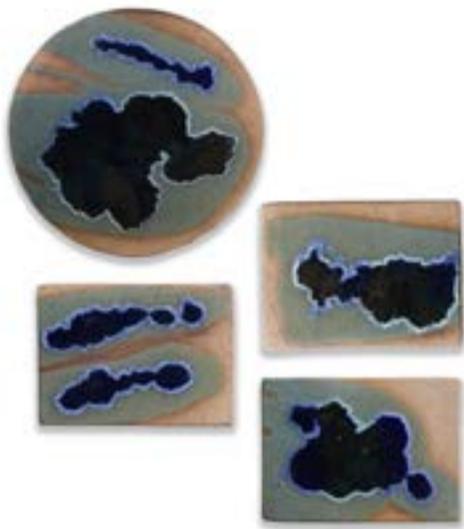
Trabalhar com cerâmica está muito além da criação de objetos utilitários ou de obras consideradas artísticas. Há, no ato de modelar, algumas facetas de extrema riqueza simbólica. Existe o prazer do fazer que se alia a uma busca permanente de alternativas criativas que conduzem a uma progressiva profissionalização. Águeda Valentim, na sua obra, apresenta esculturas que, por exemplo, ao lidar com fragmentos cerâmicos, estimulam uma multiplicidade de interpretações caracterizadas, acima de tudo, pela percepção de que cada obra propicia uma reflexão sobre o processo do fazer, o que foi feito e como o objeto é recebido por quem o contempla e o toca. Nesses aspectos, as cerâmicas da artista fazem pensar no caótico e no cosmológico que cada um tem no seu interior e como tudo isso se articula não só na arte, mas, principalmente, na vida.



Águeda Valentim | Multiplicidade 7 | escultura | 19x15x10 cm | 2019

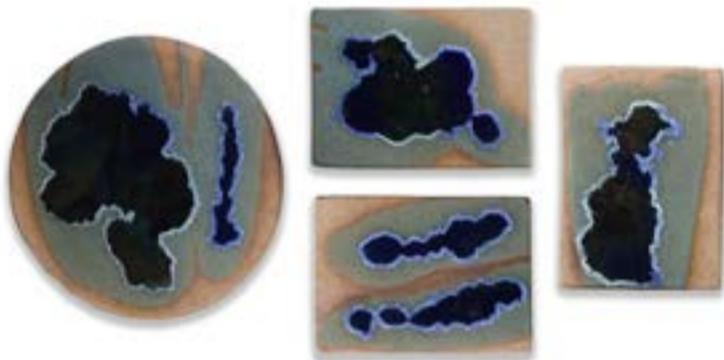


Águeda Valentim | Multiplicidade 8 | Escultura | 19x15x10 cm | 2019



Águeda Valentim | Reflexos do Imaginário | Cerâmica | 60x85cm | 2021

Águeda Valentim | Reflexos do Imaginário | Cerâmica | 60x85cm | 2021



Águeda Valentim | Composição | Escultura | 160x50x-50cm | 2018



Águeda Valentim | Cor Flor do Mar | Escultura | 42x42cm | 2017





Alcina Moraes
@alcinamoraais
alkinoe.52@gmail.com

Alcina Moraes, natural de Minas Gerais. Vive no Rio de Janeiro há mais de 40 anos. É artista visual e trabalha com fotografia, realizando recortes inusitados de cenas urbanas, transformando cores, texturas e formas em imagens quase abstratas e surreais. Em sua formação artística destaca-se: curso de fotografia – ABAF (Associação Brasileira de Arte Fotográfica – 2017); fotografia contemporânea – Ateliê da Imagem – 2015, e a graduação em letras – Português-Espanhol – Faculdades CCAA – 2008. Participou da IV Bienal Internacional de Arte Contemporânea na Argentina – 2018. Também foi premiada em 2º lugar e Menção Honrosa - Categoria Fotografia. Destaca-se em sua carreira a exposição individual – Meu Olhar - ABAF – Associação Brasileira de Arte Fotográfica. Tem em seu currículo exposições coletivas: Rio de Janeiro, São Paulo, Cascais-PT, Barcelona.



Alcina Morais | Vivo Amarelo | Fotografia | 100x66 cm | 2016

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Atmosferas, de Alcina Morais

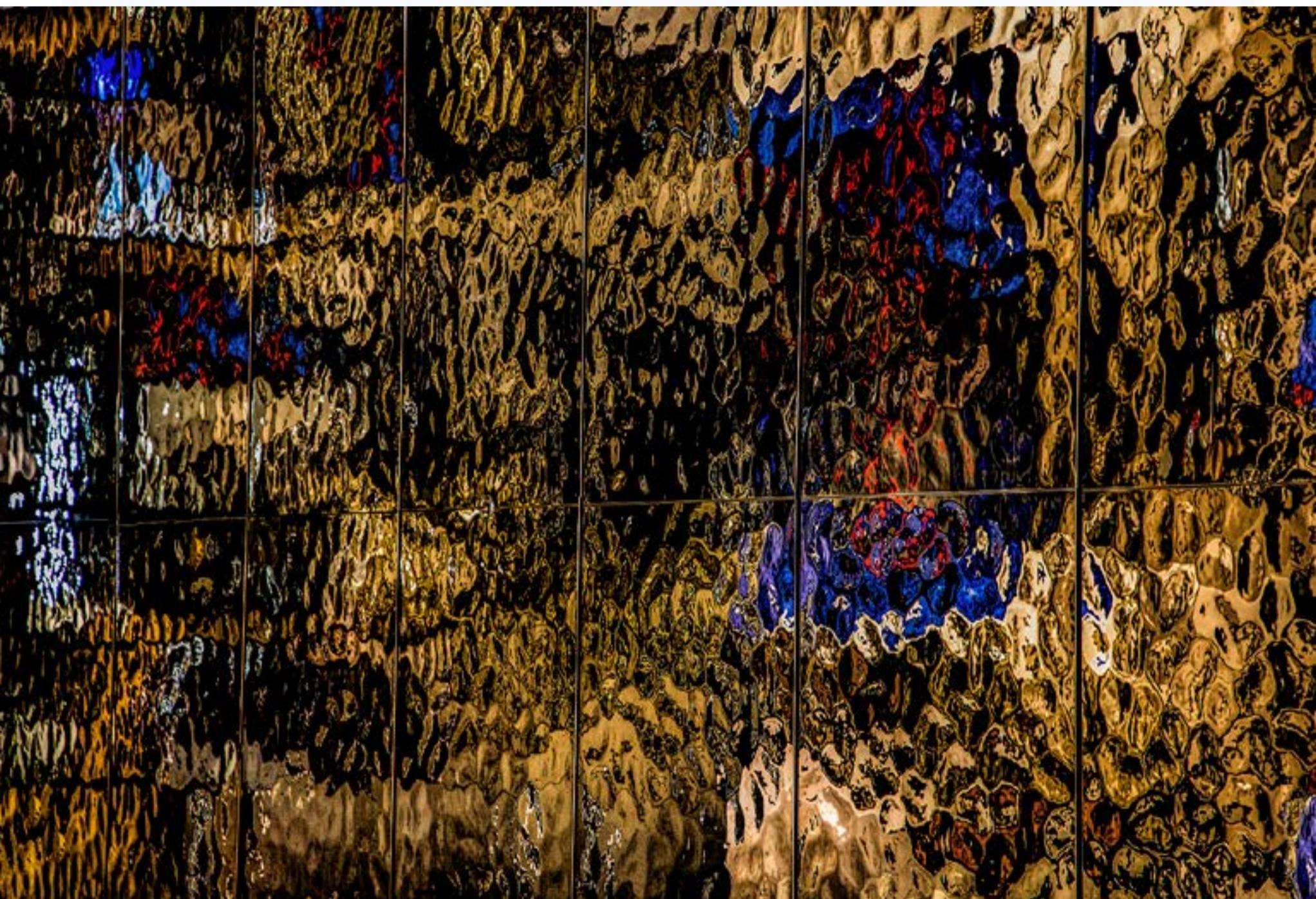
A fotografia é uma representação do mundo que motiva numerosas reflexões sobre aquilo que consideramos real, principalmente em uma sociedade cada vez mais mediada por imagens. Quando se observa um trabalho visual, estamos perante um universo de escolhas que foram feitas ao longo de todo o processo artístico. Cada resultado, portanto, sempre surge de uma série de escolhas que cada artista realiza, de maneira mais ou menos consciente de acordo com a sua proposta poética. Alcina Morais, em suas obras, revela uma constante preocupação com as possibilidades da luz para ampliar o impacto de suas imagens, gerando novos e ampliados significativos. Tons mais elevados ou rebaixados conduzem a pensares mais explosivos ou intimistas. Do mesmo modo, as cores colaboram para a visualidade de texturas que se relacionam a brilhos e transparências que criam atmosferas.



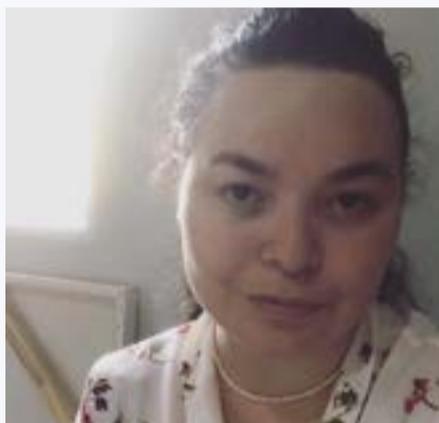
Alcina Morais | Vivo Amarelo | Fotografia | 100x66 cm | 2018



Alcina Morais | Vivo Vermelho | Fotografia | 100x66 cm | 2017



Alcina Morais | O Que Vejo | Fotografia | 90x60 cm | 2018



Ama Luna

@ama.luna

amaurangeluna@gmail.com

Ama Luna é psicóloga, fotógrafa e artista plástica, natural de Santos. Seu trabalho é um misto de expressões artísticas, pintura, fotografia, escrita, expressões corporais/performance/autorretrato, sempre focado na abstração como narrativa expressiva. Atualmente cursa mestrado em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas na Universidade Católica de Santos, unindo Psicologia e Arte em pesquisas acadêmicas, atuação profissional e dia a dia como artista. Desde 2018, desenvolve juntamente com a psicóloga Elaine Matos, cursos e oficinas de qualificação e promoção de Saúde Mental, e desse projeto nasceu em 2020 o Laboratório de Fenômenos Artísticos, onde ampliam as práticas e pesquisa para profissionais das áreas da saúde e educação, como também para pessoas interessadas no tema Psicologia e Arte. Possui um portfolio no site da Vogue Itália, com algumas publicações entre fotografia e pintura. No ano de 2019, teve a oportunidade de ministrar o workshop Narrativas Fotográficas, na 4ª Semana Senac de Leitura sob o tema Mulheres na Literatura.

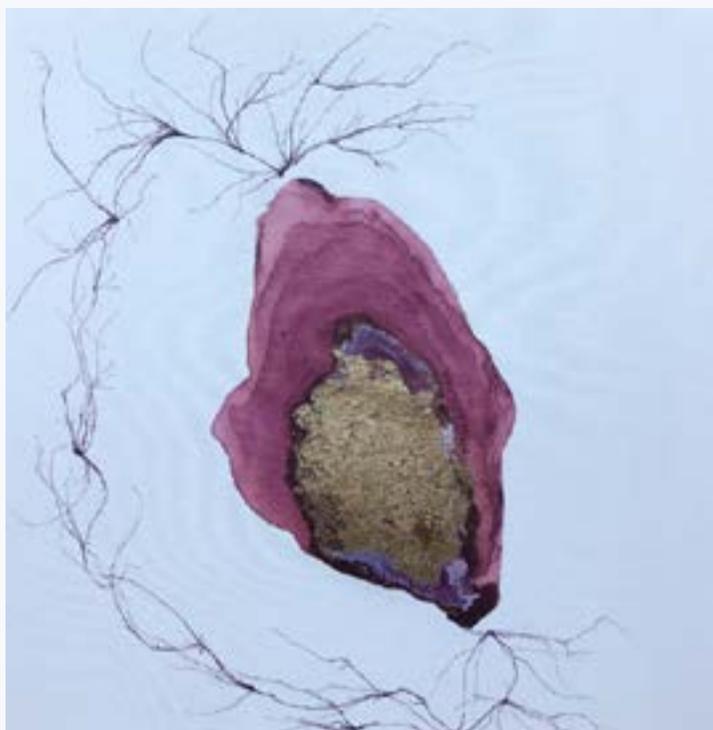


Ama Luna | My colors | Técnica mista | 30x21 cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Expressões, de Ama Luna

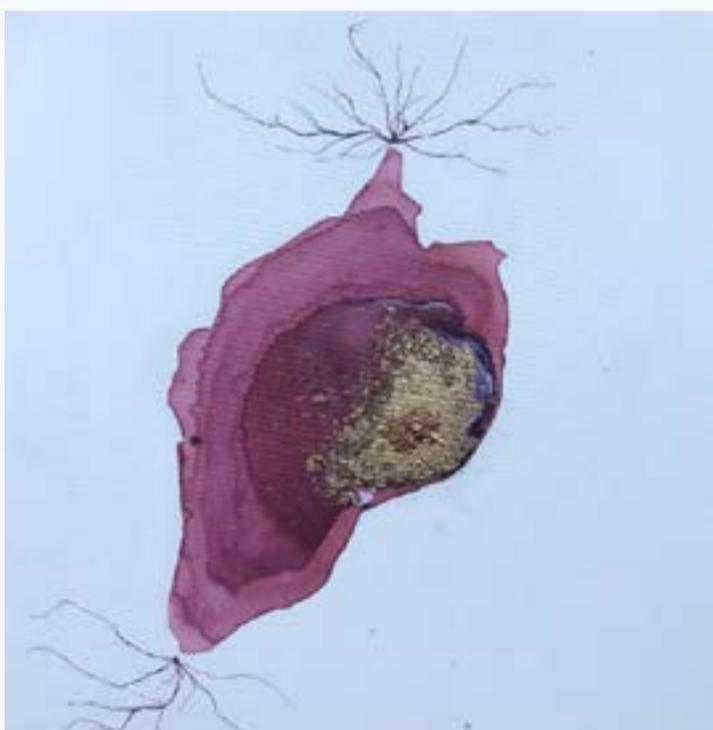
Tradicionalmente, a arte visual é considerada uma possibilidade plástica que costuma ter um pé preferencialmente em uma das seguintes canoas: as impressões e as expressões do mundo. No primeiro caso, existe uma poética que se alimenta muito mais de fora para dentro, ou seja, da maneira que cada criador percebe as formas e as luzes daquilo que o cerca. No segundo, haveria um movimento contrário, caracterizado pela liberdade de mostrar, de dentro para fora, o que está guardado e que, pelos processos artísticos, encontra vazão nas mais diversas técnicas. A arte de Ama Luna apresenta esses dois aspectos, variando de intensidade de acordo com a obra. A atmosfera de cada uma delas ora remete à impressão de uma imagem recebida ora constitui uma expressão mais intensa de um sentimento. De uma forma ou de outra, existe mistério e encanto, matrizes da arte que resiste ao tempo.



Ama Luna | Cristais de Fayga | Técnica mista |
50x50cm | 2020



Ama Luna | Cristais de Fayga | Técnica mista |
50x50cm | 2020



Ama Luna | Cristais de Fayga | Técnica mista |
50x50cm | 2020

Próxima página:

Ama Luna | Nicole | Fotografia pintada |
30x21cm | 2020





Amarante

@amarante.watercolor
joseamarantesantos@gmail.com

Amarante é um aquarelista de Salvador, nascido em Ituaçu/BA, servidor público, de estilo figurativo e que traz em suas pinturas uma narrativa de retorno a espaços idílicos de sua memória, o seu pertencimento urbano às paisagens de Salvador em uma técnica que não se priva da força dos pigmentos para concretizar suas composições.

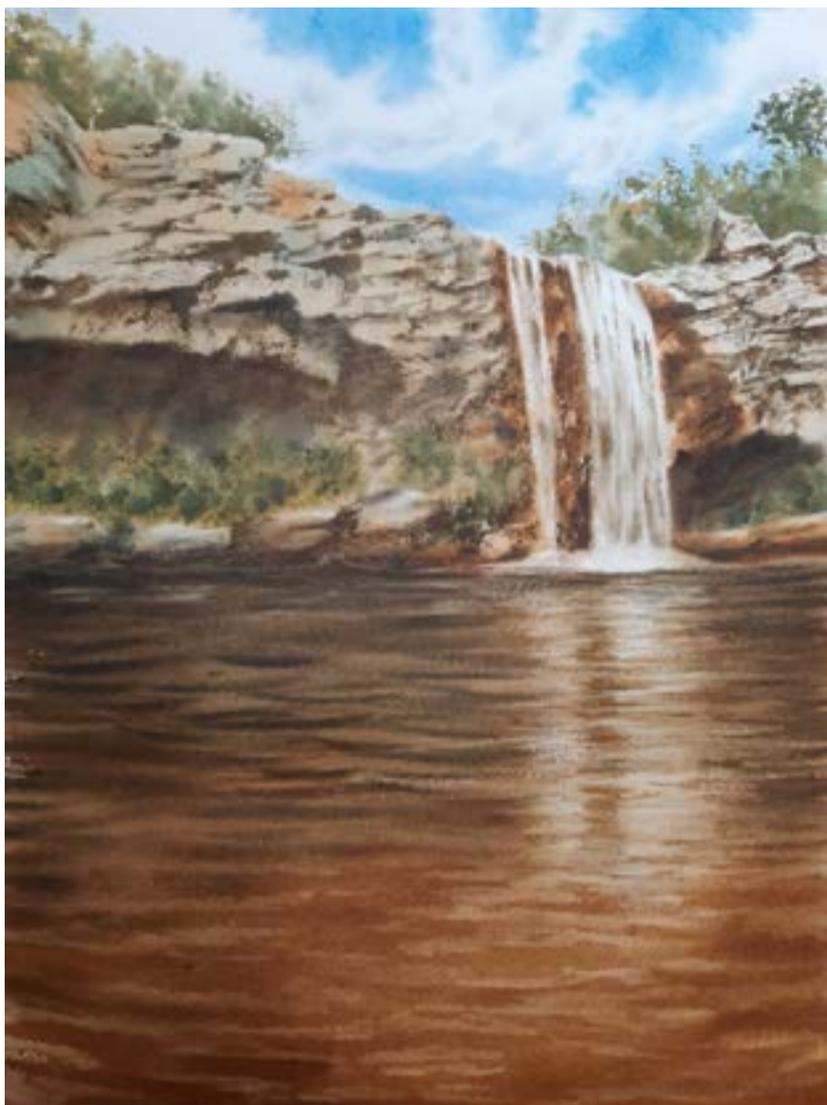


José Amarante | Avenida Setell | Aquarela | 48x64cm | 2020

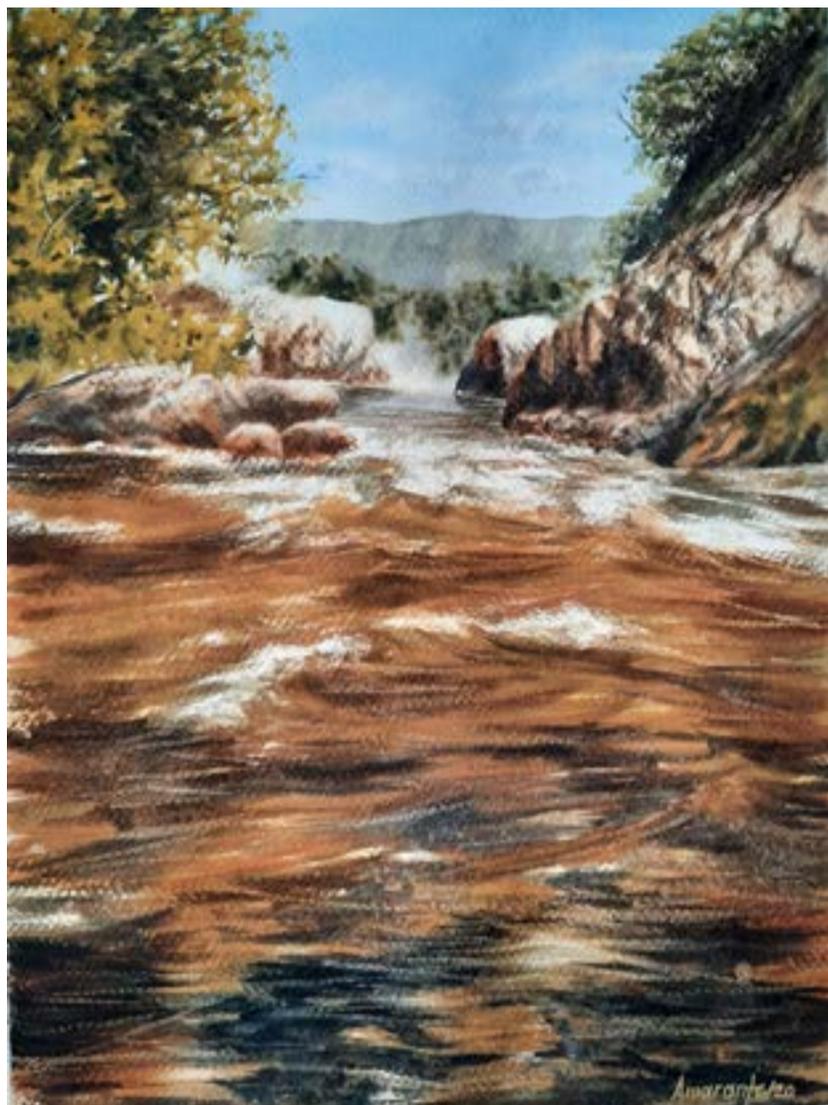
Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Aquarelando, de José Amarante

A técnica da aquarela é repleta de mistérios. Existe uma espécie de dança entre o artista e os seus recursos técnicos para obter os efeitos desejados. Alguns caminham por uma vertente caracterizada pelas manchas e pelas abstrações que elas propiciam. Outros preferem mergulhar em aspectos da realidade conhecida e se valer da delicadeza da pincelada e do gesto para criar atmosferas. José Amarante dá às cenas do cotidiano uma leveza, buscando, em suas composições, estabelecer uma harmonia que leva o público a se sentir aconchegado na imagem. Existe um acolhimento visual na maneira como são dispostas as angulações das ruas e as sombras dos edifícios, assim como no diálogo, por exemplo, da cúpula de um templo religioso com árvores. A pureza do céu, a aspereza das fachadas dos prédios e as tonalidades do asfalto são harmonizadas, encantando o observador.



José Amarante | Cachoeira Chico | Aquarela |
29,7x42cm | 2020



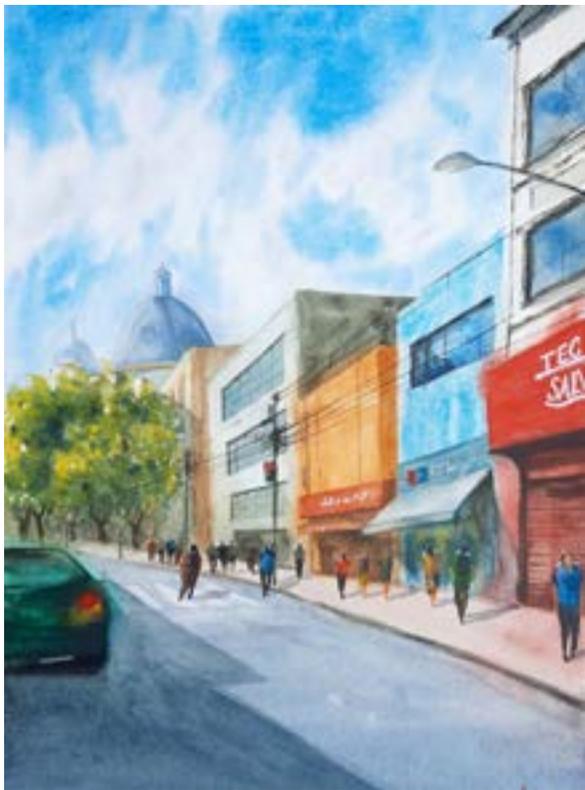
José Amarante | Correnteza | Aquarela |
29,7x42cm | 2020

José Amarante | Roça | Aquarela | 29,7x42cm
| 2020



José Amarante | Vale do Pati | Aquarela |
29,7x42cm | 2020





José Amarante | Avenida Sete | Aquarela |
42x56cm | 2020



José Amarante | Praça Voluntários |
Aquarela | 29,7x42cm | 2020



José Amarante | Rua Chile | Aquarela |
71x50cm | 2020



Ana Rocha

@ana.rocha.art

a.cris.roch@gmail.com

Natural de Brasília, **Ana Rocha** começou seu percurso artístico em São Paulo, onde reside há mais de 20 anos. Com iminente formação em Filosofia, a artista tem no Abstracionismo Geométrico a memória afetiva de quando sua mãe era professora universitária de Desenho Geométrico. A artista brinca com essa linguagem, através da pintura, como um resgate de infância e para unir a Arte aos seus estudos em Filosofia, de forma a ressaltar a importância dos processos de autoconhecimento e, ao mesmo tempo, criar uma aproximação dos conceitos filosóficos clássicos, com o público em geral.



Ana Rocha | Mores | Pintura | 60x140cm | 2020

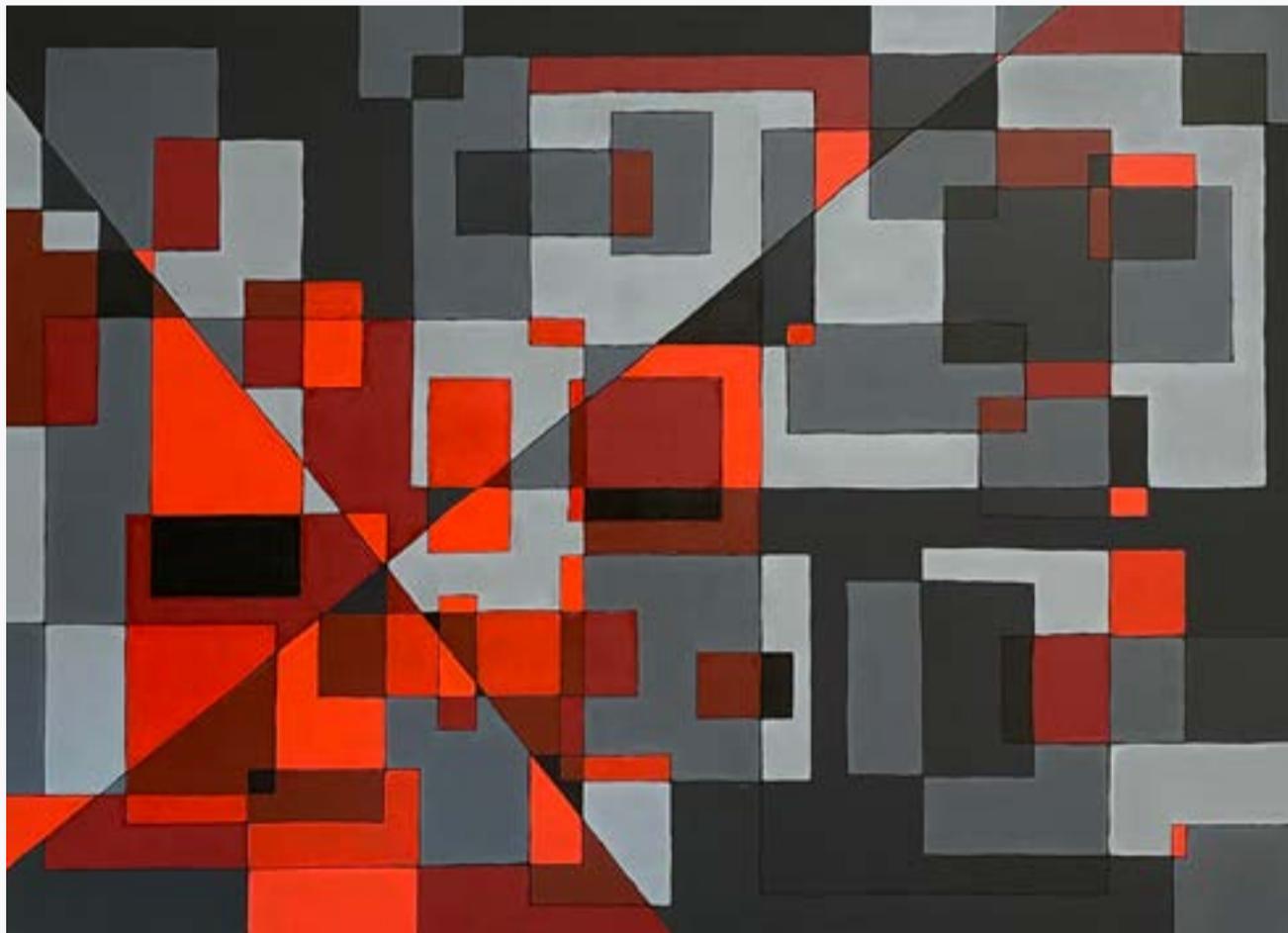
Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Metamorfoses, de Ana Rocha

O universo geométrico se apresenta das mais diversas maneiras. Cada artista visual exercita uma poética que se manifesta sob muitos aspectos. A questão central está em desenvolver uma maneira de pensar que consiga trabalhar em três dimensões: aprender com os mestres do passado, atuar com pesquisas próprias no presente e vislumbrar os caminhos futuros que podem ser percorridos. Esse procedimento mental gera metamorfoses e caminha ao lado dos processos técnicos desenvolvidos para atingir o que visualmente se deseja alcançar. Essas duas veredas (a mental e a da ação prática) ocorrem de maneira simultânea e auxiliam a estabelecer uma gramática própria, em que Ana Rocha concretiza o seu percurso. Um fator fundamental é continuamente buscar novas soluções, o que significa repensar detalhes e ter a mente aberta para todo tipo de transformação.



Ana Rocha | Surveiller et Punis | Pintura | 100x100cm | 2020



Ana Rocha | Thánatos | Pintura | 100x140cm | 2020

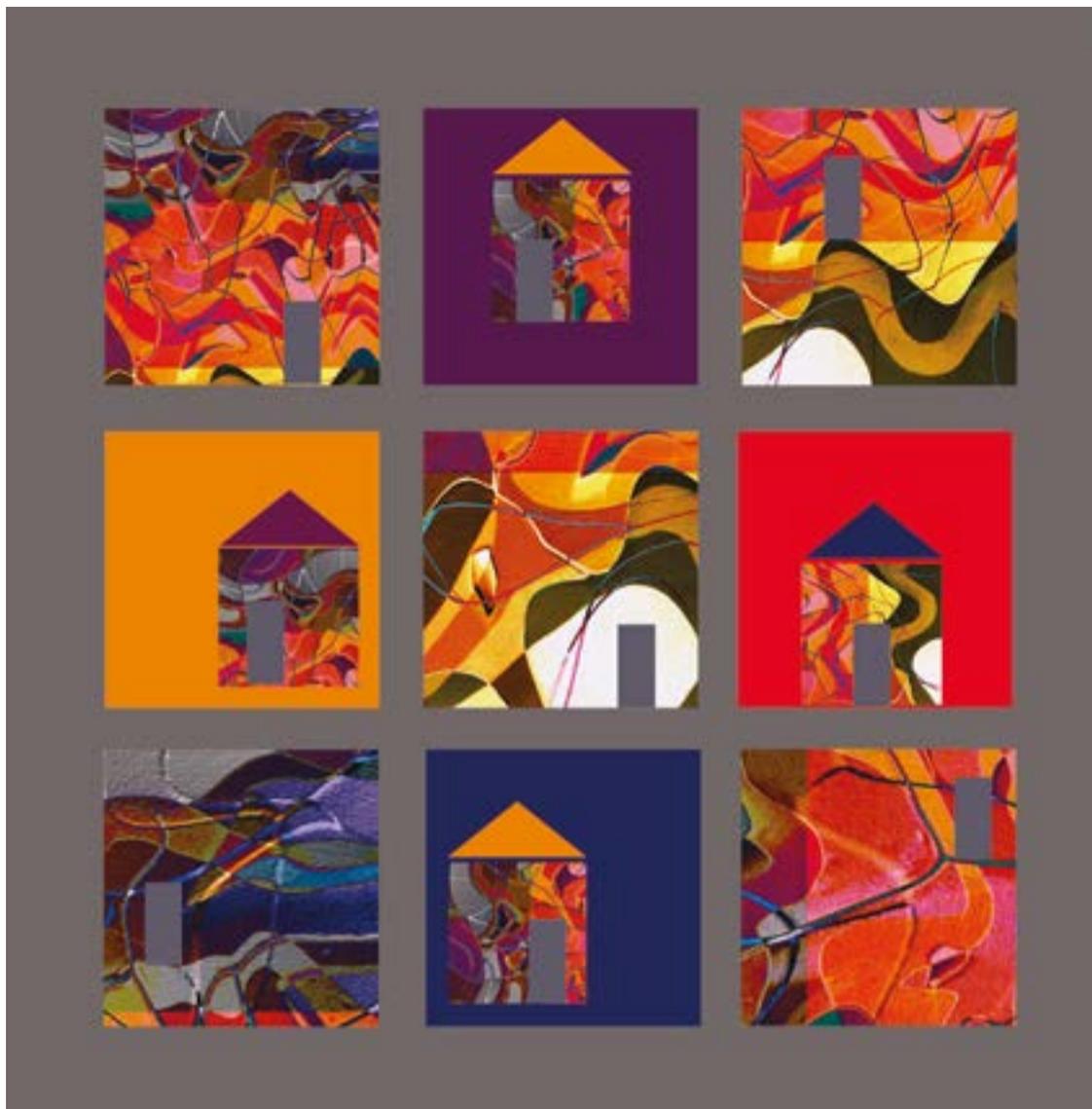


Ana Rocha | Logos | Pintura | 100x100cm | 2020



Andrea Krause
@andreackstudio
andrea_ck@terra.com.br

Andrea C. Krause é designer e artista digital, reside em São Paulo, formada em Desenho Industrial pela FAAP. Inspira-se em planos, sobreposições, grafismos, geometrias, falsas perspectivas e volumes para fotografia e imagens abstratas, manipuladas digitalmente, para o mercado de Fine Art. Utiliza a geometria para expressar seu trabalho, como círculos, quadrados e triângulos, em diferentes suportes. Suas obras despertam reflexões sobre auto conhecimento, o universo e a natureza, numerologia, geometria sagrada, em seu propósito de evolução através da arte. Participa de exposições com temas ligados a sustentabilidade.

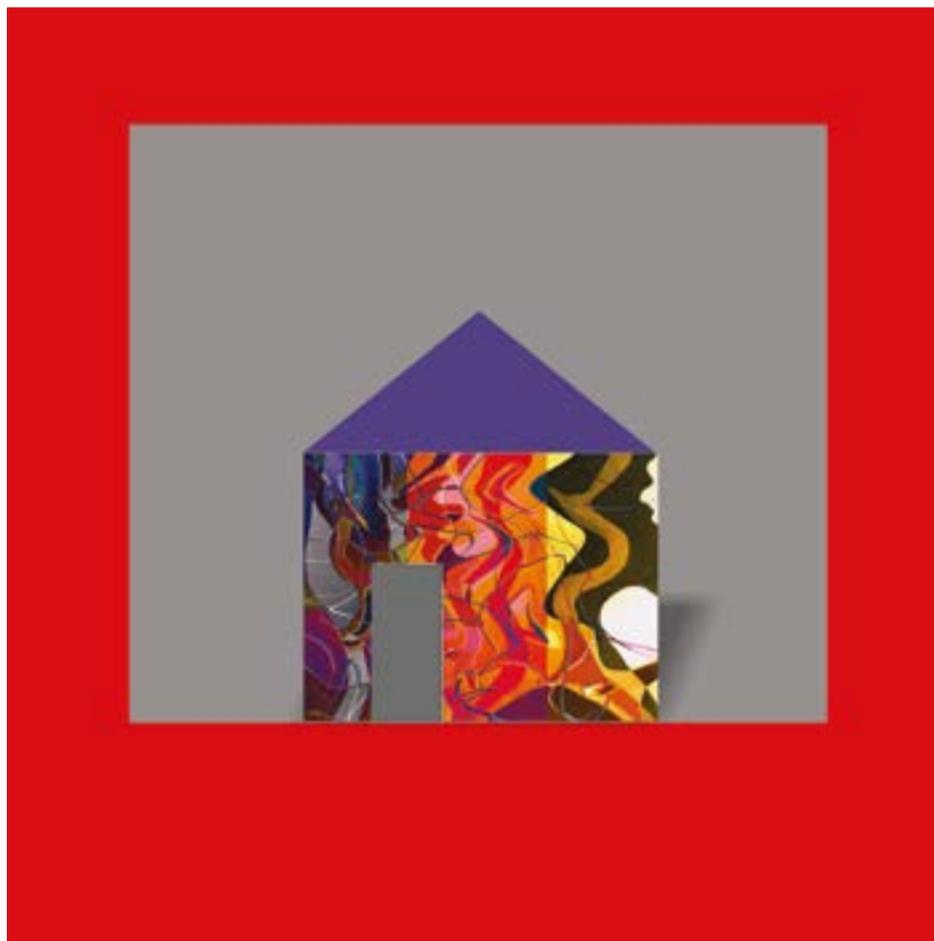


Andrea Krause | Vilarejo | Arte digital | 50x50 cm | 2020

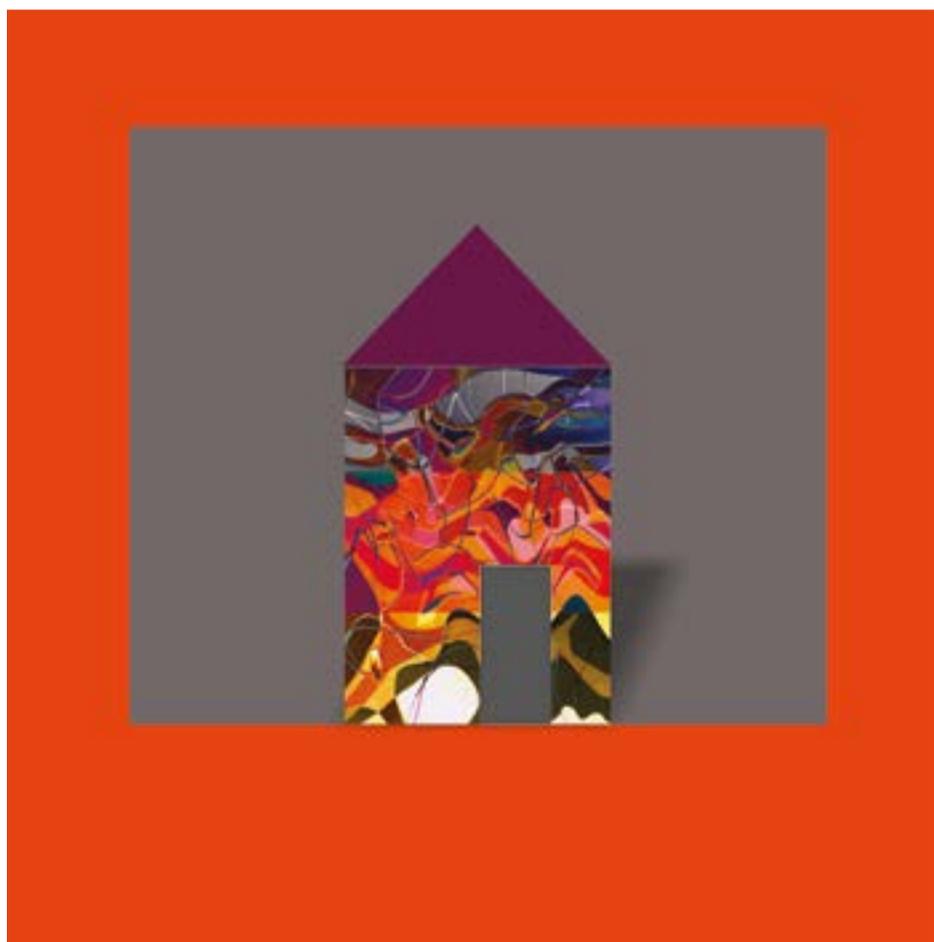
Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Poética, de Andréa C. Krause

A arte digital é um universo de possibilidades. Infelizmente, enfrenta ainda certa resistência de alguns segmentos que a consideram pouco humanizada ou muito tecnológica, incapaz de fornecer àqueles que a praticam recursos criativos. Talvez essa argumentação possa ter se sustentado em algum momento, mas a capacidade dos softwares e dos artistas superarem dificuldades ou acomodações é infinita. As obras de Andréa C. Krause, por exemplo, caminham na direção de uma incessante pesquisa visual. Ela se vale tanto de elementos geométricos, que podem ser intercambiados, como de formas orgânicas, que remetem, por exemplo, a formas e curvas da natureza ou encontradas no fascinante mundo dos fractais. Isso permite a consolidação de uma poética caracterizada por uma jornada que propicia múltiplos pontos de produtivos contatos visuais entre o humano e o tecnológico.



Andrea Krause | Vila Ana | Arte digital | 50x50cm | 2020



Andrea Krause | Vila Maria | Arte digital | 50x50cm | 2020



Andrea Krause | Esferas | Arte digital |
80x80cm | 2021



Andrea Krause | Habitat | Arte digital |
80x80cm | 2021



Andrea Krause | Horizonte | Arte digital |
80x80cm | 2021



Antonio Cavalcante

@antonio_vcavalcante
antonio.vcavalcante@hotmail.com

A obra visual de **Antonio Cavalcante** parece se alimentar desses mitos fundantes na capacidade de instaurar uma atmosfera misteriosa. Assim, o impacto visual é obtido pela progressiva aproximação entre o pensar acurado e o fazer técnico aprimorado.
– Oscar D’Ambrosio, Crítico de Arte. Antonio Cavalcante é Artista, Escritor e Cientista Político, graduado em Letras pela UNESP e University of Georgia, Doutorando e Mestre pela USP, integra também o coletivo da Casa Galeria em São Paulo - SP.



Antonio Cavalcante | Farol e Tempestade | Aquarela | 21x29cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Alegoria, de Antonio Cavalcante

A arte de Antonio Cavalcante pode ser considerada uma representação alegórica do mundo. A sua expressão visual é uma interpretação do que chamamos realidade na qual pensamentos, ideias e pontos de vista aparecem sob forma figurada. Em certas ocasiões, isso se torna mais evidente, como no uso de elementos mitológicos ou da literatura universal, mas também aparece em cenas como a de um farol em meio à natureza bravia, um bastião resistente de razão a enfrentar as forças da natureza, sejam da terra, do ar, da água ou do fogo. Há concepções filosóficas embutidas nas narrativas visuais que estimulam o observador a visualizar, na imagem proposta, maneiras de pensar tanto a si mesmo quanto a sociedade e a integração de cada um com as potencialidades da natureza humana, talvez no caminho de transformar o homem selvagem em um ser cordial.



Página anterior:

Antonio Cavalcante
| Navio e Farol |
Técnica mista |
30x40cm | 2019



Antonio Cavalcante | Caminhada | Arte digital | 40x60cm | 2019



Antonio Cavalcante | Alma e Moinhos | Pintura à óleo | 50x90cm | 2020



Arte Divina Graça

@artedivinagraca
artedivinagraca@gmail.com

Maria das Graças dos Santos é artista plástica que trabalha profissionalmente há 30 anos. Teve seus dons artísticos desenvolvidos desde a infância de forma autodidata utilizando a natureza como referência para o seu aprendizado do desenho e da pintura. Aos 16 anos de idade mudou-se para a cidade de Olinda PE e fez uns cursos artísticos que ampliaram o seu saber artístico. Sua pintura inicialmente seguiu a linha acadêmica da pintura figurativa. Na busca por aprimoramento de sua arte, experimentou várias técnicas em materiais diversos como tecido, tela de pintura, madeira e também arte digital. Sempre com sua intuição em expansão, desenvolver criações personalizadas de acordo com a inspiração do eu superior do cliente. O estilo artístico nas pinturas de mandalas é abstrato trazendo elementos figurativos de acordo com a composição simbólica da inspiração criativa.



Arte Divina Graça | Petrus | Técnica mista | 8,7x12,5cm | 2019

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Graça Divina da Arte, de Arte Divina Graça

Arte Divina Graça apresenta obras que, por diversos aspectos, fazem pensar sobre o significado de um processo criativo. Para alguns criadores visuais, o artista é aquele que se sente motivado a produzir motivado por um desconforto perante o mundo. Isso o leva a percorrer principalmente dois caminhos: estabelece utopias (imagens melhores daquelas que conhece) ou distopias (universos paralelos piores daqueles que o rodeiam). Para outros, a insatisfação perante do artista consigo mesmo é que o motiva a prosseguir. Os trabalhos de Arte Divina Graça colocam a questão sob outra perspectiva. Constituem um grupo imagético que aponta para as energias internas de cada pessoa e representa como elas podem ser harmonizadas para que cada indivíduo se encontre, podendo então se integrar melhor com a sociedade, com a Mãe Natureza e com o Universo.



Arte Divina Graça | Mandala Jardim da Vida | Técnica mista | 30x30cm | 2020



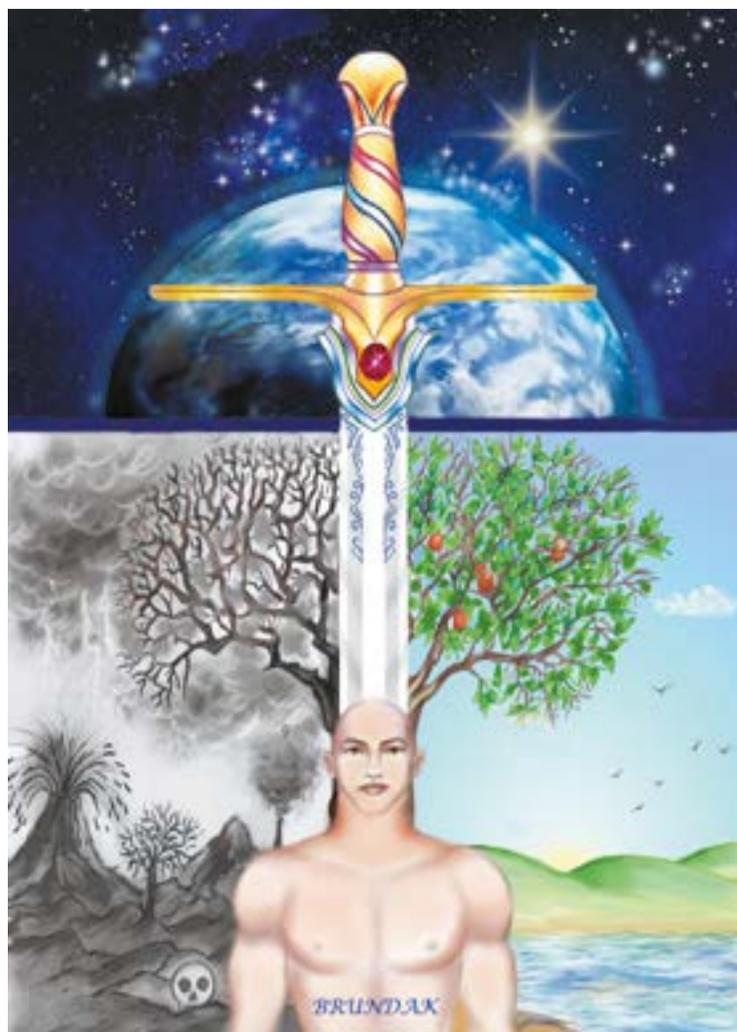
Arte Divina Graça | Mandala Coração Livre | Técnica mista | 30x30cm | 2020



Arte Divina Graça | Mandala Caminho do Sol | Técnica mista | 30x30cm | 2020



Arte Divina Graça | Arton | Técnica mista |
8,7x12,5cm | 2019



Arte Divina Graça | Brundak | Técnica mista |
8,7x12,5cm | 2019



Arte Divina Graça | Meridron | Técnica mista |
8,7x12,5cm | 2019



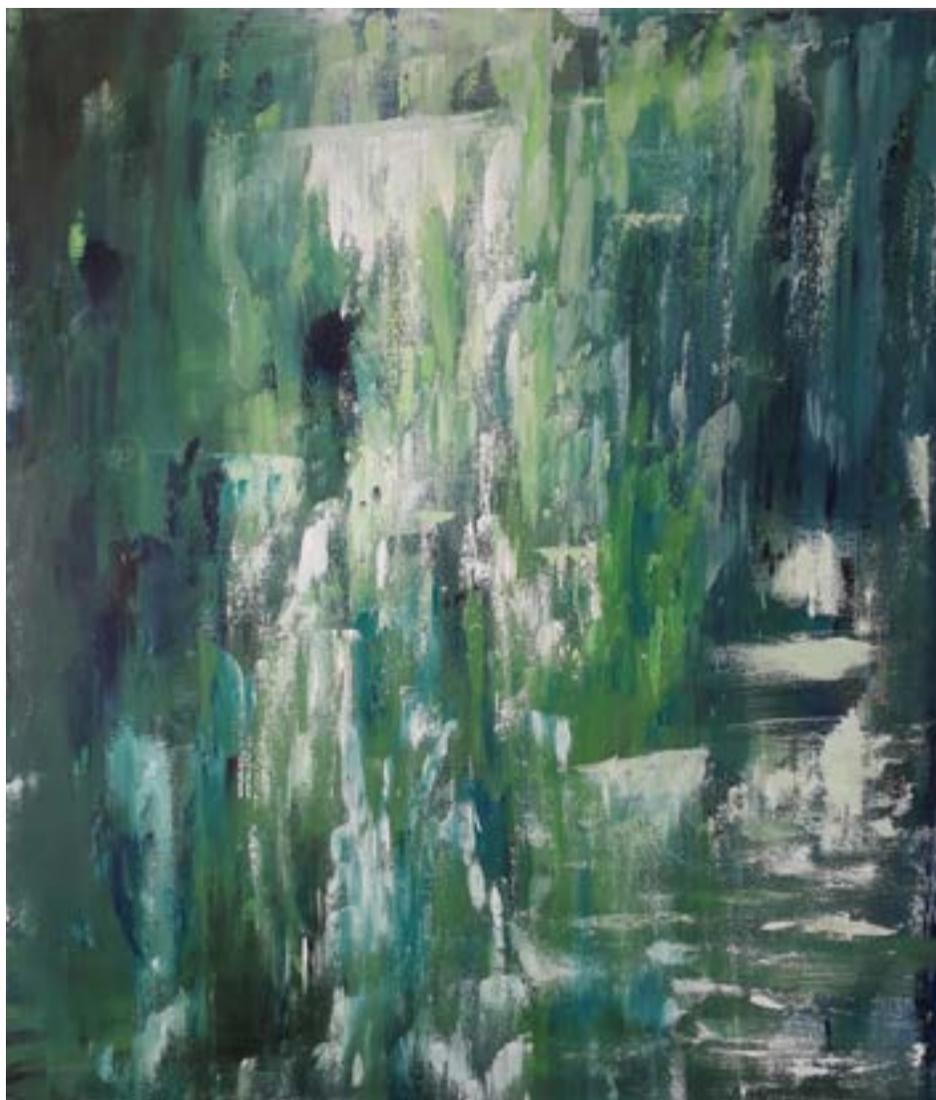
Arte Divina Graça | Mitron | Técnica mista |
8,7x12,5cm | 2019



Beatriz Basso

@beatrizbasso.decora
beatrizbasso@outlook.com

Beatriz Basso (Rio de Janeiro 1965) é artista abstrata gestual que faz pinturas, usando múltiplos suportes, desde telas clássicas até lenços. Sua formação artística começa no Brasil na Escola de Artes Visuais do Parque Lage RJ e, em 2018, gradua-se na Accademia Albertina di Belle Arti di Torino. As praias, matas, águas e cachoeiras vivenciadas na infância e adolescência são a herança visual e espiritual que nutre seu trabalho. Através de seu olhar, Beatriz nos convida a respeitar o meio ambiente.



Beatriz Basso | Água para Floresta Amazônica | Pintura à óleo | 80x70cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Cores, de Beatriz Basso

A cor é um elemento fundamental na criação visual e se manifesta das mais diversas maneiras de acordo com os caminhos percorridos por cada artista. Beatriz Basso mostra essa riqueza de possibilidades visuais e de vertentes de interpretação em seu trabalho visual. As suas obras apresentam nas cores e nas tonalidades um ponto de partida para uma reflexão sobre o ato de estar no mundo. Cada composição, à sua maneira, traz indagações em três dimensões: a da criadora, no seu processo de realizar cada composição de acordo com suas intenções, sejam elas mais ou menos conscientes de acordo com o momento existencial e artístico; a da obra propriamente dita, em que a capacidade e o potencial técnico da artista são continuamente colocados à prova; e a do público, que tem a sua capacidade de interpretação ampliada quanto maior a liberdade da proposta visual de Beatriz Basso.



Beatriz Basso | Água - Cascata Cristalina |
Pintura à óleo | 90x70cm | 2019



Beatriz Basso | Alma das Águas | Pintura
à óleo | 50x70cm | 2021



Beatriz Basso | Poços de Petróleo |
Pintura à óleo | 90x70cm | 2017



Beatriz Basso | Pássaros | Pintura à óleo | 65x81cm | 2020



Bernardo Medeiros

@bernardogmedeiros
bgmedeiros@uol.com.br

Bernardo Medeiros, do Rio de Janeiro, é artista plástico, pintando figurativo em acrílico e óleo. Aluno de Luiz Aquila na década de 80 e recentemente com Chico Cunha, ambos na Escola de Artes Visuais - EAV Parque Lage. Suas pinturas são resultado de pesquisa das expedições e missões artísticas e científicas, no Brasil, dos séculos XVII ao XX, em especial do pintor holandês Albert Eckhout, que retratou sob o olhar europeu os hábitos e os costumes da época, a fauna e a flora brasileira. São também referências e inspiração os artistas, Roberto Burle Marx paisagista, a botânica Margareth Mee, o ativista ecológico Frans Krajcberg e as pesquisas do biólogo Ernst Haeckel e do fotógrafo Karl Blossfeldt. Amante da natureza Bernardo recria florestas e paisagens imaginárias, as vezes dramáticas e inocentes. Suas pinturas inundam as telas de cores fortes e inusitadas, em cenários que registram as nossas matas, florestas, folhagens, frutos, frutas e animais.



Bernardo Medeiros | Mata Atlântica - Bambuzal | Pintura acrílica | 156x85cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Representações visuais, de Bernardo Medeiros

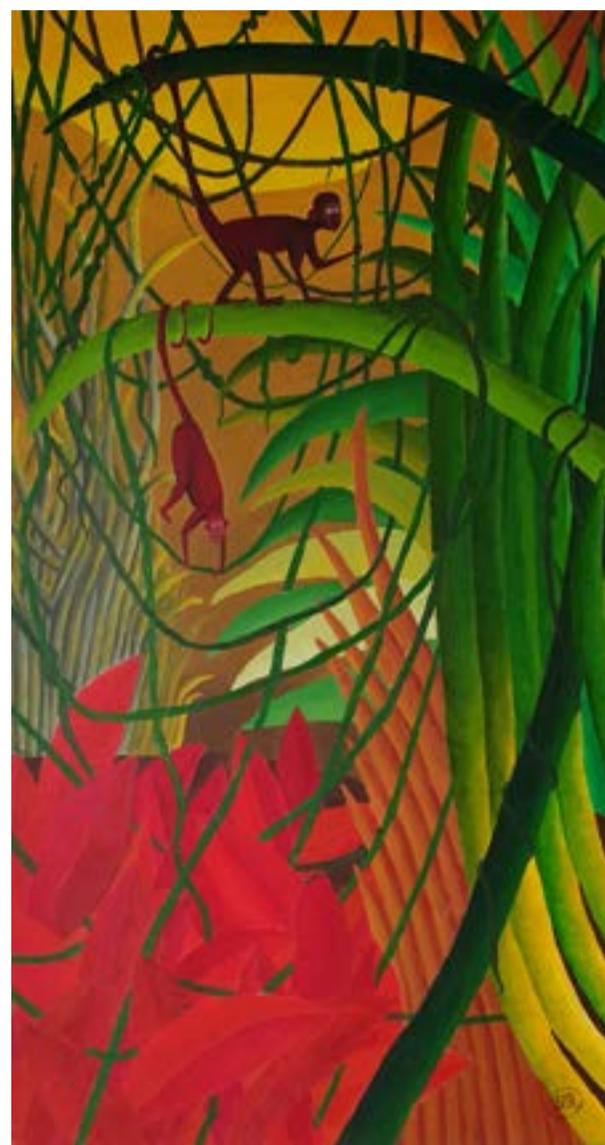
Quando se fala em artes visuais, muitas vezes se pensa que o mais importante é o tema que um criador evoca. Naturalmente que aquilo que se observa causa um impacto muitas vezes determinante, mas aquilo que dá sustentação de médio e longo prazo a uma obra plástica é muito mais a maneira como ela é realizada. A obra de Bernardo Medeiros, em uma primeira visão, registra florestas, árvores, plantas, flores, frutos, frutas e animais brasileiros, mas, sob uma óptica mais apurada, trata de cores e formas pictóricas, com destaque as tonalidades mais quentes e as verticalidades. Há, em suas obras, uma concepção de mundo que gera fascinação e mistério, pois não se trata de uma proposta de cópia do real, mas da sua representação por meio de processos artísticos a serem continuamente pesquisados, desenvolvidos e ampliados.



Bernardo Medeiros | Mata Atlântica - Onça Pintada | Pintura acrílica | 156x85cm | 2020



Bernardo Medeiros | Mata Atlântica - Ventania | Pintura acrílica | 156x85cm | 2020



Bernardo Medeiros | Mata Atlântica - Macacos | Pintura acrílica | 156x85cm | 2020

Próxima página:

Bernardo Medeiros | Jardim Ernst Haeckel - Cogumelos | Pintura acrílica | 42x29,7cm | 2020





Cíntia Morato
@@cintiamorato_art
morato.cintia@gmail.com

A arte sempre fez parte da vida de Cíntia Morato, seja nos desenhos feitos na infância ou nas experiências com cores e técnicas. Essa aptidão foi aperfeiçoada por estudo autodidata, porém, ficou adormecida durante um bom tempo. Ela encontrou na pintura um instrumento de autoconhecimento, paz e satisfação interior, muitas vezes perdidas na correria do dia a dia. A aquarela é sua técnica favorita, pois a tinta se espalha sem controle, assim como a vida. Ela ama pintar animais, em especial pets, criaturinhas companheiras e fiéis. Em suas aquarelas busca expressar a personalidade de cada pet, ao mesmo tempo em que solta a criatividade em suas cores e fundos. O amor pelos bichos e o interesse das pessoas consolidaram esse tipo de trabalho de forma profissional. Cíntia Morato nasceu em São Paulo, vive em Brasília há 22 anos e tem formação em Design de Interiores.



Cíntia Morato | Filó | Aquarela | 30x40cm | 2021

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Retratos, de Cíntia Morato

A arte de retratar animais tem seus próprios caminhos e desafios. Quando se trata daqueles companheiros domésticos, como cães e gatos, novos elementos entram nas decisões de como trabalhar as imagens de seres tão queridos. Existe uma ambiguidade entre proceder a uma humanização e, ao mesmo tempo, dar às obras uma resolução visual contemporânea, no sentido de o trabalho não ser realista, mas interpretativo, dando a cada criação uma identidade plena de técnica e sentimento. Cíntia Morato consegue êxito no enfrentamento dessas questões em boa parte pela maneira como articula seus fundos com a imagem central. É estabelecido um diálogo que mantém a figura reconhecível, mas com uma colocação em um novo contexto que valoriza cada detalhe pictórico, reforçando que o grande assunto da pintura está nela mesma e na sua potência de representar o mundo.



Cíntia Morato | Avestruz | Aquarela | 20x20cm | 2020



Cíntia Morato | Mia | Aquarela | 30x40cm | 2020

Próxima página:

Cíntia Morato | Thor | Aquarela | 13x18cm | 2020





Clara Afonso

@claraafonso.art

claraafonso.autora@gmail.com

Clara Afonso é artista plástica multidisciplinar. Iniciou em Lisboa os Cursos de Artes dos Tecidos e de Desenho Têxtil na Escola António Arroio. Concluiu o Bacharelato em Ciências da Educação, pela Universidade do Minho e a Licenciatura em Designer de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Professora do ensino público português, na área das artes, participa em exposições coletivas e individuais, dentro e fora do país, desde os anos 80, destacando aqui – o Centro de Arte Moderna Gulbenkian, Espaço Rechelier em Paris, Museu Tavares Proença Júnior, Bienal de S. Tomé, Museu da Marinha, Biblioteca Municipal da Moita, Sociedade Nacional de Belas Artes, Museu Jorge Vieira, Expo Arte - FIL, A Arte no Feminino e o Feminino na Arte, Tinturaria – Galeria Municipal da Covilhã, XIIª edição da Bienal de Florença e Centro Cultural de Cascais – Fundação D.Luis. O seu trabalho fala de unidade cósmica e consciência global.

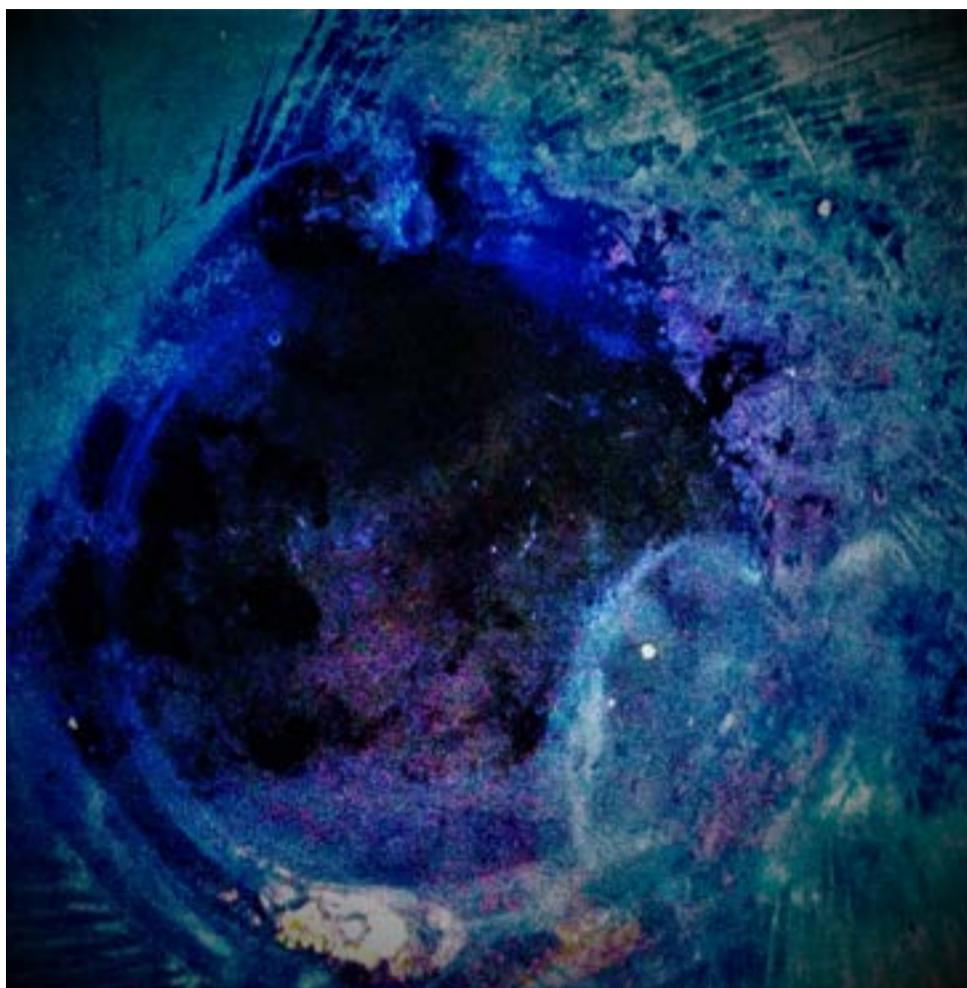


Clara Afonso | Fullness 2 | Pintura | 90x90cm | 2014

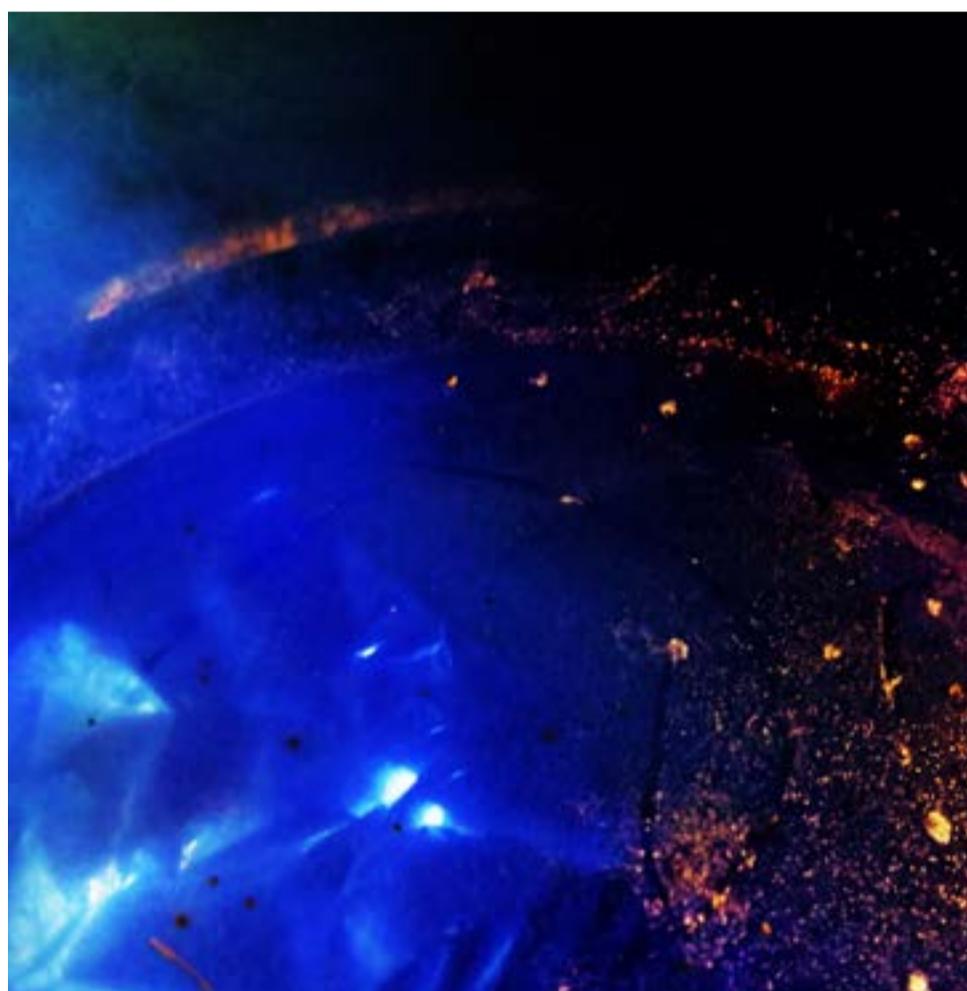
Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Invisíveis, de Clara Afonso

Apintura é um exercício enriquecedor, porque é uma conversa com os materiais. Cada criador parte de algum conceito – seja explícito ou não, consciente ou inconsciente – e lhe dá uma forma plástica. Para isso, vale-se de diversos elementos, que incluem as suas referências, as suas memórias afetivas, o seu conhecimento teórico, a sua capacidade técnica e o seu instinto. Não há fórmula mágica, mas sempre existe muito trabalho desde o momento que se começou. As obras de Clara Afonso trabalham com o indizível. Sua arte se dá na esfera do misterioso desconhecido. Há em sua pintura os vestígios de uma trajetória de vida e da própria criação. O que está visível é uma parte do invisível processo, universo em que a ideia se torna ação e onde o pensamento ganha a materialidade, pela tinta, em um suporte. É desses diálogos que o fazer artístico se alimenta para prosseguir a sua jornada.



Clara Afonso | Unity | Foto-pintura | 100x100cm | 2018



Clara Afonso | Bringing Light | Foto-pintura | 100x100cm | 2018



Clara Afonso | Fullness 1 | Pintura | 90x90cm | 2014



Cristina Ravagnani

@cristinaravagnani_
chr.ravagnani@gmail.com

Cristina Ravagnani nasceu em 1969, em Cravinhos, interior de São Paulo, e desde pequena já mostrava sinais da sua capacidade artística. Formada em Design de Interiores e Arquitetura, cursou técnicas de pintura em Paris, na Academie de La Grande, fez curso de pintura clássica Museu NBA- Recoleta, em Buenos Aires. E 2017, fez história da arte Museu Nacional e em Nápoles. Em 1992 iniciou suas obras, no estilo figurativo. Seu trabalho consiste na preservação da natureza e a Amazônia, com identidade visual pelos olhares profundos e suas cores e vibrantes. Expôs obras em diversos locais do país e do mundo.



Cristina Ravagnani | Vaso de Flores | Pintura acrílica | 100x100cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

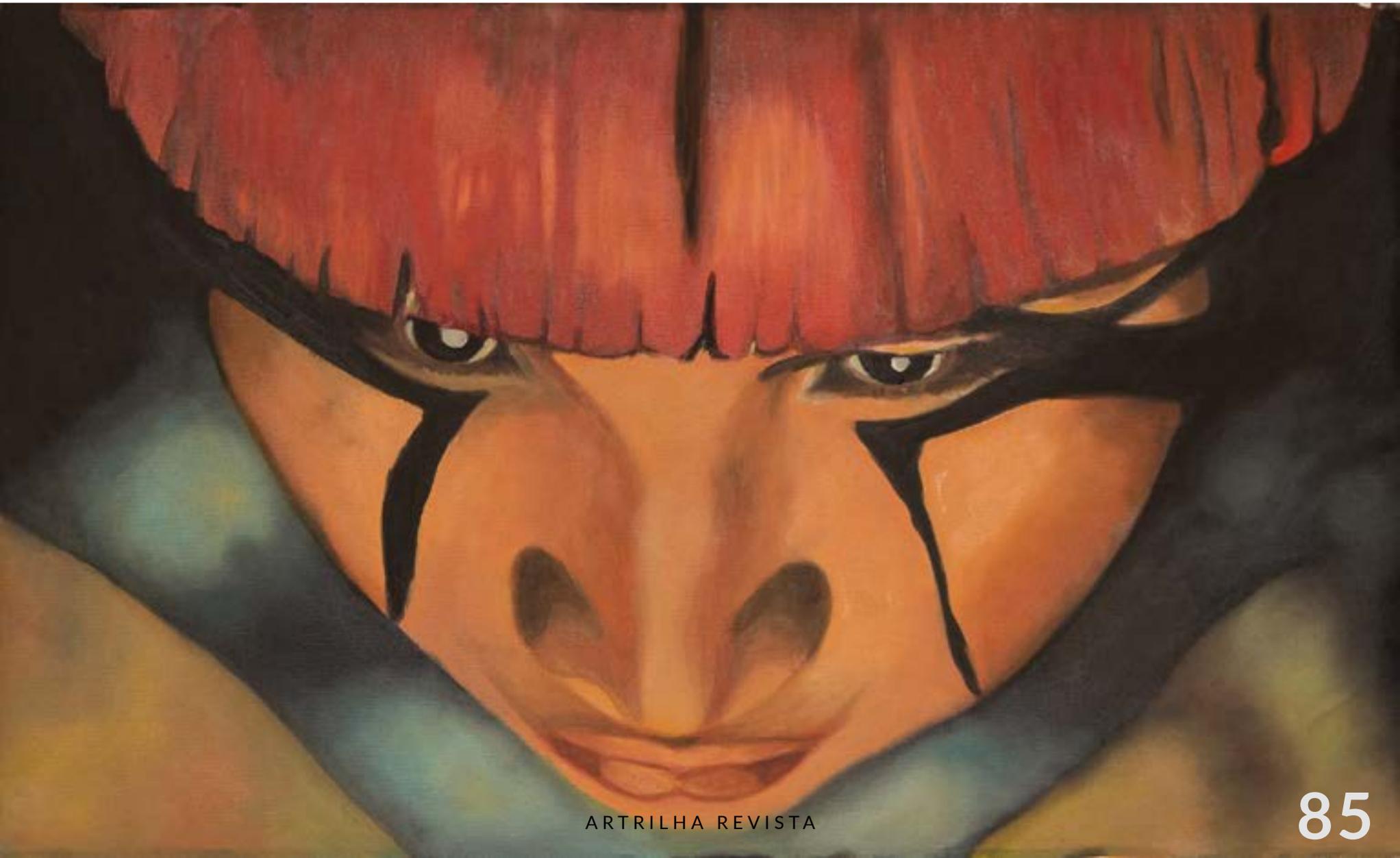
Diálogo com a Tradição, de Cristina Ravagnani

Cristina Ravagnani coloca em xeque questões que cercam a arte. As suas representações visuais apresentam nuances plenas de sentido. O principal talvez seja a maneira como temas clássicos da história da pintura são retomados. É o caso de um recipiente com flores sobre a mesa. Em momento algum se trata de uma cópia do que se vê na chamada realidade, mas sim uma representação que gera no observador possibilidades de repensar saberes construídos. Dessa maneira, a imagem é ressignificada e indica novas direções. A maneira de lidar com o fundo e com as sombras indicam um processo criativo que se reinventa. A presença das folhas caídas sugere um diálogo com a tradição conhecida como “memento mori”, em que crânios eram colocados nas obras de arte para alertar que tudo, por mais belo que seja, fenece.



Cristina Ravagnani | Adereços Caiapó | Pintura à óleo | 70x45cm | 2021

Cristina Ravagnani | Índio Caiapó | Pintura à óleo | 70x45cm | 2021





Cristina Ravagnani | Interação com os Pássaros | Pintura acrílica | 60x60cm | 2020



Cristina Ravagnani | A irreverência | Pintura à óleo | 60x60cm | 2021



Eliara Bevilacqua
@eliarabevilacqua
eliarabevilacqua@gmail.com

Natural de Nova Granada-SP, **Eliara Bevilacqua**, com formação de Desenho e Artes Plásticas (1976), trabalhou como professora de arte em escolas até se aposentar. A partir 1998 começa a se dedicar à pintura, inicialmente em aquarela, sua grande paixão, experimenta depois várias técnicas e materiais, incluindo fotografias e colagens diversas. Se utiliza ora da figuração, ora da abstração para construir uma atmosfera poética que reflita os seus estados interiores, emoções e demais conteúdos que acha necessário para fazer uma arte que seja significativa para si e para quem a observe. Participa de salões e exposições no país e fora dele.



Eliara Bevilacqua | Pássaros | Aquarela | 57x77cm | 2019

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Manchas, de Eliara Bevilacqua

Trabalhar com as manchas nas artes visuais constitui o estabelecimento de uma gramática própria. Existe um lirismo na maneira como se lida com os tempos das tintas e com os gestos do pintar. Seja de uma maneira mais suave e delicada ou dentro de uma vertente mais expressionista, há uma conversa permanente do artista com os seus recursos emocionais (sentidos e percepções) e técnicos (práticas e pesquisas desenvolvidas ao longo do tempo). As obras de Eliara Bevilacqua apresentam uma rica diversidade na forma de tratar essa questão. Trata-se de um dos assuntos de suas obras visuais e independe de um tema específico. Seja um pássaro, uma paisagem ou uma forma feminina que esteja sendo tratada, um dos grandes desafios é a construção dessas manchas e a sua disposição no espaço para atingir os efeitos visuais desejados.



Eliara Bevilacqua | Infinito III | Aquarela e crayon | 53x75cm | 2018



Eliara Bevilacqua | Árovere V | Aquarela e crayon | 52x75cm | 2018



Eliara Bevilacqua | Amazônia em Mim XIV | Aquarela | 55x65cm | 2013



Eliara Bevilacqua | Mria, Maria | Técnica mista | 100x100cm | 2018



Evelyn Gonoretzky

@artelevy

contato.evelyn@gmail.com

Sua principal fonte de inspiração vem de suas raízes russas. Estimulada por sua avó materna, aprendeu precocemente a apreciar a arte nas suas mais variadas formas de expressão. Desde pequena, Evelyn se encantava com seus lápis de cores, descobrindo a cada traço um universo de possibilidades multicoloridas. Participou de sua primeira exposição artística em um concurso escolar, no qual o seu desenho teve destaque por estar entre os melhores classificados. **Evelyn Gonoretzky** é autodidata como artista digital e plástica e tem como influência artística o movimento do Expressionismo abstrato. Criativa nata, transcreve em linhas, traços e cores revelações sobre seu ser, expressando sua essência através da arte. Como uma composição poética, traduz meditações e sentimentos em sinfonias de cores e formas, e assim nasce uma obra.



Evelyn Gonoretzky | Spring | Pintura acrílica | 42x29,7cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Fluxo, de Evelyn Gonoretzky

A ideia de fluxo comporta dois sentidos complementares. Ambos se fazem presentes na obra de Evelyn Gonoretzky. O primeiro deles se refere ao efeito de fluir, ou seja, de se movimentar de modo contínuo. Essa característica pode ser encontrada nos trabalhos da artista em que parece de fato existir uma continuidade do movimento, que evoca um rio ou uma corrente de água, onde várias cores podem interagir, gerando diversos efeitos de luz e transparência. O segundo refere-se a um movimento alternado que se repete, como o das ondas do mar para a praia e vice-versa, nos fenômenos conhecidos, respectivamente, como enchente e vazante. Essa dimensão também ocorre em alguns padrões com os quais a artista visual trabalha, explorando cheios e vazios no movimento da tinta, que funcionam como metáfora dos altos e baixos da existência.



Evelyn Gonoretzky | Beach | Pintura
acrílica | 42x29,7cm | 2020



Evelyn Gonoretzky | Tango | Pintura
acrílica | 42x29,7cm | 2020



Evelyn Gonoretzky | My Future | Pintura
acrílica | 42x29,7cm | 2020



Evelyn Gonoretzky | Blue Dreams 2 | Pintura acrílica | 42x29,7cm | 2020



Fabiano Gonçalves

@fabianogoncalves.art
fabianogoncalvesmelo@gmail.com

Fabiano Gonçalves é natural de Alvorada – RS, é artista visual autodidata, que usa a técnica de pintura em tinta acrílica e spray. Seu estilo é figurativo-abstrato, e usa arte decorativa com elementos de cubismo, design e grafite. Também se utiliza de vetorização de temas comuns como retratos, marinhas, florais e animais. Em seu currículo consta duas participações consecutivas na Virada Sustentável de Porto Alegre. A reciclagem é uma das principais preocupações do artista e ele usa pinturas com linhas curvas e contínuas, que exibem cores chapadas e abusam da rima plástica, mas também buscam a essência das formas e a simplificação da paisagem.



Fabiano Gonçalves | Jardim Cercado | Pintura acrílica | 30x40cm | 2007

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Leveza, de Fabiano Gonçalves

A construção de uma obra de envolve diversos aspectos. Trata-se de um processo de seleções contínuas. Por meio de seu projeto visual e das suas referências, cada criador estabelece o que deseja realizar. As escolhas ocorrem basicamente em dois eixos. No vertical, estão questões ligadas à composição, formas e cores. Geralmente são caminhos parcialmente excludentes, em que uma direção significa eliminar, pelo menos momentaneamente, outras possibilidades. No horizontal, existe a combinação entre as veredas escolhidas para erguer a estrada plástica desejada. Fabiano Gonçalves, com elementos da natureza, como plantas e colibris, que evocam formas orgânicas, realiza composições visuais que se caracterizam pela leveza e por uma atmosfera em que a pesquisa técnica e a delicadeza poética se unem.



Fabiano Gonçalves | Primavera | Pintura acrílica | 30x40cm | 2016



Fabiano Gonçalves | Rosa Espiral | Pintura acrílica | 50x36cm | 2015

Próxima página:

Fabiano Gonçalves | Do Lado de Dentrol | Pintura acrílica e spray | 116x59cm | 2020



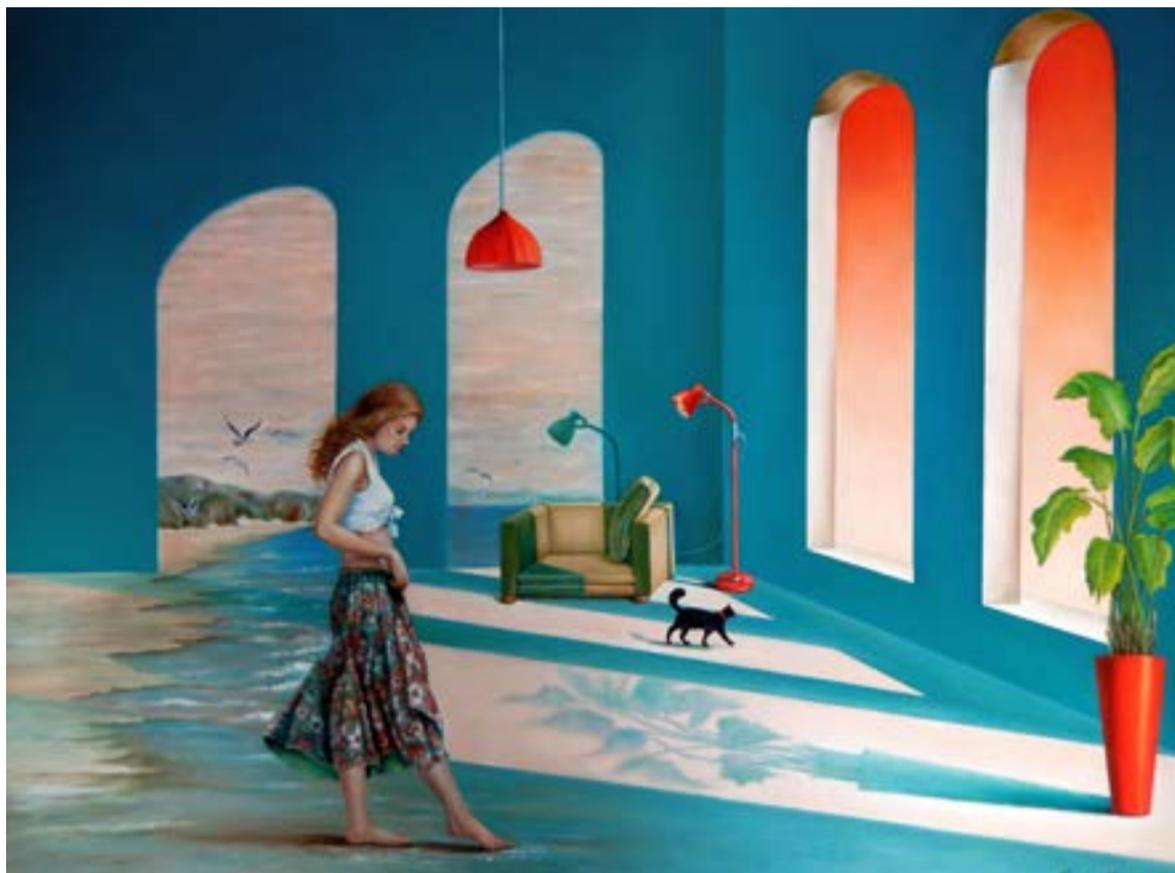


Fatima Marques

@famarques_art

famarques_29@hotmail.com

Fatima Marques é artista plástica há mais de 15 anos. Com influências do acadêmico e do contemporâneo, a artista cria obras que refletem o Universo do Imaginário Feminino no que tange a beleza, sentimentos, sonhos e reflexões/questionamentos cotidianos da vida. A produção da artista dialoga entre a arte clássica e contemporânea e está relacionada ao que se pode conceituar de “Realismo Imaginário” (ou seja, a intersecção entre o mundo real/concreto e o mundo dos sonhos, da interiorização de si, das emoções e perspectivas possíveis). Ela traz em seu trabalho a marca de uma aguda sensibilidade artística, que dá vida e energia as suas figuras atemporais, numa sábia relação entre o clássico e o contemporâneo. Seu trabalho também está intrinsecamente associado ao sentir, na busca de uma linguagem pessoal e de um eixo temático afinado com sua sensibilidade feminina. Em suas obras, a artista discute aspectos da vida contemporânea de uma maneira poética e cativante. Trata-se de uma artista da técnica com emoção.



Fatima Marques | Busca Interior | Pintura à óleo | 80x100cm | 2019

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Interiores, de Fatima Marques

Existe na pintura de Fatima Marques uma jornada pelo feminino. As suas obras geralmente apresentam uma mulher isolada em diversos ambientes. Elementos simbólicos, como água e diversos tipos de vegetação surgem como indicativos de dualidades. Há as áreas mais solares, em que a personagem se movimenta, mas existem também as mais escuras, com indicações de sombras, que o inconsciente percorre para buscar caminhos que apontem para a luz. São assim construídas alegorias em que os espaços internos de cada ser humano dialogam com os externos para construir uma unidade de intensa movimentação permanente que estimula cada mulher retratada e cada pessoa que observa o quadro a seguir a sua aventura vivencial, ora sentindo o frio da sombra que congela e paralisa, ora usufruindo a solar plenitude que a arte e a vida podem propiciar.



Fatima Marques | Inquietudes | Pintura à óleo | 70x100cm | 2019



Fatima Marques | Hermética | Pintura à óleo | 80x100cm | 2019



Fatima Marques | Infinitude | Pintura à óleo | 150x100cm | 2019



Fatima Marques | Vênus |
Pintura à óleo | 110x100cm |
2020



Fatima Marques | Dimensões
| Pintura à óleo | 110x100cm |
2020



Fatima Marques | Perspectivas
Possíveis | Pintura à óleo |
90x100cm | 2021



Gêiza Barreto

@geizarte
geiza@geizarte.com

Gêiza Barreto é artista plástica de Salvador- BA. Estudou desenho e pintura entre 2003 e 2006 no Ateliê Canella's, em Niterói. Em 2016, após uma longa carreira em Tecnologia, decidiu se dedicar à arte e estudou técnica mista com professores de vários países, especializando-se em retratos contemporâneos e abstratos expressionistas. Entre 2019 e 2021 participou de exposições na Europa, no Brasil e em Nova Iorque. Uma de suas obras integra o acervo permanente do Forte de São Francisco, em Chaves.



Gêiza Barreto | Além da Imaginação | Técnica mista | 29,7x42cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Criação, de Gêiza Barreto

O que é criar? Essa indagação está na base das artes visuais e de outras manifestações, como literatura, música e cinema. Muitas vezes se pensa que a criação esteja necessariamente ligada ao inusitado, quando o processo que resulta em uma obra é uma jornada interna. Aquilo que se vê em um suporte, como tela ou papel, é o amálgama de uma caminhada em que cada indivíduo manifesta uma visão da chamada realidade a partir de suas percepções. O artista funciona assim como uma espécie de antena a captar aquilo que existe ao redor para oferecer a sua representação. As obras de Gêiza Barreto (@geizarte) são a expressão dessa complexa mecânica. Há nelas tintas, colagem, figuras orgânicas que remetem à natureza e referentes humanos. Tudo se mescla para ofertar ao observador uma autêntica entrega de sentimentos do que significa para ela estar no mundo.



Página anterior:

Gêiza Barreto | Mantendo a Alegria | Técnica mista | 30x20cm | 2020



Gêiza Barreto | Sustentação | Técnica mista | 24x32cm | 2020

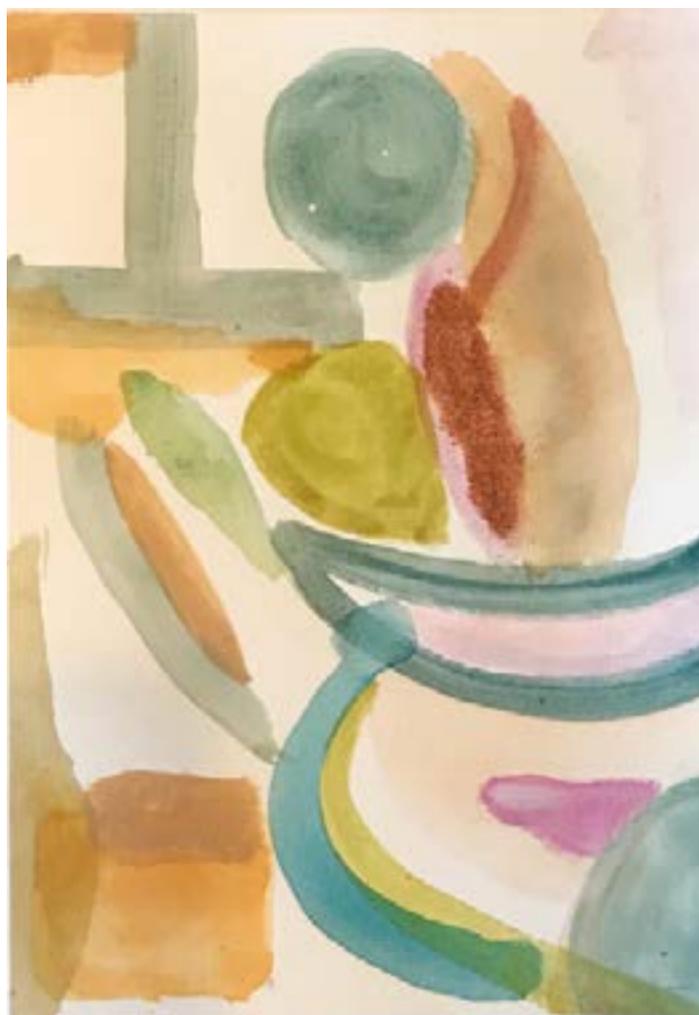


Gêiza Barreto | Senhora do Destino | Técnica mista | 50x70cm | 2021



Gretta Wenzel
@grettagallery
gretta_w@hotmail.com

Gretta é natural de Pelotas no Rio Grande do Sul e fez faculdade de arquiteta em Buenos Aires, morou por 10 anos em Porto Alegre, e atualmente em Garopaba Santa Catarina. A artista plástica (autodidata) e empreendedora, se utiliza de várias técnicas e conceitos de pintura, mas principalmente a pintura em aquarelas e acrílicos com conceito peacefulart dentro do universo abstrato.

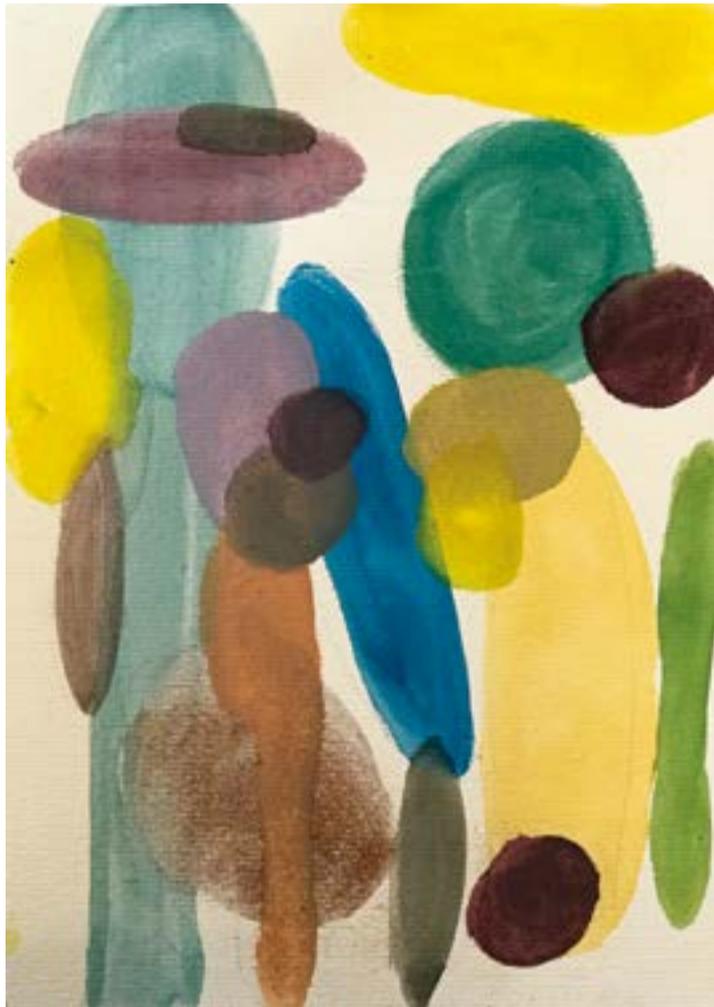


Gretta | Mientras I | Aquarela | 21x29,7cm | 2018

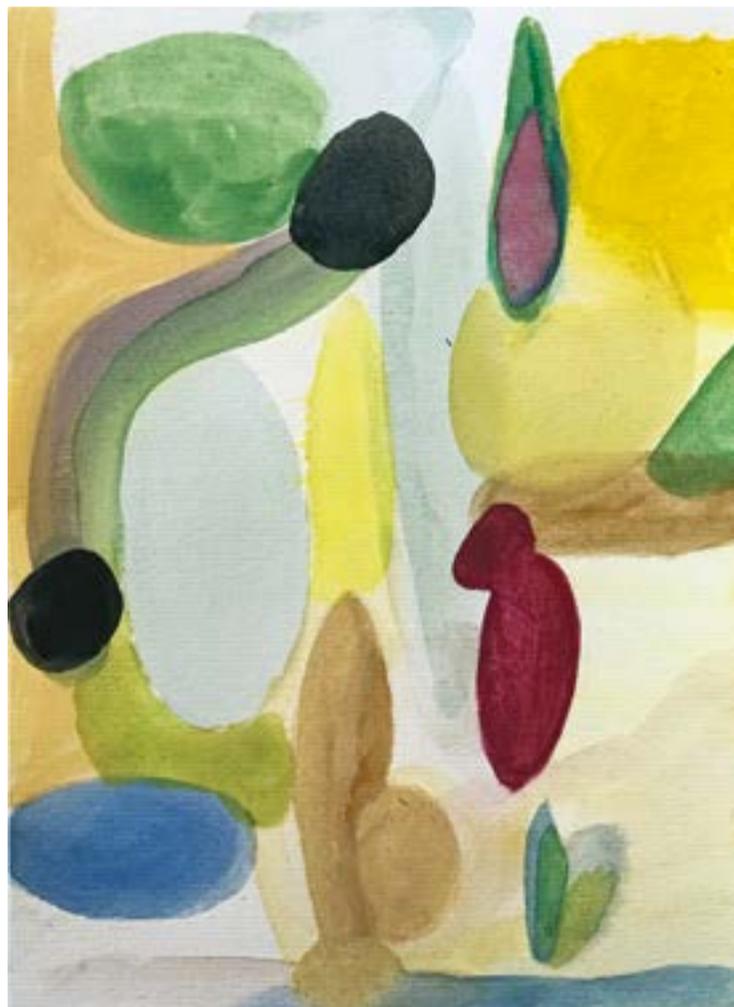
Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Formas orgânicas, de Greta Wenzel

Há alguns termos que são comumente utilizados em artes visuais. De tanto serem usados, costumam, de certa maneira, perder o sentido. É o caso de “formas orgânicas”. Geralmente é um conceito atribuído a trabalhos que se valem das formas da natureza, principalmente aquelas arredondadas, que remetem a arquétipos femininos, como a maternidade, e à presença de algumas estruturas que se repetem no macro e no microcosmos, que remontam a teoria dos fractais, com suas imensas potencialidades artísticas. As obras de Greta Wenzel (@grettagallery) remetem justamente a esse sentimento de integração com o universo. Mesmo quando surgem linhas mais retas ou áreas mais retangulares, o conjunto proporciona uma espécie de dança plástica, regida pelo movimento das linhas e das cores em um mantra visual a nos envolver e levar para uma viagem regida pelas potências do criar e do sonhar.



Gretta | Sem Palavras II | Aquarela | 21x29,7cm | 2018



Gretta | Sem Palavras I | Aquarela | 21x29,7cm | 2018



Gretta | Sem Palavras III | Aquarela | 21x29,7cm | 2018



Gretta | Instantes I | Pintura acrílica |
60x120cm | 2018



Gretta | Instantes II | Pintura acrílica |
50x100cm | 2018



Gretta | Instantes III | Pintura acrílica |
50x100cm | 2018



Izabel Alcolea
@izabel_alcolea
ialcolea2@hotmail.com

Izabel Alcolea, natural de José Bonifácio - SP é arquiteta; mestre, e especialista em restauro de monumentos. Trabalhou como professora de desenho e restauro na faculdade de arquitetura do Politécnico de Torino. Atualmente realiza pinturas de acrílico sobre tela com estilo Pop art. Expõe desde 2013 na Itália, Brasil e Estados Unidos. Participou da Casa Cor Litoral. Atualmente vive um período no Brasil, em Santos, São Paulo e outro na cidade de Perosa Argentina, Itália, dedicando-se a arte da pintura. Possui obras em coleções privadas.



Izabel Alcolea | Cigliegine | Pintura acrílica | 70x70cm | 2017

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Personalidade, de Izabel Alcolea

Uma questão cada vez mais recorrente no mundo da arte é a do estilo. Pode-se entender o termo como uma reflexão da maneira que um artista trabalha e se ela está vinculada a alguma maneira específica de expressão na história da arte. Mas o termo tem uma outra dimensão, que diz respeito ao criador encontrar uma maneira própria de se relacionar com seus processos artísticos para criar uma identidade, uma personalidade, uma estética que o diferencie. As obras de Izabel Alcolea (@izabel_alcolea) trazem justamente essa marca registrada. Seja na forma de composição ou nas cores, há o estabelecimento de uma linguagem particular, caracterizada pelo entendimento da arte visual como uma representação na qual o fazer é absolutamente essencial. Muito mais que desenvolver um tema qualquer, a artista conquista seu espaço quando tem como assunto as potencialidades do próprio fazer.



Izabel Alcolea | Santos | Pintura acrílica | 70x70cm | 2019



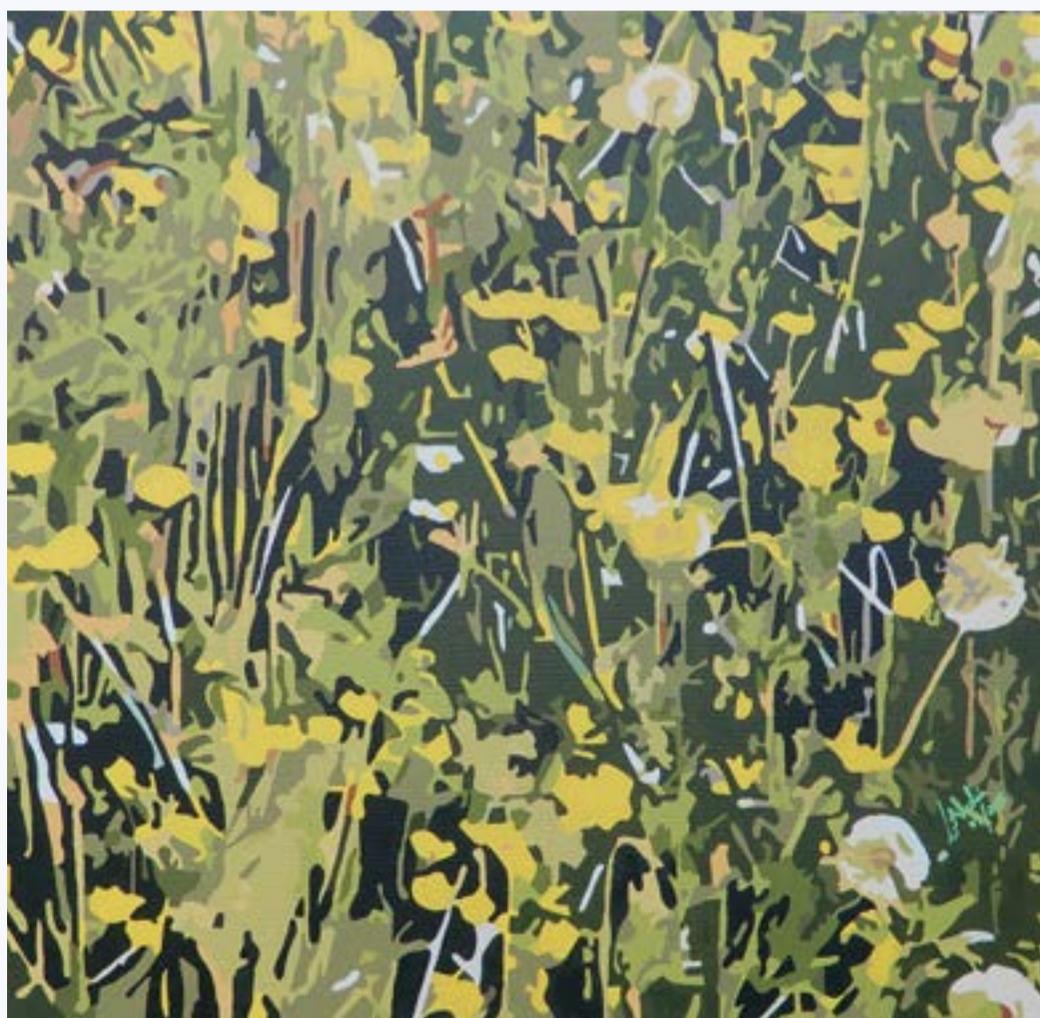
Izabel Alcolea | Costa Brasil | Pintura acrílica | 120x80cm | 2020



Izabel Alcolea | Fogli D'Autuno | Pintura acrílica | 70x70cm | 2018



Izabel Alcolea | Margaret Merrill | Pintura acrílica | 70x70cm | 2018



Izabel Alcolea | Prato | Pintura acrílica | 70x70cm | 2018



JBittar

@jbittar_artist

julianabittar86@gmail.com

A artista **JBittar** iniciou sua trajetória artística aos 15 anos com pintura óleo em tela, porém foi com a tinta acrílica que se identificou. Teve a sorte de encontrar grandes mestres durante o processo de evolução. Passou por períodos de distanciamento da pintura, quando se dedicou à fotografia, que auxiliou no desenvolvimento do estilo atual. A definição das formas com contorno preto é uma característica marcante e a natureza/emoções sempre se põe presente em suas telas e ilustrações.



JBittar | Os Abortos de Frida | Pintura acrílica | 122x91cm | 2021

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Poéticas e processos, de JBittar

Uma obra de arte é o resultado oriundo de diversos movimentos internos do artista. Talvez dois dos mais importantes sejam a poética e o processo. A poética diz respeito ao pensar da artista, ou seja, aquilo que ele idealiza em sua mente em função de suas indagações e questionamentos perante a vida e a criação visual. O processo enfoca o fazer propriamente dito, envolvendo questões técnicas de suporte e de materiais, incluindo os procedimentos técnicos considerados mais adequados para realizar o trabalho. As obras de JBittar são um percurso por essa jornada da criação até o resultado final. Desenhos iniciais, conversas com as pessoas mais diferentes possíveis e pensamentos sobre o que deve ser feito e como concretizar conceitos são levados adiante para construir trabalhos em que diversos elementos são articulados entre si para desafiar a interpretação do observador.



JBittar | Despedida | Pintura
acrílica | 40,6x50,8cm | 2020



JBittar | Orange Sunset |
Pintura acrílica | 30,5x50,6cm
| 2020



JBittar | Leo | Pintura acrílica |
40,6x50,8cm | 2020



Leila Biscuola

@leila.biscuola
leilabe@gmail.com

Leila Biscuola, natural de Taquaritinga – SP. Nutricionista, com pós-graduação e mestrado, produziu livros, estudos e artigos nessa área. Iniciou a carreira de artes em 1996 na escola Viveka em SP. Estudou modelagem da figura humana com Kislansky e Newton Santanna. Foi para Carrara - Itália, esculpir em mármore com Boutros Romhein na escola Arco Arte. Participou de várias exposições coletivas e individuais. Tem peça que integra o acervo do Museu de Arte do Parlamento de São Paulo. Possui o ateliê177 em SP, onde esculpe e modela esculturas utilizando vários materiais.



Leila Biscuola | Torre de Babel | Escultura | 42x20x20cm | 2015

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Universalidade, de Leila Biscuola

Criar é uma manifestação que nos torna os seres humanos capazes de expressar a sua relação com o mundo. A cerâmica mescla justamente esse desejo com uma evocação simbólica do poder das mãos de modelar o presente e o futuro. As obras de Leila Biscuola, nesse contexto, trazem geralmente movimentos e dinâmicas verticalizadas em que a Humanidade busca algo melhor. Isso significa conquistas individuais e coletivas capazes de progressivamente atingir novos patamares. A arte expressa essa inquietação. Um grande desafio, talvez o maior de todos, é transformar a inquietação de cada um com si mesmo e com o mundo em representações visuais que atinjam a universalidade. É no mergulho profundo naquilo que mobiliza o “eu” que se torna possível atingir o “nós”. Quando isso ocorre, as peças de cerâmica, assim como outras criações visuais, atingem o seu maior objetivo.

Leila Biscuola | Coração (Oração) | Escultura | 44x28x26cm | 2018



Leila Biscuola | Fenix | Escultura | 40x25cm | 2020



Leila Biscuola | Retirantes| Escultura | 78x43x43cm | 2015



Leila Costa Quaglio

@leilacostaquaglio
equaglio@hotmail.com

Leila Costa Quaglio, natural do Paraná. Formada em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Design de Interiores pela ABRA-SP. Coursou desenho artístico e esculturas em vidro em Londres. Na maior parte da minha carreira me dediquei a pintura, estilo figurativo, com preferência por óleo sobre tela. Desde 2018, vem se dividindo entre pintura e cerâmica, o que lhe gratifica muito, em especial quando vê a argila tomando forma em suas mãos.



Leila Costa Quaglio | Meandros | Escultura | 35x40x13cm | 2021

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Reentrâncias, de Leila Costa Quaglio

Quando se pensa em cerâmica, é inevitável a analogia da modelagem com a criação do mundo. Existe nas peças um ato demiúrgico, pois o criador exala nelas sopros de vida. Cada obra é a manifestação de uma interpretação de si mesmo e da realidade circundante. A partir do que conhece, com a técnica que utiliza, cada artista gera elementos que fascinam pela temática, pela resolução visual, pela simbologia e pelo diálogo entre todos esses elementos. Leila Costa Quaglio (@leilacostaquaglio) realiza em seus trabalhos um mergulho em reentrâncias, cheios e vazios que aludem à questão das múltiplas manifestações do feminino, seja quando trata da maternidade, do mar ou de outros temas aparentes. O grande assunto da artista é a maneira de lidar com o espaço de modo que ele se torne um universo acolhente, no qual as figurações e sugestões geram espaços de acolhimento.



Leila Costa Quaglio | Conchas | Esculturas | 16x14x31cm e 17x16x36cm | 2020



Leila Costa Quaglio | Caracóise Corais | Esculturas | 15x8x40cm, 16x18x17cm e 14x14x7cm | 2020

Leila Costa Quaglio | Aquam Ligno | Escultura |
17x18x23cm | 2021



Leila Costa Quaglio | Madona Pisando
a Serpente | Escultura | 16x48x16cm |
2021



Leila Costa Quaglio | Gratidão pela Maternidade | Escultura | 33x29x16cm | 2021



Malvaccini

@patriciamalvacciniestudioarte
atendimento@patriciamalvaccini.com.br

Malvaccini é graduada em Artes Industriais com complementação em Artes Plásticas. Desde cedo conviveu com as mais diversas artes, como piano, teatro, desenho à carvão e pintura em telas com professores artistas. Começou a criar e expor ainda na faculdade de Artes Plásticas, participando de várias exposições em galerias e mostras de decoração. Hoje seu trabalho é multidisciplinar; trabalha com óleo sobre tela e uma variação de técnicas de acordo com a proposta a ser trabalhada. Vem desenvolvendo telas de grande porte com uma variação contemporânea da técnica do afresco. Meus trabalhos são agrupados em coleções. Etnia é uma série composta por retratos em que expressa o fascínio pelas várias etnias do nosso planeta.



Malvaccini | Etnia Africano | Técnica mista | 2,20x1,5m | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Etnias, de Patrícia Malvaccini

Realizadas com técnica mista sobre lona, as obras de Patrícia Malvaccini (@patriciamalvacciniestudioarte) que têm etnias como temática geram reflexão sobre a representação de rostos. Há numerosas questões envolvidas nessa pesquisa visual que envolve diversos elementos: adornos na cabeça e no pescoço, brincos, véus e pintura facial, além de estilos diferenciados de cabelo e expressões do olhar. Esses elementos são estudados, de maneira isolada e no detalhe, para atingir um resultado, que se complementa no tratamento dos fundos. As figuras, como um todo, garantem a sua expressividade pela interação entre os elementos. O trabalho funde a pesquisa visual, o senso de composição, a técnica esmerada e o compromisso de criar imagens intensas e delicadas, pois cada uma delas representa não apenas um indivíduo, mas uma etnia e uma cultura.



Malvaccini | Etnia Mulçumana | Técnica mista |
2,20x1,5m | 2020



Malvaccini | Etnia Oriental | Técnica mista |
2,20x1,5m | 2020



Malvaccini | Etnia Índia Brasileira | Técnica mista |
2,20x1,5m | 2020



Malvaccini | Etnia Indiano | Técnica mista | 2,20x1,5m | 2020



Marcelo Lopes
@marcelolopesarts
marcelolopes_arts@yahoo.com.br

Marcelo Lopes é natural de São José do Rio Preto - SP. Artista plástico profissional há mais de 20 anos e fundador de uma galeria de artes, onde ensinou e comercializou suas obras e desenvolveu um trabalho de inclusão social com alunos especiais. Formado em Pedagogia com defesa pública: História do Desenho. Participou do Festival Internacional de Teatro (FIT) de São José do Rio Preto com a pintura de um outdoor ao vivo. Iniciou seus estudos e frequentou a Associação Paulista de Belas Artes em São Paulo. Sua técnica de pintura abstrata, bem como suas aquarelas figurativas, é comercializada no Rio de Janeiro (RJ). O artista mantém uma exposição "As Cores do Brasil" em West Jefferson, Carolina do Norte (EUA). E ainda, tem trabalhos vendidos na Europa, principalmente Portugal, Espanha, França e Itália. O artista também fez ilustrações em livros e mostras no Brasil e exterior. Marcelo Lopes está catalogado no índice de Artes Plásticas Júlio Lousada, foi indicado a inúmeros prêmios, participou de salões de arte com premiações em todo o Brasil, entre eles menção honrosa no XXV Salão Cidade Maravilhosa e IV Salão Primavera, ambos no Rio de Janeiro.



Marcelo Lopes | Sem Título | Pintura acrílica | 65x195cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Desafios, de Marcelo Lopes

Há na arte desafios permanentes. O maior está no diálogo que o criador estabelece consigo mesmo. Muitos se alimentam de uma constante insatisfação entre o que está em sua mente e o resultado. Outro está na coerência interna da produção, buscada por muitos e que pode ser identificada pelas buscas recorrentes de cada um, sejam mais conscientes ou inconscientes. Existe ainda um outro fator, indissociável dos outros, que reside na conversa que o artista estabelece com aqueles que observam o seu trabalho. Desse caldo de emoções, surgem variadas manifestações. Marcelo Lopes (@marcelolopesarts), por exemplo, mergulha nas abstrações. Desenvolve, em cada trabalho, suas respostas a perguntas sobre composição, gesto, forma, cores e tonalidades. Sua expressão visual inquieta indica que muito há a fazer, pois as transformações são constantes e as indagações, infinitas.



Página Anterior:

Marcelo Lopes | Movimento
| Pintura acrílica |
100x100cm | 2021



Marcelo Lopes | Sem Título |
Pintura acrílica | 90x90cm |
2019



Marcelo Lopes | Sem Título |
Pintura acrílica | 80x140cm
| 2020



Marcelo Lopes | Sem Título |
pintura acrílico | 100x180cm
| 2020



Marize F. Canabrava

@annamarizefernandescanabrava
amfcanabrava@gmail.com

Natural de Juiz de Fora, MG, a artista plástica **Marize F. Canabrava** usa técnicas milenares para expressar a contemporaneidade. Seu estilo, na arte, é simbólico expressando a vida em todo seu esplendor poético. Desde 1970 vem participando de diversos eventos na região Sul e Sudeste do Brasil obtendo várias premiações, com destaque para o Salão Paranaense. Dedicou-se à execução de mosaicos, pintura e escultura. Em Paraíso do Norte, ministrou aulas para jovens e idosos do Asilo. Seu trabalho foi descoberto por Designers para execução de murais e mosaicos.



Marize F. Canabrava | O Acaso | Mosaico | 4,50x250cm | 1995

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Dinamismo, de Anna Marize Canabrava

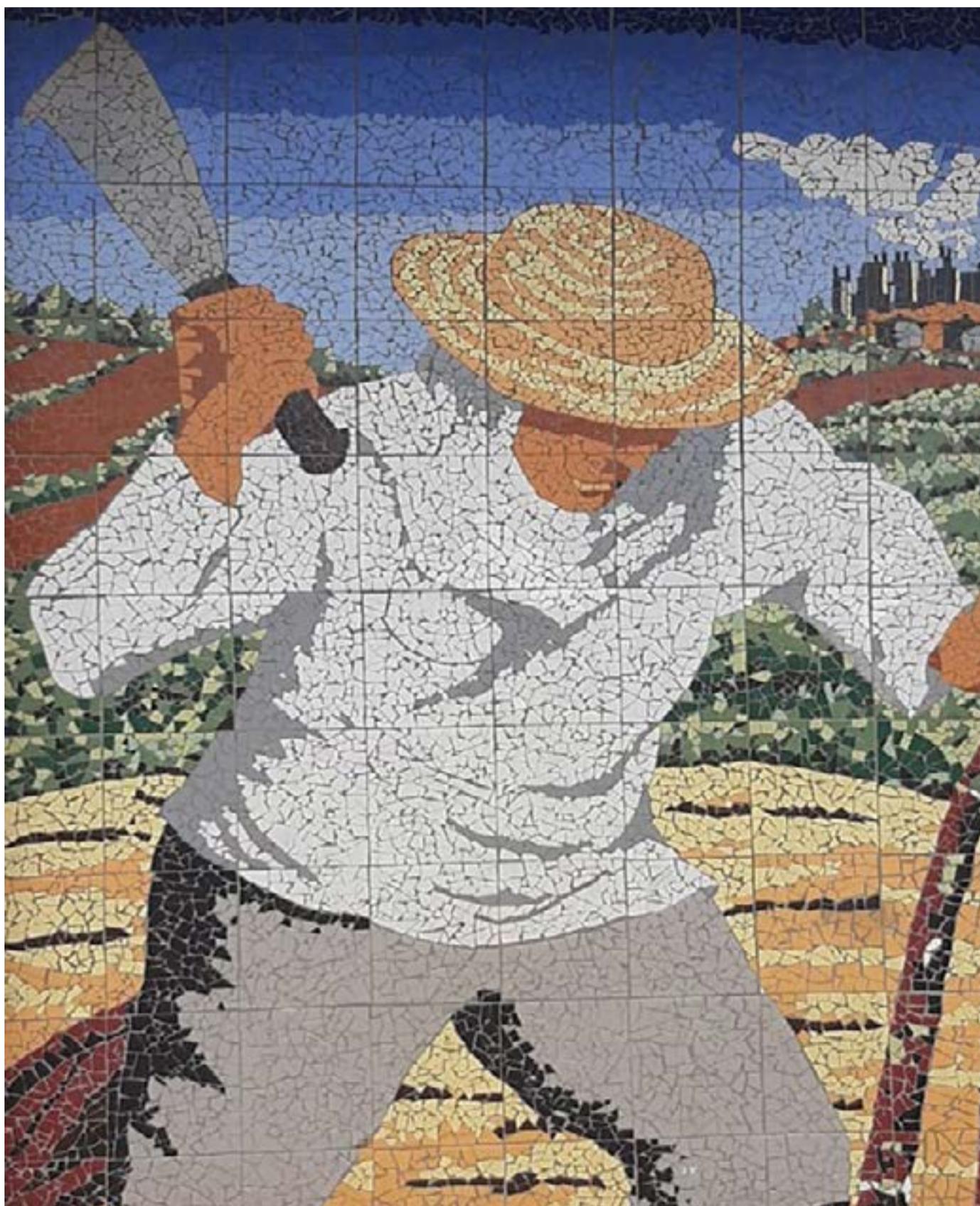
A arte tem características muito peculiares que a diferenciam de outras manifestações humanas. Uma delas está na capacidade de representar o mundo das mais diversas maneiras. Isso permite uma liberdade de realizações e de interpretações que constituem agradáveis e contínuos desafios. Anna Marize Canabrava, por exemplo, se vale de diversas técnicas para expressar a sua visão de mundo. Realiza trabalhos em mosaico e escultura, por exemplo, em que, embora sejam utilizados recursos plásticos diferentes, um mesmo atributo se faz presente: o dinamismo das formas. Predomina uma concepção de espaço em que, com ou sem a presença da figura humana, busca-se, pela composição, pela cor e pelo uso das linhas, criar atmosferas em que os elementos constituintes estabeleçam relações internas que apontem sempre para o movimento da existência e para o fluir da vida.



Marize F. Canabrava | Nossa Senhora Aparecida | Mosaico | 200x400cm | 2000



Marize F. Canabrava | Convite à Santa Ceia | Mosaico | 110x200cm | 2003



Marize Canabrava | O Cortador de Cana | Mosaico | 340x450cm | 1998



Mateus Morbeck

@mateusmorbeck_art
contato@mateusmorbeck.com

Mateus Morbeck (1980, Salvador, BA) Artista visual, fotógrafo e arquiteto. O primeiro contato com a fotografia ocorreu em 2009, mas, só a partir 2018 passou a se dedicar efetivamente à prática e ao estudo da fotografia como expressão, numa jornada de experimentação na busca pelo desdobramento da imagem em camadas de significado e percepção. Desde 2019 participou de diversos Festivais e Salões, Nacionais e Internacionais, de Artes Visuais e Fotografia inclusive com alguns trabalhos premiados.



Mateus Morbeck | Colônia | Scanner | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Colônia, de Mateus Morbeck

O mundo está em transformação. Essas mudanças, que afetam o nosso cotidiano, encontram uma expressão na Série “Colônia”, de Mateus Morbeck, que apresenta o isolamento gerado pelo novo coronavírus, pela Covid-19 e pela pandemia sob uma perspectiva da construção de uma visualidade. O trabalho consiste na criação de imagens que partem de autorretratos escaneados, aos quais são sobrepostas manchas aleatórias surgidas quando “comprovantes de consumo” são esterilizados com álcool a 70%. Surgem grafismos, letras e marcas que evocam tatuagens ou escarificações, cicatrizes no corpo feitas em algumas culturas com instrumentos cortantes. O artista cria assim imagens de novas peles em si mesmo. As faces apresentadas são uma poética expressão do “novo normal” pós-pandêmico, ou seja, um ser que sai com marcas, mas que pode se reinventar para construir o futuro.



Mateus Morbeck | Colônia | Scanner | 2020



Mateus Morbeck | Colônia | Scanner | 2020



Mateus Morbeck | Colônia | Scanner | 2020

Mateus Morbeck | Nemo
Non Videt | Arte digital
com fotografia | 2020



Mateus Morbeck | Nemo
Non Videt | Arte digital
com fotografia | 2020



Mateus Morbeck | Nemo
Non Videt | Arte digital
com fotografia | 2020



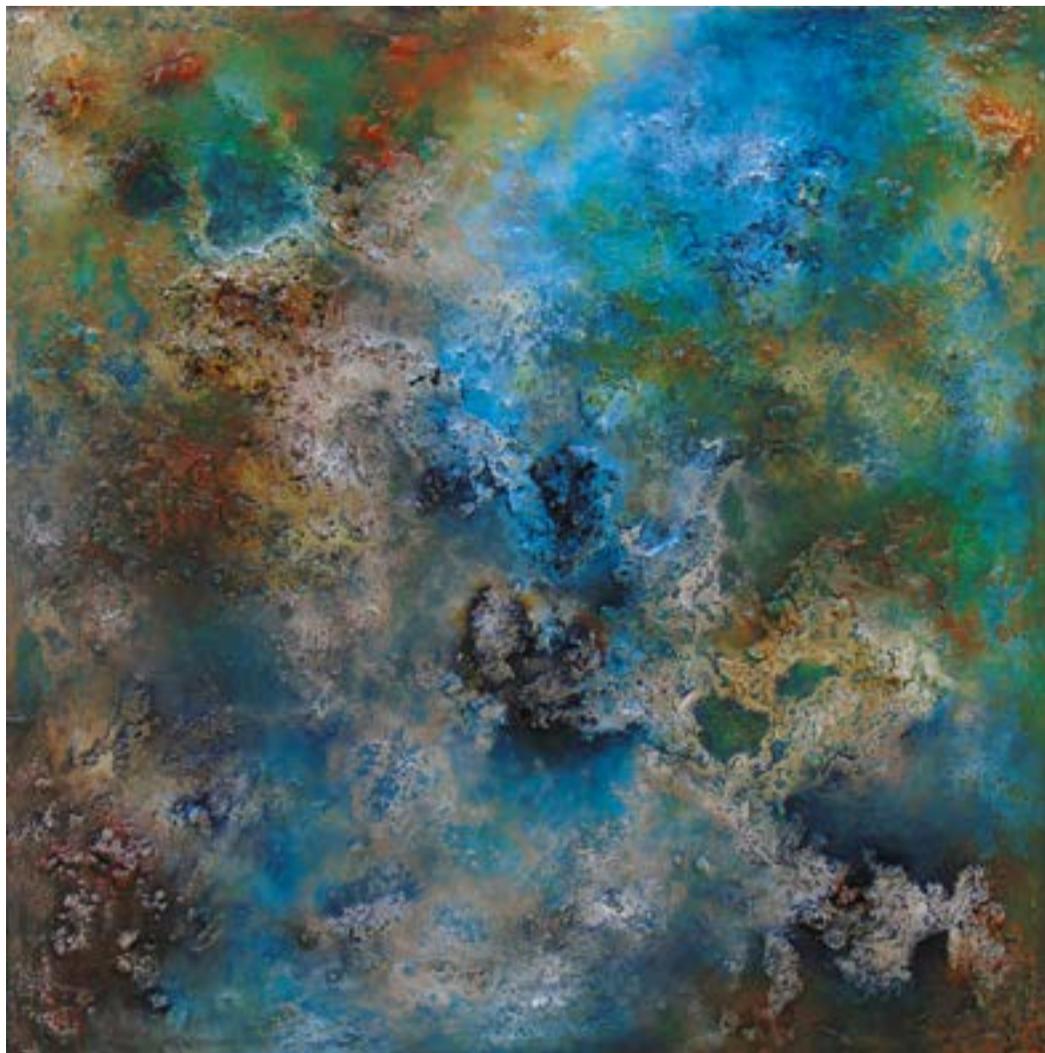


Patylene

@patylene.arts

patylene.arts@gmail.com

Patylene é uma artista plástica Rio Claro - SP. Autodidata, Desde criança desenhava e pintava personagens de revista em quadrinhos. É formada em desenho técnico nas áreas de arquitetura e mecânica e desenvolveu vários trabalhos de modelagem e animação 3D e durante muito tempo fez apenas alguns trabalhos de pintura. Usa técnica mista e acrescenta materiais como areia, pó de mármore, pó de café, serragem, giz, terra, cinza, bandagem para compor textura e as pinturas se transformam em verdadeiras pinturas esculturas. A inspiração para suas obras são elementos do cotidiano que passam despercebidos ou são considerados feios e estragados pela maioria das pessoas como, buracos na rua, paredes rachadas e descascadas, limbo, lama, ferrugem e elementos da natureza como rochas, vegetação, mar, rios, floresta, etc.

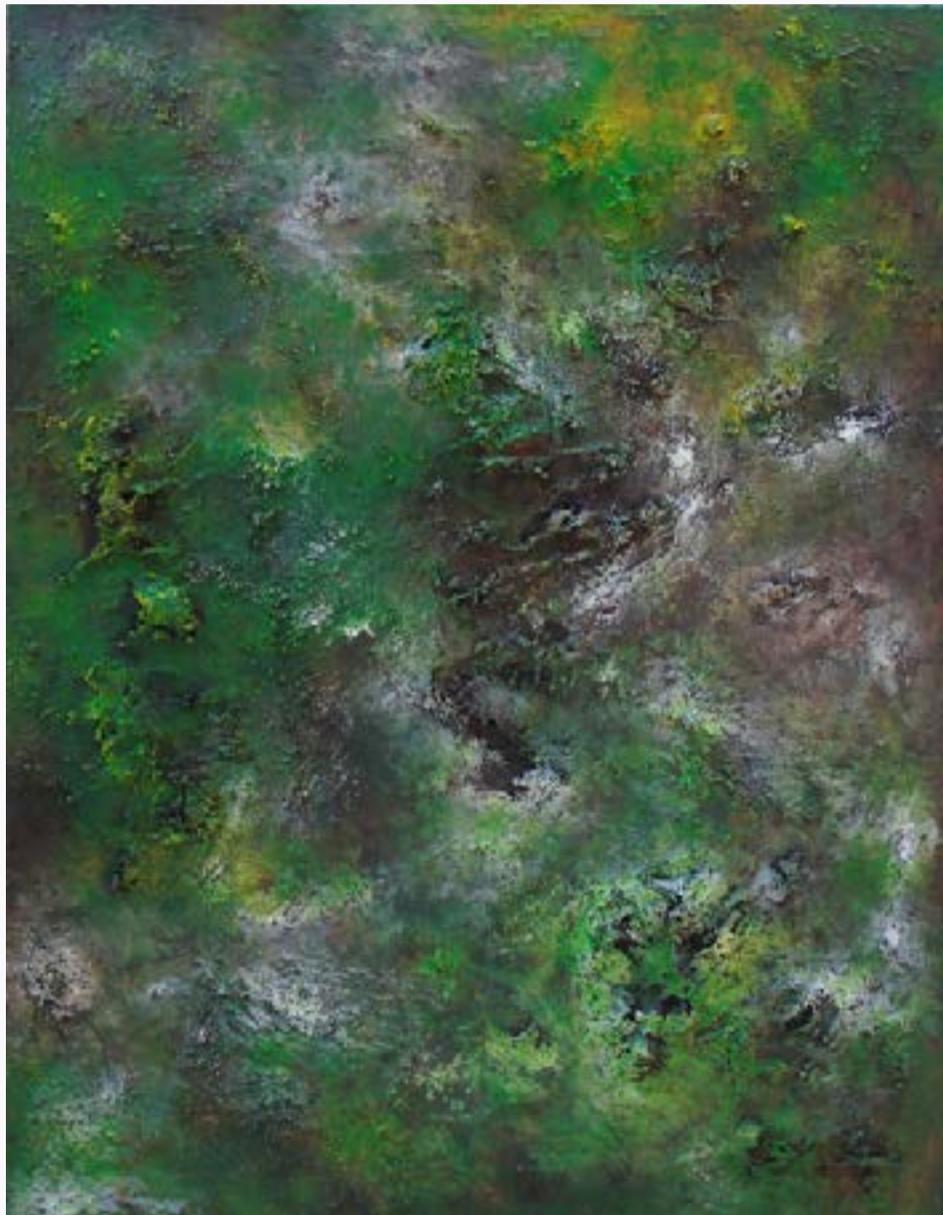


Patylene | Via Láctea | Técnica mista | 80x80cm | 2021

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Abstrações, de Patylene

Quando se mergulha na arte abstrata, sempre surge a discussão de que talvez ela não exista na sua essência, pois, mesmo quando o criador de uma imagem argumenta que não teve como ponto de partida algum objeto reconhecível no mundo que consideramos real, o observador do trabalho geralmente faz essa correlação, dando ao “abstrato” o “status” de algo para ele conhecido. O assunto, rico e complexo, ganha novas dimensões a partir da obra de Patylene. Seus trabalhos, em técnica mista, proporcionam um pensar sobre como a arte tem a capacidade de manifestar novos mundos, tanto internos, pela pluralidade de sensações que consegue transmitir, como externos, pois o resultado apresentado evoca muitas vezes imagens aéreas da Terra, constelações do espaço ou superfícies de outros planetas. Acima de tudo, estimula a imaginação, o que propicia uma contemplação fascinante.



Patylene | A Floresta | Técnica mista | 90x70cm | 2021



Patylene | Erupção | Técnica mista | 80x70cm | 2020

Próxima página:

Patylene | Enigma | Técnica mista | 120x80cm | 2020





Plini F

@plini_f

floriana.plini@bol.com.br

Plini F nasceu em Roma/Itália, de onde veio criança para São Paulo, onde reside até hoje. Frequentou o curso de Artes Plásticas na Escola Panamericana de Arte e Design e, há aproximadamente quatro anos, dedica-se à escultura. Participou de diversas exposições coletivas de arte, inclusive virtuais, em São Paulo. Foi também selecionada para participar de uma exposição em Greccio/Itália. Ainda, seu nome e sua arte constam de importantes publicações do mundo da arte: O Anuário de Artes do Grupo Luxus Magazine (4ª Edição) e a Revista de Arte Artrilha (2ª Edição) versões português e inglês.



Plini F | Fusão | Escultura | 26x34x31cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Encontros, de Floriana Pini Franzin

A tridimensionalidade é a linguagem da escultura. Assim como existe uma gramática em cada língua, o criar de uma peça que possa ser vista em 360 graus necessita de um raciocínio próprio, que está nos diversos processos que vão desde o desenvolvimento de uma ideia que está na mente até uma concretude que pode ser tocada. Nesse aspecto, um conceito bem forte nas obras de Floriana Pini Franzin é o dos encontros. As figuras humanas que surgem trazem essa questão de maneira aprofundada, pois as fusões propostas de corpos remetem, naturalmente, às possibilidades de esses diálogos não serem apenas visuais, mas também se realizarem nas relações pessoais, com as suas múltiplas possibilidades. Existe, em cada peça, nesse aspecto, uma harmônica mensagem de esperança para que a humanidade possa, por meio da criação de elos mais profícuos, se dirigir a um melhor futuro coletivo.



Plini F | Ginasta | Escultura | 42x24x14cm | 2020



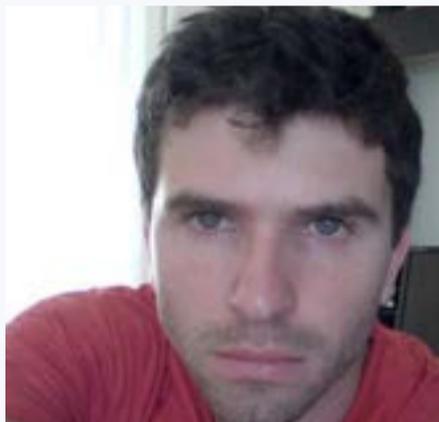
Plini F | Ser em Formação | Escultura | 30x34x26cm | 2020



Plini F | Reencontro
| Escultura |
31x25x26cm | 2020



Plini F | Feminino
| Escultura |
30x29x29cm | 2020

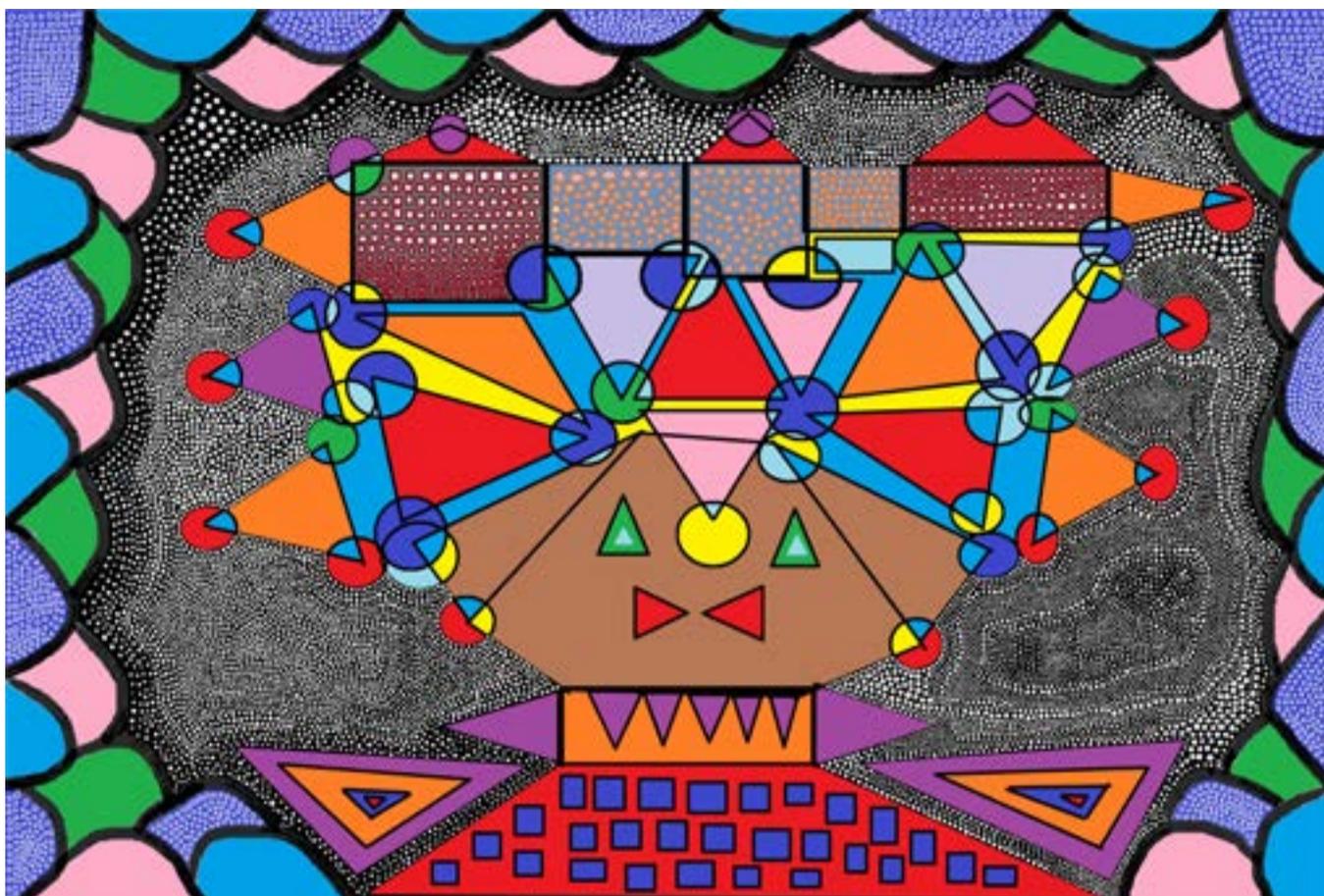


R. F. Bongarten

@fabricapoetica

contato@fabricapoetica.com.br

R. F. Bongarten, nasceu em Assis/SP em 09/06/1985. Desde criança desenhava animes e seriados que passavam na televisão. Fez seu primeiro Curso de pintura pelo Instituto Brasileiro de Cursos, Desenho Artístico em 2007. Apaixonado por Artes Abstratas se inspirou em Kandinsky, Pollok entre outros gênios deste seguimento. Em 2009 iniciou um projeto artístico de livros e artes chamado Fábrica Poética, cujo interesse era fazer qualquer tipo de texto poético, críticas aos problemas da sociedade. Profissionalizou-se somente em 2017 como artista plástico e digital. Vendendo suas obras na região. Em 2018 criou uma grande quantidade de cartão postais artísticos, com mais de 150 modelos profissionais.

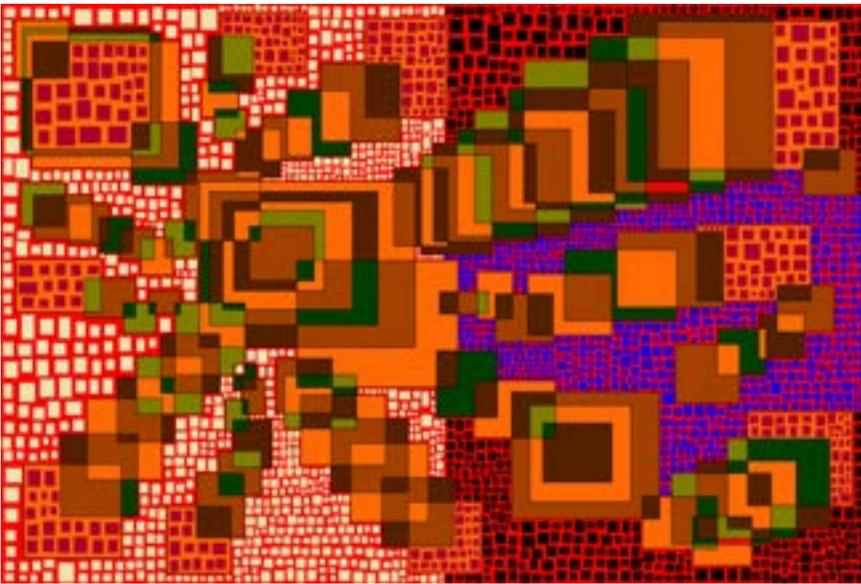


R. F. Bongarten | Minha Frida Geométrica | Arte digital | 75x50cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Geometrias, de R. F. Bongarten

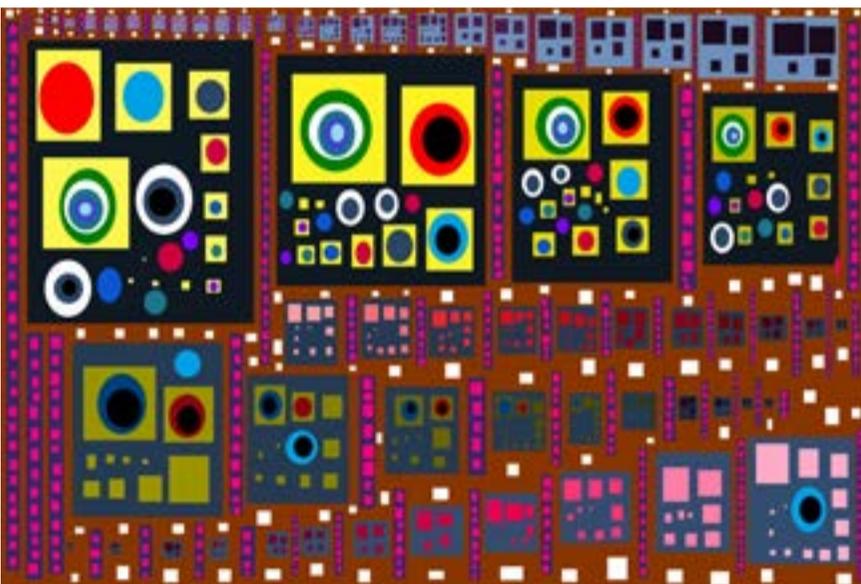
Cada artista percorre uma jornada interna, em relação à própria obra, e externa, em busca de reconhecimento. A caminhada lida com diversas dimensões do fazer, que incluem o diálogo com si mesmo, com a obra realizada e com a receptividade do público. Nessa caminhada, é necessário ter fibra para valorizar o que se faz e, ao mesmo tempo, manter a sensibilidade aberta às respostas de especialistas ou leigos. O estilo peculiar de R. F. Bongarten, nesse sentido, permite várias leituras. A maneira como utiliza as figuras geométricas é diferenciada. Cria composições em que as linhas retas predominam. Isso, contudo, não resulta em um trabalho rígido. As cores utilizadas e a presença de linhas curvas, em momentos cuidadosamente escolhidos, são essenciais para estabelecer conjuntos que, pela riqueza de detalhes e sutis contrastes, se harmonizam nos olhos do observador..



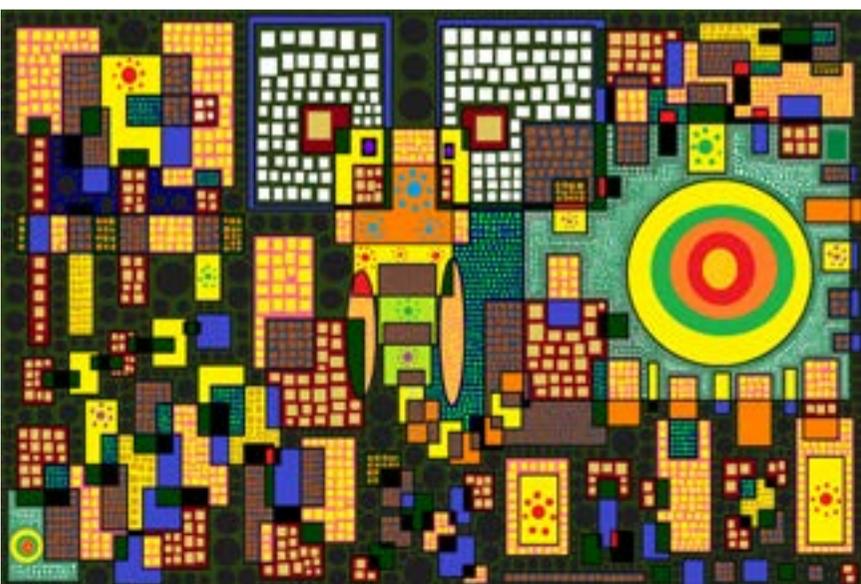
R. F. Bongarten | Incompatível | Arte digital | 75x50cm | 2020



R. F. Bongarten | Vareta Mágica | Arte digital | 75x50cm | 2020



R. F. Bongarten | Pratos | Arte digital | 75x50cm | 2020

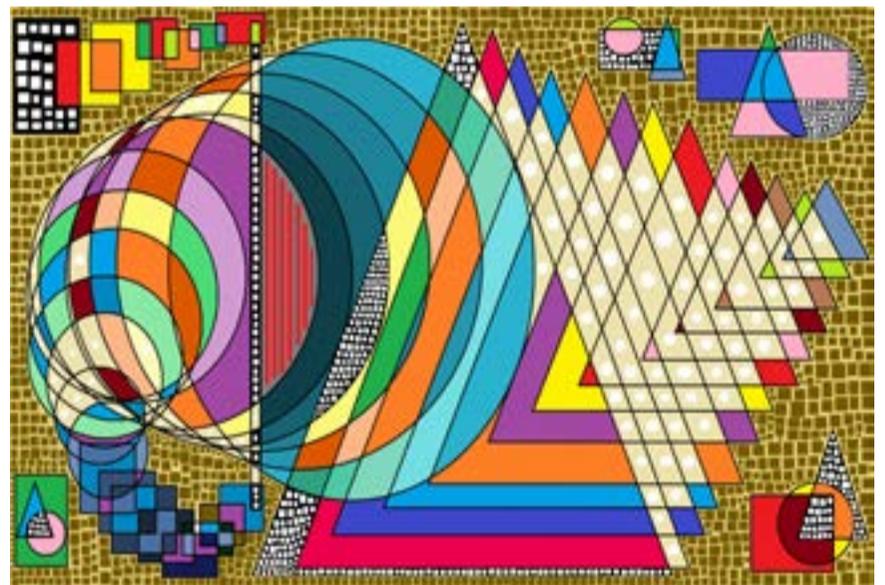


R. F. Bongarten | Mundi | Arte digital | 75x50cm | 2020

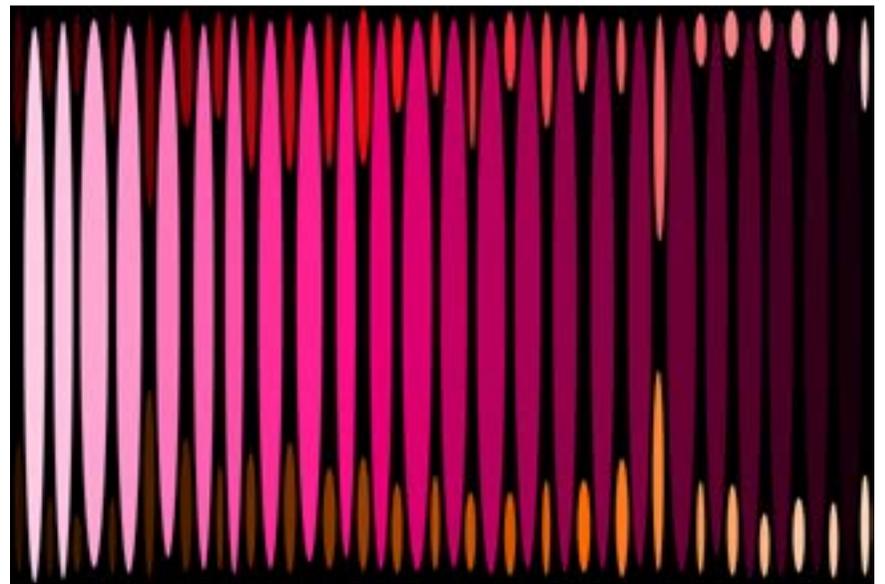
R. F. Bongarten | Palhaseto | Arte digital | 75x50cm | 2020



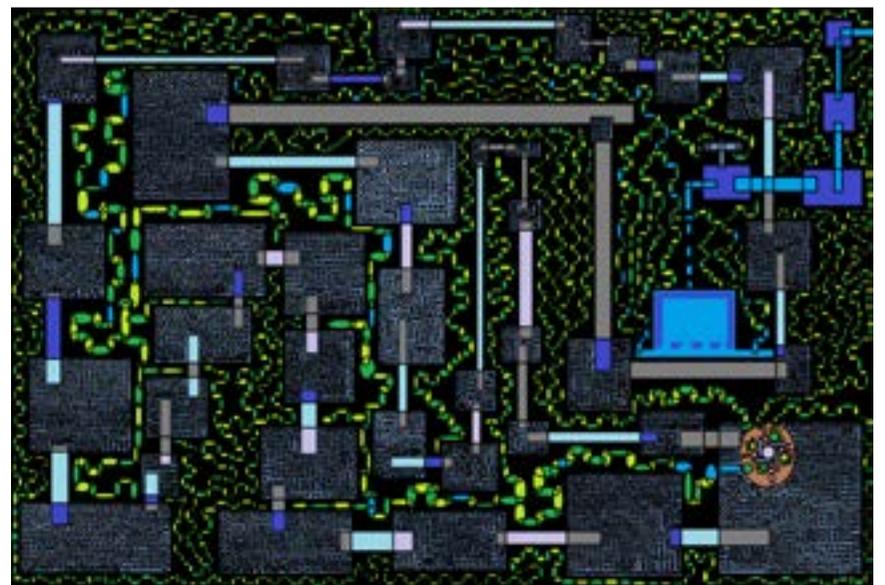
R. F. Bongarten | Obscuro | Arte digital | 75x50cm | 2020



R. F. Bongarten | Tendency | Arte digital | 75x50cm | 2020



R. F. Bongarten | A Vida Smpre Encontra um Meio | Arte digital | 75x50cm | 2020

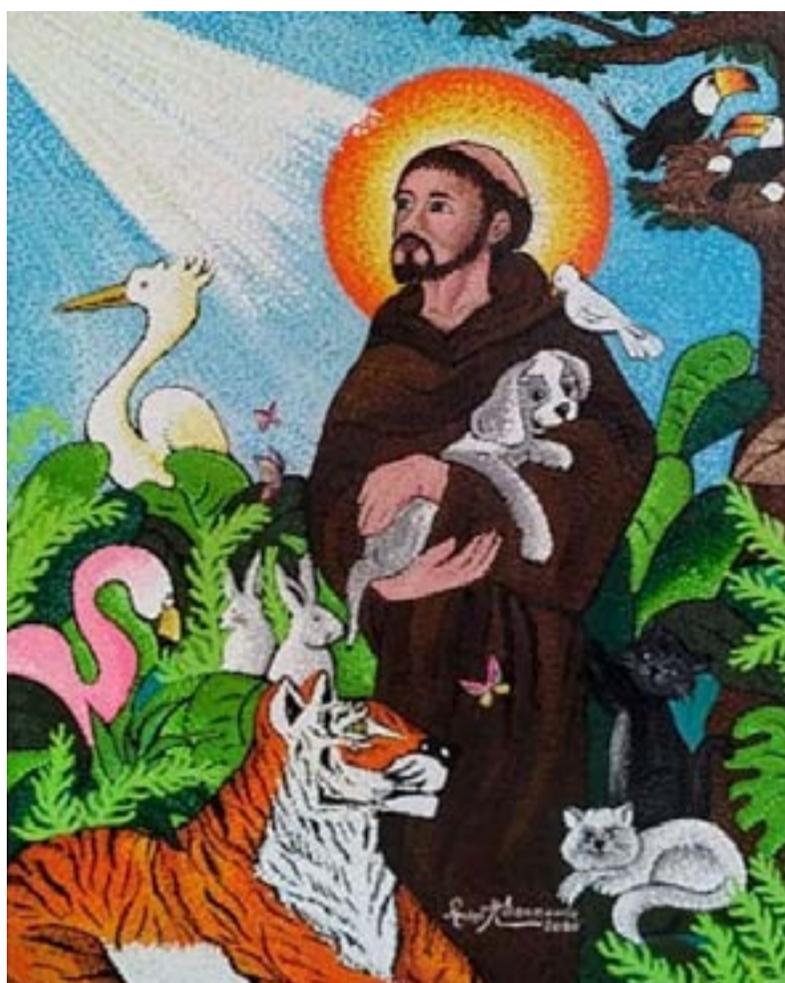




Regina Sganzerla

@reginasganzerlapires
regiclaud123@gmail.com

Regina Sganzerla traz como enredo condutor nas suas obras a temática fé e espiritualidade. Nas suas obras caracterizam-se as cores vibrantes que destacam a técnica utilizada por ela o pontilhismo policromático. Em suas obras contextualiza e valoriza o dinamismo da vida contemporânea sem perder a leveza e suavidade que nos remetem ao divino. Entre seus objetivos está o de evangelizar através da arte em temas que nos remetem ao criador e as criaturas, a natureza, reflexão, posicionamento e responsabilidade do homem perante ao planeta, ao ser humano a flora e fauna também se refletem em suas obras, além das relações humanas, família, resgate de valores, conflitos existenciais, educação cultural, valorização do papel da mulher entre outros. Sentimentos se refletem em suas obras como o amor, a paz, a amizade, etc. Com sua arte ela busca não fugir da essência, com imagens recontextualizadas buscando conviver no campo da expressão artística abrindo possibilidades e integrando novos significados pela arte.



Regina Sganzerla | São Francisco | Pintura | 180x100cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Pontilhismo cromático, de Regina Sganzerla Pires

Técnica de pintura que tem as suas raízes no impressionismo francês do século XIX, o pontilhismo consiste em justapor pequenas manchas ou pontos de cor em uma superfície de modo que elas provoquem, pela justaposição, uma mistura óptica nos olhos do observador, que é levado a dialogar com as formas e tonalidades que são assim construídas. Regina Sganzerla Pires trabalha seu pontilhismo cromático como técnica que, tanto na pintura como no mosaico, revela-se ideal para compor universos visuais. A artista consegue dessa maneira atingir seus objetivos, seja na representação de uma Santa Ceia ou na de uma figura sagrada, como São Francisco de Assis. O fascínio da técnica está no fato de ela demandar um estudo constante e aprofundado para saber aquilo que ela é capaz e como pode ser adaptada a cada circunstância.

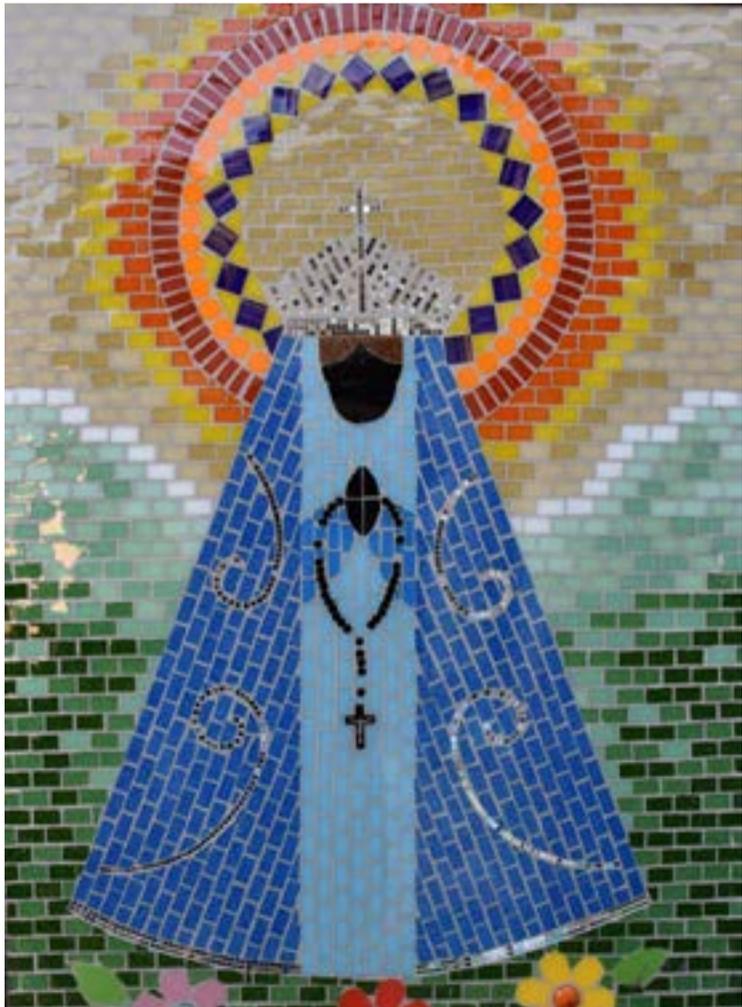


Regina Sganzerla | Nossa Senhora do Carmo | Pintura | 100x180cm | 2020



Regina Sganzerla | Santa Therezinha | Pintura | 100x180cm | 2020

Regina Sganzerla | mãe Aparecida | Mosaico | 100x180cm | 2020

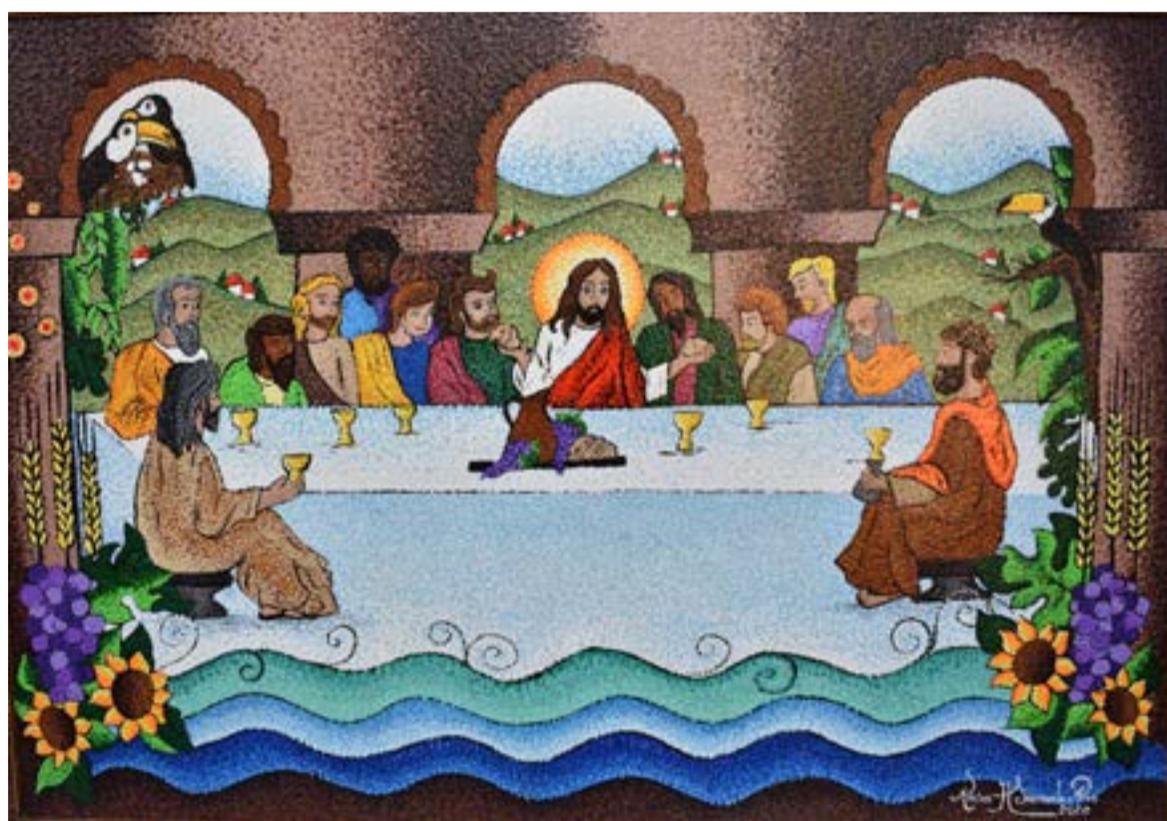


Regina Sganzerla | Aparecida | Mosaico | 100x180cm | 2020





Regina Sganzerla | Sant Ceia na Barca | Pintura | 130x90cm | 2020



Regina Sganzerla | Santa Ceia | Pintura | 130x90cm | 2020



Rodrigo Motta
@i@rodrigomotta_art
drrodrigo@belledevi.com.br

Rodrigo Motta, brasileiro, nascido em Ibitinga, interior de São Paulo, em 1975. Aos 11 anos, descobriu-se como apaixonado por artes plásticas. Iniciou curso de pintura à óleo e por esse período teve o primeiro contato com as telas. Coursou medicina e se especializou em cirurgia plástica. Mantinha-se ativo nas pinturas em abstrato com tinta acrílica e texturas, apenas como hobby e, finalmente, em 2020, assumiu-se também como artista plástico. A maioria de seus trabalhos é com óleo sobre tela e texturização. Segue uma linha mais contemporânea, figurativa e realística.



Rodrigo Motta | Frida | Técnica mista | 90x120cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Diálogos, de Rodrigo Motta

Sob certos aspectos, vivemos hoje um novo Renascimento no que diz respeito a uma valorização dos profissionais que lidam com distintos setores do conhecimento. Leonardo da Vinci, por exemplo, era cientista e artista. Guardadas as proporções, hoje existe uma valorização daqueles que conseguem cruzar saberes das exatas, das humanidades e das biológicas. O cirurgião plástico Rodrigo Motta (@rodrigomotta_art), ao atuar como artista visual, reforça que é possível estabelecer intersecções entre diferentes áreas do saber. A obra sobre a pintora mexicana Frida Kahlo traz o sutil diálogo entre o mundo interno da artista, mergulhado no preto e branco de uma vida amorosa sofrida, acompanhada de grande sofrimento físico após um acidente de trânsito, e o universo de cores nos seus adornos e no espaço onde ela morava. É dessas complexidades que o fazer de Rodrigo Motta se alimenta.



Página anterior:

Rodrigo Motta | Brincar de Índio | Técnica mista | 80x100cm | 2020



Rodrigo Motta | O Tigre | Técnica mista | 60x90cm | 2020



Rodrigo Motta | Dona Onça | Técnica mista | 60x90cm | 2020



Rodrigo Motta | Cavalos | Técnica mista | 80x120cm | 2020



Roseli Jacobsen
@roselijacobsen.art
roseli.jacobsen@outlook.com

Roseli Jacobsen (Sorocaba-SP) é uma artista plástica especializada em óleo e acrílico sobre tela e pintura em murais, de estilo realista e abstrato. É formada pela Escola Panamericana de Artes. Participou de 9 exposições coletivas e exposição individual com 24 telas no Banco do Brasil de Votorantim-SP. Formada em Direito e MBA em Gestão de Pessoas. Especialista na área de Desenvolvimento Humano e Organizacional atua como docente nas disciplinas de Liderança e Gestão de Pessoas. De forma contemporânea e acolhedora faz a diferença nos ambientes com a arte, através das paredes.



Roseli Jacobsen | Águas Cristalinas | Pintura à óleo | 80x140cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Conexões, de Roseli Jacobsen

As obras de arte ganham em riqueza interpretativa quando se tornam progressivamente abertas, ou seja, quando as possibilidades de interpretação se multiplicam. Existe assim o desafio de que cada imagem possa estabelecer conexões inesperadas entre aquilo que o artista pensou no ato de criação e o que o observador interpreta. Há nesse processo um diálogo de diferentes referenciais que gera leituras muitas vezes surpreendentes. As obras de Roseli Jacobsen (@roselijacobsen.art) têm seus pontos mais altos exatamente quando as perdas dos referentes concretos – ou mesmo a sua diluição – libertam os olhares. As amplas conexões possíveis entre formas e cores funcionam como janelas a ampliar a percepção de quem vê. As sugestões das imagens funcionam como sutis condutores de um processo mental em que a única proibição é não se permitir sonhar.



Roseli Jacobsen | Cores do Meu Quintal | Mural | 800x400cm | 2021





Roseli Jacobsen | Renascimento | Mural | 300x250cm | 2020



Roseli Jacobsen | Musa Inspiradora | Pintura à óleo | 100x120cm | 2020



Sandra Antunes
@sandra_s_antunes
sandra.antunes@outlook.com

Sandra Antunes é artista plástica, natural de Santo André -SP, reside em São José do Rio Preto. Formada em Artes e Pedagogia, especialista em Arte-Educação. Iniciou sua carreira aos dezesseis anos, como desenhista e desde então, vem trilhando os caminhos da arte e da educação. A artista está em busca de seu estilo, estudando e aprimorando suas técnicas. Beleza e delicadeza são presentes em suas obras. A artista participou de exposições nacionais e internacionais.



Sandra Antunes | Tranquilidade | Técnica mista | 90x90cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Azuis, de Sandra Antunes

Cor do céu e do mar, o azul se faz presente no trabalho de Sandra Antunes (@sandra_antunes_arts), trazendo numerosas analogias. As suas imagens lidam com a grandiosidade do espaço que a cor evoca, tanto ao representar uma cena mais estática quanto ao apontar para o mar revolto ou mesmo para ondas em sua energia transformadora. Observar os seus quadros é uma maneira de mergulhar em um mundo simbólico em que a água indica o potencial de purificação. Nessa óptica, o poder de metamorfose das águas ocorre em direção do desnudar de verdades arquetípicas universais. O seu fluxo de ir e de vir gera uma dinâmica que reposiciona corpos e mentes. A intensidade das obras da artista aponta assim para o poder das águas de tirar o que cada um tem de melhor dentro de si e entregá-lo ao mundo em um ciclo eternamente renovável.



Sandra Antunes | Alto Mar | Técnica mista | 90x90cm | 2020



Sandra Antunes | Movimento | Técnica mista | 90x90cm | 2020



Sandra Antunes | Alto Mar | Técnica mista | 90x90cm | 2020



Sandra Antunes | Caminhos | Técnica mista | 90x120cm | 2020



Sayuri Fukuoka
@sayuri.paperart
safukuoka.paperart@gmail.com

Sayuri Fukuoka é artista plástica autodidata. Sempre apaixonada por papel, se aventurou a aprender, em 2017, uma técnica que era um sonho: a Escultura em Papel. Essa principal técnica utilizada nas suas artes, transforma imagens em obras tridimensionais e exclusivas. Tesoura, bisturi e cola são seus melhores aliados. Com o tempo novas técnicas foram incorporadas nas artes. Sua missão é levar inspiração às casas das pessoas através das suas obras.



Sayuri Fukuoka | Cromo | Escultura em papel | 60x70cm | 2020

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Esculturas em papel, de Sayuri Fukuoka

Uma das maravilhas do mundo da arte é a existência da diversidade de técnicas. Cada uma delas oferta potencialidades a serem desenvolvidas e, para isso, cada criador, precisa estar sempre disponível a estudar, a aprender, a pesquisar e a ousar. É nessa mecânica que ocorre um progressivo amadurecimento rumo a diferenciadas maneiras de realizar a própria obra. Sayuri Fukuoka (@sayuri.paperart) trabalha com a escultura em papel dentro de diversas perspectivas, desenvolvendo uma linguagem visual que tanto caminha por experimentações cromáticas como percorre figurações, desde seres humanos a elementos simbólicos, como as borboletas, conectadas tradicionalmente com a renovação. Sua poética se dá em boa parte pela diversidade imagética, que conecta qualidade técnica, esmero na realização e busca constante de inovadoras soluções.



Sayuri Fukuoka | Divino
| Escultura em papel |
45x45cm | 2020



Sayuri Fukuoka | Nossa
Senhora | Escultura em
papel | 32x33cm | 2020



Sayuri Fukuoka | Veleiro
| Escultura em papel |
70x120cm | 2020



Sayuri Fukuoka | Nascer | Escultura em papel | 30x20cm | 2020



Sayuri Fukuoka | Borboletas | Escultura em papel | 40x30cm | 2020



Si Cavalcanti
@sicavalcanti_artes
sicavalcanti66@gmail.com

Carlos de Siqueira Cavalcanti - **SiCavalcanti**, é engenheiro mecânico por formação, e fotógrafo por vocação. Desde a juventude já tinha vontade de aprender a pintar, para poder pintar os objetos de suas fotos autorais. Porém com o advento da informática e com ela as máquinas digitais e as impressoras, passou a utilizá-las e imprimir as imagens digitais em telas. Ele se tornou artista plástico, com foco na natureza tanto figurativa floral, quanto abstrata e busca registrar em suas obras as belezas da natureza. Por onde passa, o artista procura levar para os ambientes residenciais e/ou laborativos aquilo que encontra no meio-ambiente: harmonia, tranquilidade, beleza, paz e alegria.



SiCavalcanti | Arco-Íris | Fotografia | 120x80cm | 2020

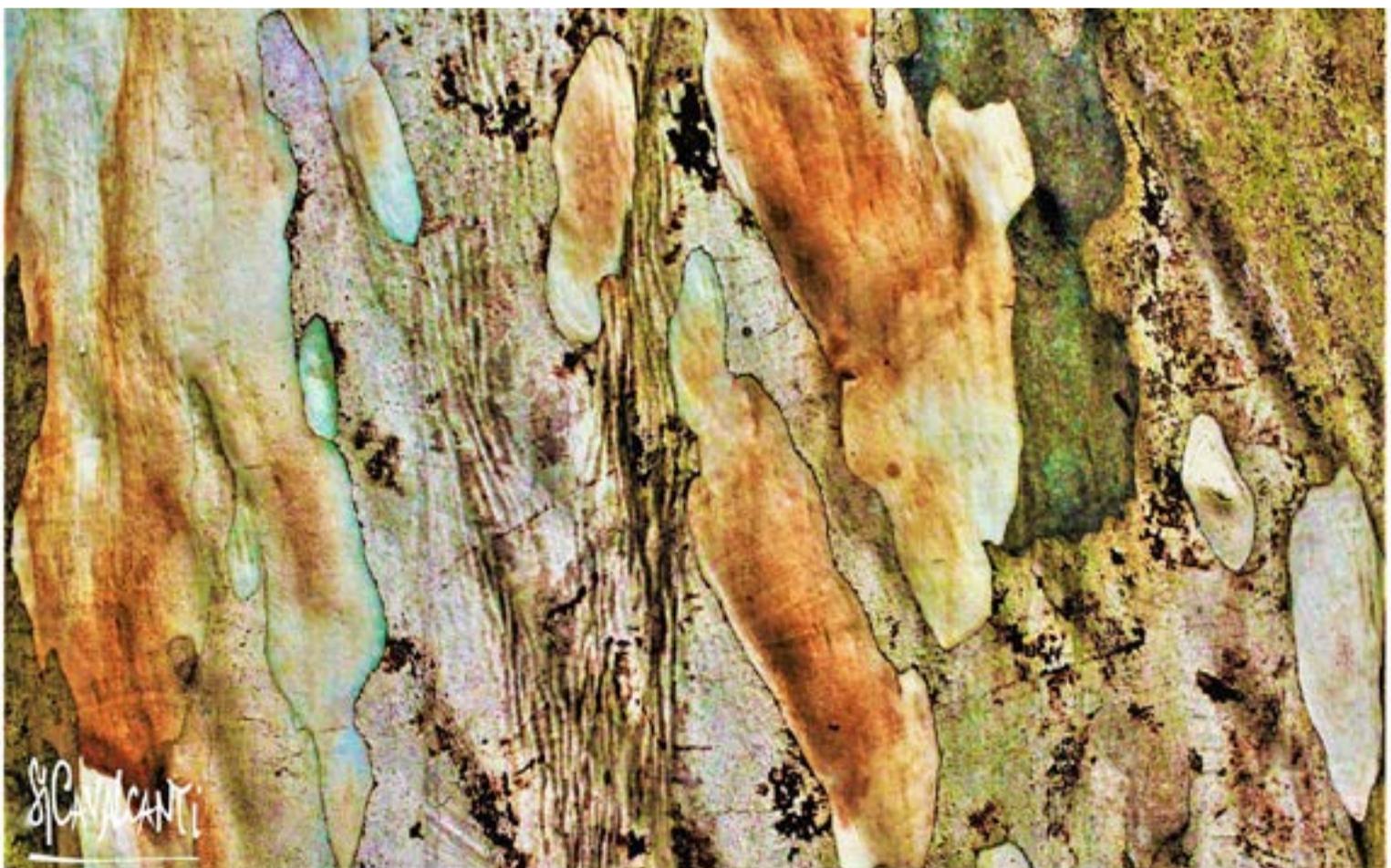
Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Detalhes, de SiCavalcanti

A fotografia em escala macro trabalha com detalhes geralmente despercebidos no cotidiano. Ao serem registrados em seu tamanho natural ou aumentados pela aproximação da câmera ou pelo uso de equipamentos e recursos adequados, geram um renovado impacto visual. As imagens de SiCavalcanti lidam com um universo em que as proporções são discutidas a todo instante. O que está em jogo é a capacidade de olhar e de perceber como há dimensões estéticas no que está ao nosso redor, principalmente na natureza. O desafio é desenvolver a percepção para captar o plástico naquilo que parece comum. Há, no pensamento macroscópico, dimensões que dialogam. Passam por caminhos que se inter cruzam. Temos, por exemplo, o olhar atento e sensível à imagem do fotógrafo, a capacidade técnica da reprodução e a exibição ao público, que terá as mais diversas reações.



SiCavalcanti | Rochedo | Fotografia | 120x80cm | 2020



SiCavalcanti | Abiaqui | Fotografia | 120x80cm | 2020



SiCavalcanti | Pirâmide | Fotografia | 120x80cm | 2020



SiCavalcanti | Detalhes | Fotografia | 120x80cm | 2020



Suely Bogo
@suely.bogo
suely.bogo@gmail.com

Suely Bogo vive e trabalha em São Paulo. Desenvolve seu trabalho através do diálogo entre a colagem, o bordado e o papel. Em sintonia com o momento, reaproveita materiais descartáveis como jornais e revistas. Seu suporte é o papel que resiste ao tempo. Suas linhas de bordado costuram caminhos e cicatrizes. Seus recortes e sua reorganização de fragmentos, revelam uma metáfora de nossas relações com o universo e com o tempo. Com poesia visual, sua obra nos convida a um novo olhar.

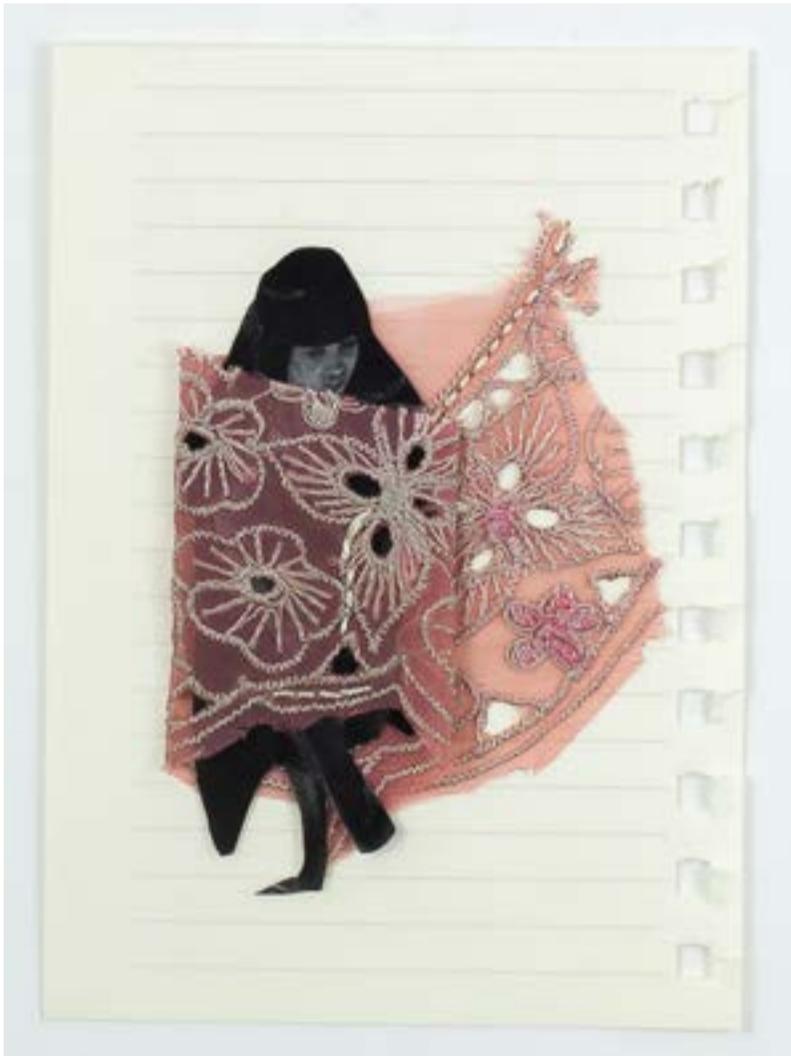


Suely Bogo | Maio | Colagem | 29x20cm | 2020

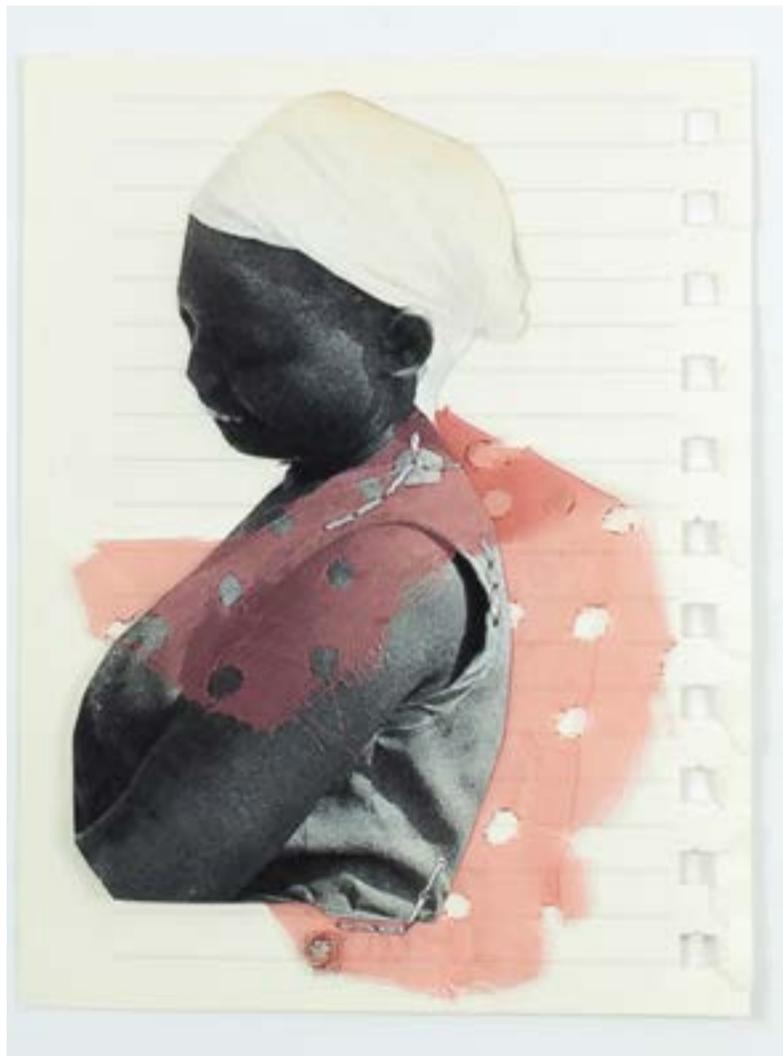
Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Visões, de Suely Bogochvol

As obras criadas por Suely Bogochvol são visões. Constituem interpretações que, a partir de diversas técnicas, permitem mergulhos silenciosos e profundos na alma. Um dos diferenciais da artista está na mescla de procedimentos em que os diálogos se estabelecem na imagem resultante. Isso demanda observação atenta. Está ali o papel, que vem da natureza; a colagem, que demanda um exercício de escolhas e de recomposições seguindo percursos próprios; e o bordado, cuja ação remete ao ato de recontar uma vida, construindo significados ponto a ponto. Amalgamar essas técnicas poderia gerar uma situação de conflito. Não é o que acontece. Há limpeza em cada criação, pois a sua força vem justamente de dizeres que encontram uma poética visual apropriada nas técnicas adotadas, que, ao caminharem juntas, ampliam suas potencialidades de criação de discursos.



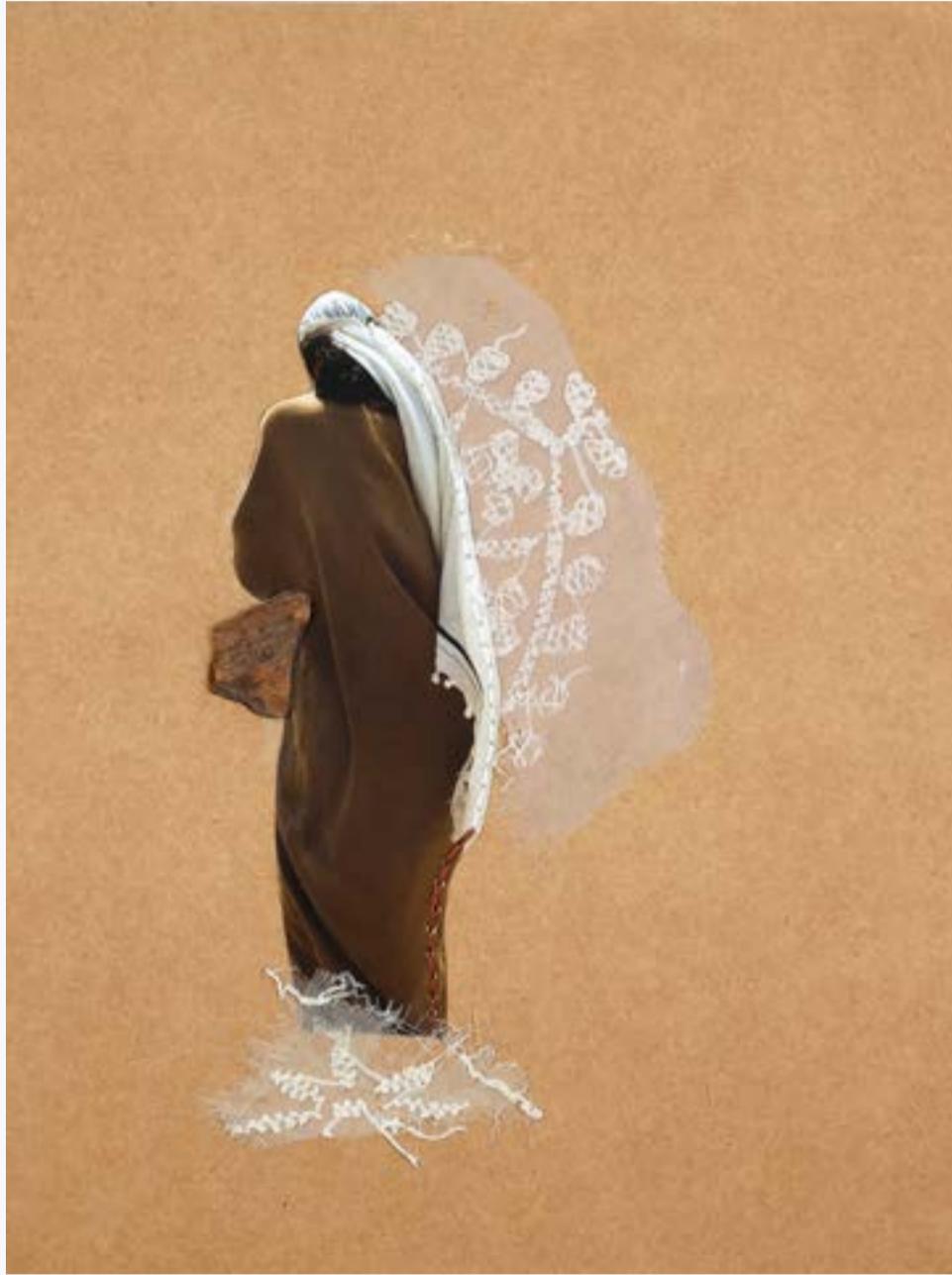
Suely Bogo | Diário | Colagem | 68x85cm | 2020



Acima, à esquerda:

Suely Bogo | Abraço | Colagem | 15x11cm | 2020

Suely Bogo | Espera | Colagem | 15x11cm | 2020



Suely Bogo | Caminho | Colagem | 30x20cm | 2020



Suely Bogo | Pedra | Colagem | 30x20cm | 2020



Suzanne Gomide

@suzannegomide
suzannegomide@yahoo.com.br

Suzanne Gomide vive em Uberlândia - MG. Arquiteta e artista Plástica, trabalha com óleo e acrílica sobre tela, tendo com foco a figura humana, no estilo figurativo contemporâneo. Acredita no poder transformador da arte em todos os sentidos. Ministra aulas de pintura como voluntária, no Hospital do Câncer de Uberlândia e numa comunidade que acolhe pessoas com dependência química. Em 2020 participou de várias exposições em São Paulo, dentre elas, a coletiva “RESISTENCIA DA ARTE”, “EXPO ARTE EDIÇÃO PRIME”, “PROJETO PARTAGER”, “VIVEZ L’ART” (modalidade: fotografia).



Suzanne Gomide | Buscas | Pintura à óleo | 90x90cm | 2021

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Rostos, de Suzanne Gomide

Por definição, o rosto é a parte anterior da cabeça, limitada por cabelos, orelhas e parte inferior do queixo. O vocábulo também se aplica ao semblante de uma pessoa. Os trabalhos de Suzanne Gomide (@suzannegomide) tratam dessas questões ao se debruçar sobre as potencialidades visuais do rosto feminino. Cada elemento pode ser analisado em detalhe, mas a força está no conjunto. É exatamente pela maneira como os elementos estão articulados que se torna possível penetrar na personalidade de cada personagem representado. Os olhos, abertos ou fechados, transmitem mensagens, que vão desde a busca de uma interiorização até os mais variados sentimentos. A pintura da artista se dá nos interstícios entre o dito e o sugerido. Nesse universo de indagações, cada imagem propõe desafios de leitura e de interpretação. Não há respostas fáceis, mas a proposta de um eterno buscar.

Suzanne Gomide | B Bardot | Pintura à óleo | 120x120cm | 2021



Suzanne Gomide | Olhar 2 | Pintura à óleo | 70x70cm | 2021



Suzanne Gomide | Olhar 1 | Pintura à óleo | 60x60cm | 2021



Suzanne Gomide | Olhar | Pintura à óleo | 80x80cm | 2021

Próxima página:

Suzanne Gomide | Alima | Pintura à óleo | 80x120cm | 2021





Thereza Toscano

@therezatoscano

therezatoscano37@gmail.com

Thereza Toscano é uma artista ítalo brasileira que trabalhou como professora de artes plásticas e cênicas no RJ. A partir de 1997 iniciou sua atividade em pinturas sobre tela, aperfeiçoando-se na Accademia D'Arte Firenze (AD'A). Participa de salões e exposições internacionais como no Carroussel do Louvre-Paris, Itália (Milão com individual e premiação, e Firenze), Nagoya-Japão, Inglaterra, Portugal , Barcelona etc. Entre comendas recebidas destacam-se a de Grande Mestre e a da Ordem da Cultura e Cavaleiresca de Santo Amaro E.Com obras em Museus e espaços Culturais tem como destaque uma obra de sua autoria no acervo de Sua Majestade Elizabeth II, 81º aniversário, ofertada pelo Governo Brasileiro em evento Brasil/Inglaterra.



Thereza Toscano | Outono II | Pintura acrílica | 60x80cm | 2019

Crítica de arte por Oscar D'Ambrósio

Atmosferas, de Thereza Toscano

Criar atmosferas visuais demanda uma reflexão sobre o ato de pensar a arte e sobre os mecanismos para que seja aprimorada. Essas esferas caminham em conjunto. É necessário, por um lado, desenvolver uma poética que busque um entendimento aprofundado do clima que uma pintura pretende gerar no observador. Seja de uma maneira mais intuitiva ou racional, há sempre alguma intencionalidade no processo criativo. Além disso, existe a capacidade técnica do pintar em si mesmo, que é um constante aprendizado. Thereza Toscano, seja em paisagens ou em detalhes da natureza, coloca esses esforços em pé de igualdade para oferecer ao público um trabalho que se caracteriza pela construção de uma representação visual que envolve a cuidadosa presença das tonalidades e o indagador instaurar de um local pictórico em que todo impossível se torna possível.



Thereza Toscano | Aves do Brasil II | Técnica mista |
150x80cm | 2021



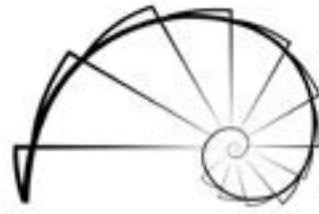
Thereza Toscano | Aves do Brasil | Técnica mista |
150x80cm | 2021

Próxima página:

Thereza Toscano | Rio 1930 | Técnica mista |
100x60cm | 2019



Therese
Treane



Artrilha Editora

ISBN: 978-65-991768-4-5

BR

